

Instituto Cultural do Cariri - Crato - Ceará

Itaytera

Nº 45 Ano 2001/2015

Crato, 250 anos
(2014)



Ifaytera

INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI

Fundado a 18 de outubro de 1953.

PRIMEIRO PRESIDENTE

Dr. Irineu Nogueira Pinheiro.

Registrado no Cartório do Registro de Títulos e Documentos,
Crato CE, no Livro A-1, fls. 417, sob o nº 6, em 30.09.54,
publicação no Diário Oficial em 20.10.54.

Reconhecido de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº
453, de 22.09.58. Reconhecido de Utilidade Pública pela Lei
Estadual nº 10.125, de 27.11.77, publicada no Diário Oficial
do mesmo dia.

CGC/MF nº 05357359-0001/86

INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI

Praça Filemon Teles, 01 - Centro, CEP 63.100-000

Crato-Ceará - Fone (88) 3523.3873

www.icccrato.blogspot.com

Itaytera

Sócios atuais do ICC

Esta listagem enumera os 110 ocupantes atuais das cadeiras do Instituto Cultural do Cariri, indicando seus respectivos patronos nas seções de Letras (39 ocupantes), Ciências (19), Folclore (15), Artes e Ofícios (36) e Filosofia (1). Sete cadeiras permanecem vagas desde o falecimento de seus ocupantes*. Constatam ainda nove sócios beneméritos, um dos quais em homenagem póstuma.

Conselho Superior (2014-2015)

Presidente

Napoleão Tavares Neves

Membros

José Huberto Tavares de Oliveira

Manoel Patrício de Aquino

Olival Honor de Brito

Diretoria (2014-2015)

Presidente

José Emerson Monteiro Lacerda

Vice Presidente

Weber Andrade de Girão e Silva

Secretário Geral

Francisco Huberto Esmeraldo Cabral

Tesoureiro

Roberto Jamacaru de Aquino

Secretário

Francisco Silvino da Silva

Expediente:

Capa e Diagramação

Cláudio Henrique Marques Peixoto

Revisão

Emerson Monteiro

Heitor Feitosa

Foto da Capa

Emerson Monteiro

Itaytera

Sumário

Lista das Cadeiras.....	9
Cadeiras vagas desde o falecimento de seus ocupantes:.....	25
60 anos do Instituto Cultural do Cariri	27
Troncos petrificados da Bacia do Araripe, Ceará	29
<i>Pessoas e lugares</i> , marco da memorialística do Cariri.....	3,9
O primeiro Juiz do Ceará: José Mendes Machado, <i>o Tubarão</i>	41
O santo e a Sedição	57
Animais descobertos na Chapada do Araripe	65
Notas à história política de Lavras.....	75
Carta a Patativa do Assaré	81
Coisas de antigamente.....	85
De Bagdá a Arneiroz	89
Eu sou do Crato!.....	93
Palavra cravada na alma.....	99
George Gardner e o Cariri.....	101
Lições	103
Maioridade penal.....	107
Padre Cícero: estudos e ordenação	111

Posse de Pedro Antônio no ICC	125
Riacho da Brígida.....	129
Professores recebem títulos da Urca.....	133
Centenário de Vicente Leite	137
Relação dos presidentes do ICC, de 1953 a 2014.....	141
Pedro Patrício, meu amigo.....	143
O destino acendeu e o tempo apagou	147
Jósio Araripe, meu irmão.....	153
Homenagem póstuma ao Dr. José Gil de Souza Borges.....	157
Aniversário do jornalista J. Lindemberg de Aquino.....	161
Crato turístico.....	165
Presença do Cariri.....	179
Três crônicas de Francisco Silvino.....	185
Ronaldo Gomes de Mattos	189
Inauguração da nova sede do ICC.....	191
Barbalha de ontem e de hoje	193
O calvário de Manoel Vieira	197
Chapada do Araripe.....	201
Golpe militar de 1964 visto por quem estava dentro do Palácio..	203
Instituto Cultural do Cariri - Cadeira Delmiro Gouveia	209



Itaytera

Lista das Cadeiras

Letras 1

- Patrono: (Pe.) José Antônio Maria Ibiapina
- 1º ocupante: João Lindemberg de Aquino

Letras 2

- Patrono: Bruno de Menezes
- 1º ocupante:
Raimundo de Oliveira Borges
- 2º ocupante: Ângelo Borges Papaléo

Letras 3

- Patrono: José Alves de Figueiredo
- 1º ocupante: José Alves de Figueiredo Filho
- 2º ocupante: (Pe.) Neri Feitosa

Letras 4

- Patrono: Alexandre Arraes de Alencar
- 1º ocupante: Maria Edméia Arraes de Alencar
- 2º ocupante: José Everardo Arraes Norões

Letras 6

- Patrono: Irineu Nogueira Pinheiro
 - 1º ocupante: (Pe.) Antônio Gomes de Araújo
 - 2º ocupante: José Emerson Monteiro Lacerda
- PRESIDENTE DO ICC
Editor da revista Itaytera

Letras 7

- Patrono: Antônio Barbosa de Freitas
- 1º ocupante: Otacílio Anselmo e Silva
- 2º ocupante: Olival Honor de Brito

Letras 8

- Patrono: Álvaro Bomilcar da Cunha
- 1º ocupante: José Newton Alves de Sousa

Letras 9

- Patrono: (Dom) Francisco de Assis Pires
- 1º ocupante: (Mons.) Rubens Gondim Lóssio
- 2º ocupante: (Mons.) Francisco de Holanda Montenegro
- 3º ocupante: (Dom) Fernando Panico

Letras 10

- Patrono: (Pe.) Emílio Leite Álvares Cabral
- 1º ocupante: Tomé Cabral dos Santos
- 2º ocupante: José Huberto Tavares de Oliveira (Bebeto)

Letras 11

- Patrono: Raimundo Gomes de Matos
- 1º ocupante: Pedro Gomes de Matos Jr.
- 2º ocupante: Raimundo Gomes de Matos

Letras 12

- Patrono: Leandro Bezerra Monteiro (Magistrado 2º Reinado)
- 1º ocupante: Raimundo Teles Pinheiro
- 2º ocupante: Antônio de Araújo Ribeiro

Letras 13

- Patrono: Otacílio Sampaio de Macêdo
- 1º ocupante: Joaquim Lobo de Macêdo (Joaryvar Macêdo)
- 2º ocupante: Hugo de Melo Rodrigues

Letras 14

- Patrono: Manuel Rodrigues Monteiro
- 1º ocupante: Francisco de Sousa Nascimento (F. S. Nascimento)

Letras 15

- Patrono: Leandro de Chaves e Melo Ratisbona
- 1º ocupante: Joaquim Pinheiro Monteiro
- 2º ocupante: Roberto de Sousa Borges

Letras 16

- Patrono: (Pe.) Francisco de Assis Pita
- 1º ocupante: Aécio Feitosa

Letras 17

- Patrono: João Brígido dos Santos
- 1º ocupante: Nertan Macêdo
- 2º ocupante: Emídio Macêdo Lemos
- 3º ocupante: Francisco José de Brito

Letras 18

- Patrono: Raimundo Monte Arraes
- 1º ocupante: José Arraes de Alencar
- 2º ocupante: Pedro de Araújo Bezerra

Letras 19

- Patrono: José Alves de Figueiredo Filho
- 1º ocupante: Mozart Soriano Aderaldo
- 2º ocupante: Wellington Alves de Sousa (Tontom)

Letras 20

- Patrono: José Martiniano de Alencar (pai)
- 1º ocupante: José Caminha de Alencar Araripe
- 2º ocupante: Joaquim Edvan Pires

Letras 21

- Patrono: (Mons.) Pedro Rocha de Oliveira
- 1º ocupante: (Pe.) Antônio Batista Vieira
- 2º ocupante: (Dom) Newton Holanda Gurgel

Letras 22

- Patrono: (Pe.) Antônio Gomes de Araújo
- 1º Ocupante: Alderico de Paula Damasceno
- 2º Ocupante: José Flávio Bezerra Moraes

Letras 23

- Patrono: Antônio Martins Filho
- 1º ocupante: Plácido Cidade Nuvens

Letras 24

- Patrono: (Madre) Ana Álvares Couto
- 1º ocupante: (Madre) Maria Carmelina Feitosa

Letras 25

- Patrono: João de Medeiros Ramos
- 1º ocupante: Oswaldo Alves de Sousa

Letras 26

- Patrono: (Pe.) Antônio Batista Vieira
- 1º ocupante: José Flávio Pinheiro Vieira

Letras 27

- Patrono: Raimundo Quixadá Felício
- 1º ocupante: Manoel Patrício de Aquino

Letras 28

- Patrono: (Mons.) Antônio Feitosa
- 1º ocupante: (Mons.) Manuel Alves Feitosa

Letras 29

- Patrono: (Mons.) Francisco de Holanda Montenegro
- 1º ocupante: (Pe.) Rocildo Alves de Lima Filho

Letras 30

- Patrono: Tomé Cabral Santos
- 1º ocupante: José Sarto Maria Cabral
- 2º ocupante: Geraldo Ananias Pinheiro

Letras 31

- Patrono: (Dom) Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva
- 1º ocupante: Policarpo Rodrigues Filho

Letras 32

- Patrono: (Dom) Vicente de Paulo Araújo Matos
- 1º ocupante: (Mons.) João Bosco Cartaxo Esmeraldo

Letras 33

- Patrono: Otacílio Anselmo da Silva
- 1º ocupante: Miguel Costa Barros

Letras 34

- Patrono: (Mons.) Rubens Gondim Lóssio
- 1º ocupante: (Pe.) Francisco Edimílson Neves Ferreira

Letras 35

- Patrono: José Colombo de Sousa
- 1º ocupante: José Jézer de Oliveira

Letras 37

- Patrono: Raimundo Girão
 - 1º ocupante: Weber Andrade de Girão e Silva (Weber Girão)
- VICE-PRESIDENTE**

Letras 38

- Patrono: José Bizerra de Brito
- 1º ocupante: Carlos Rafael Dias

Letras 39

- Patrono: Bermardina Vilar de Alencar Costa
- 1º ocupante: Maria do Rosário Lustosa da Cruz

Letras 40

- Patrono: (Pe.) Joaquim Marques de Alencar Peixoto
- 1º ocupante: José Peixoto Júnior

Letras 41

- Patrono: Raimundo de Oliveira Borges
- 1º ocupante: Francisco Neto de Borges Reis

Ciências 1

- Patrono: Barreto Sampaio
- 1º ocupante: Napoleão Tavares Neves

Ciências 2

- Patrono: José Denizard Macedo de Alcântara
- 1º ocupante: Armando Lopes Rafael

Ciências 3

- Patrono: Antônio Macário de Brito
- 1º ocupante: Humberto Macário de Brito

Ciências 5

- Patrono: Miguel Arraes de Alencar
- 1º ocupante: Francisco Tadeu Barbosa de Alencar

Ciências 6

- Patrono: Marcos Antônio de Macedo
- 1º ocupante: Carlos Alberto Ferreira de Alencar

Ciências 7

- Patrono: Wilson Gonçalves
- 1º ocupante: José Kleber Callou Filho

Ciências 8

- Patrono: Ossian de Alencar Araripe
- 1º ocupante: Samuel Vilar de Alencar Araripe

Ciências 9

- Patrono: Francisco Martins (Fran Martins)
- 1º ocupante: Maria das Graças Albuquerque Costa de Aquino

Ciências 13

- Patrono: José do Vale Arraes Feitosa
- 1º ocupante: José do Vale Pinheiro Feitosa

Ciências 15

- Patrono: Pedro Felício Cavalcanti
- 1º ocupante: José Kleber Callou

Ciências 17

- Patrono: Gutemberg Sobreira de Menezes
- 1º ocupante: Antônio Ronaldo Cordeiro Lima

Ciências 19

- Patrono: João Gonçalves de Sousa (Min. João Gonçalves)
- 1º ocupante: Melquíades Pinto Paiva

Ciências 22

- Patrono: Francisco Ferreira de Assis
- 1º ocupante: Francisco César Ferreira

Ciências 25

- Patrono: Luiz de Borba Maranhão
- 1º ocupante: José de Paula Bantim

Ciências 27

- Patrono: Elysio Gomes de Figueiredo
- 1º ocupante: João Marni Figueiredo

Ciências 29

- Patrono: José Waldemar Alcântara e Silva
- 1º ocupante: Lúcio Gonçalo de Alcântara

Ciências 30

- Patrono: Clóvis Beviláqua
- 1º ocupante: Aglézio de Brito

Ciências 33

- Patrono: Joaquim Fernandes Teles
- 1º ocupante: Ebert Fernandes Teles

Ciências 35

- Patrono: Raimundo de Norões Milfont
- 1º ocupante: Audir de Araújo Paiva

Folclore 1

- Patrono: Leonardo Ferreira Mota
- 1º ocupante: Elói Teles de Moraes
- 2º ocupante: Maria Anilda de Figueiredo

Folclore 2

- Patrono: Antônio Gonçalves da Silva (Patativa do Assaré)
- 1º ocupante: Francisco de Assis Brito

Folclore 3

- Patrono: Elói Teles de Morais
- 1º ocupante: Luciano Carneiro de Lima

Folclore 4

- Patrono: Aderaldo Ferreira de Araújo (Cego Aderaldo)
- 1º ocupante: José Hélder França (Dedé de Zeba)

Folclore 5

- Patrono: Luís da Câmara Cascudo
- 1º ocupante: Francisco Willian Brito Bezerra

Folclore 7

- Patrono: José Carvalho (Cariri Braúna)
- 1º ocupante: José Wilton Soares e Silva (Dedê)

Folclore 8

- Patrono: José de Matos (Zé de Matos)
- 1º ocupante: Antônio Vicelmo do Nascimento

Folclore 9

- Patrono: Pedro Teles
- 1º ocupante: Francisco Araújo Teles (Tutita)

Folclore 10

- Patrono: José Francisco Luna (Dedé de Luna)
- 1º ocupante: José Carlos Araújo (Cacá Araújo)

Folclore 11

- Patrono: João Alves Rocha
- 1º ocupante: Francisco Alves Rocha

Folclore 12

- Patrono: Francisco Correia Lima (Correinha)
- 1º ocupante: Josenir Amorim Alves de Lacerda

Folclore 13

- Patrono: Hilário Lucetti
- 1º ocupante: Cícero Magérbio Rodrigues de Lucena e Monte

Folclore 14

- Patrono: Alexandre Francisco Cerbelon Verdeixa (Pe. Verdeixa)
- 1º ocupante: Eugênio Dantas de Medeiros

Folclore 16

- Patrono: Pio Carvalho
- 1º ocupante: João Bosco de Sousa Rodrigues (Bosco Catingueira)

Folclore 17

- Patrono: João Teixeira Guimarães (João Pernambuco)
- 1º ocupante: João Ulisses Filho (João do Crato)

Folclore 19

- Patrono: José Martins D'Alvarez
- 1º ocupante: Francisco Jorge Carvalho Alves de Sousa

Artes e Ofícios 1

- Patrono: Carlos Maria Fonseca de Ferrara (Frei Ferrara)
- 1º ocupante: (Pe.) Antônio Teodósio Nunes

Artes e Ofícios 3

- Patrono: Walderedo Gonçalves de Oliveira
- 1º ocupante: Vicente Jurandir Temóteo de Sousa (Jurandy Temóteo)

Artes e Ofícios 4

- Patrono: Branca Bilhar
- 1º ocupante: Dihelson José Mendonça de Sousa

Artes e Ofícios 5

- Patrono: Vicente Rosal Ferreira Leite
- 1º ocupante: Edilson Cordeiro da Rocha

Artes e Ofícios 6

- Patrono: Manuel Soriano de Albuquerque
- 1º ocupante: Ricardo Alencar Correia

Artes e Ofícios 7

- Patrono: Arnaldo Salpéter
- 1º ocupante: José Hugo de Alencar Linard

Artes e Ofícios 8

- Patrono: Manuel Augusto dos Santos (Maestro Azul)
- 1º ocupante: José Bonifácio Salvador

Artes e Ofícios 10

- Patrono: Jefferson de Albuquerque e Sousa
- 1º ocupante: Francisco Edésio Batista

Artes e Ofícios 11

- Patrono: José Jatay
- 1º ocupante: Francisco Correia Lima (Correinha)
- 2º ocupante: Francisca Maria Cardoso de Oliveira (Mana)

Artes e Ofícios 12

- Patrono: José de Figueiredo Brito
- 1º ocupante: Telma de Figueiredo Brilhante

Artes e Ofícios 13

- Patrono: Raimundo Pinheiro Pedrosa (Bruno Pedrosa)
- 1º ocupante: George Hugo Silva Macário de Brito

Artes e Ofícios 14

- Patrono: Júlio Saraiva Leão
- 1º ocupante: Maria Telma Saraiva da Rocha

Artes e Ofícios 15

- Patrono: Pedro Maia
- 1º ocupante: Henrique Maia

Artes e Ofícios 16

- Patrono: Cursino Belém de Figueiredo
- 1º ocupante: Roberto Jamacaru de Aquino Tesoureiro

Artes e Ofícios 17

- Patrono: Agostinho Balmes Odísio
- 1º ocupante: Waldemar Arraes de Farias Filho

Artes e Ofícios 18

- Patrono: José Wilson Machado Borges
 - 1º ocupante: Francisco Huberto Esmeraldo Cabral
- SECRETÁRIO GERAL

Artes e Ofícios 20

- Patrono: Thomaz Osterne de Alencar
- 1º ocupante: Pedro Ernesto de Alencar

Artes e Ofícios 21

- Patrono: Fideralina Corrêa de Amora Maciel (Sinhá D´Amora)
- 1º ocupante: Edilma Chagas da Rocha

Artes e Ofícios 22

- Patrono: Joaquim da Cruz Neves
- 1º ocupante: Eugênio Pachelly Jamararu de Aquino

Artes e Ofícios 23

- Patrono: Paulo Elpídio de Menezes
- 1º ocupante: Luiz José Teles dos Santos

Artes e Ofícios 24

- Patrono: Vicência Garrido
- 1º ocupante: Claude Berthe Bloc Boris

Artes e Ofícios 25

- Patrono: Bárbara Pereira de Alencar
- 1º ocupante: Maria La-Salete Libório Ribeiro da Silva

Artes e Ofícios 26

- Patrono: Tristão Gonçalves de Alencar Araripe
- 1º ocupante: Pedro Antônio de Lima Santos

Artes e Ofícios 27

- Patrono: José de Oliveira Lima (Zé Cirilo)
- 1º ocupante: Francisco Heron Aquino de Oliveira

Artes e Ofícios 28

- Patrono: Hildegardo Benício
- 1º ocupante: Abidoral Rodrigues Jamararu Filho

Artes e Ofícios 30

- Patrono: Pedro Gonçalves Norões
- 1º ocupante: Maria Lúcia de Brito Gonçalves Siebra

Artes e Ofícios 31

- Patrono: (Pe.) David Moreira
- 1º ocupante: (Mons.) Ágio Moreira

Artes e Ofícios 32

- Patrono: Emídio Lemos
- 1º ocupante: Geraldo José Macedo Lemos

Artes e Ofícios 33

- Patrono: Delmiro Gouveia
- 1º ocupante: Luiz Gastão Bittencourt

Artes e Ofícios 35

- Patrono: Luiz Gonzaga do Nascimento (Gonzagão)
- 1º ocupante: Francisco Hildelito Parente de Alencar

Artes e Ofícios 36

- Patrono: (Brig.) José Sampaio Macedo
- 1º ocupante: Ricardo de Macedo Biscuccia

Artes e Ofícios 37

- Patrono: Francisco Cícero Pierre
- 1º ocupante: João Teófilo Pierre

Artes e Ofícios 38

- Patrono: Cícero Alves de Sousa (Cícero Coló)
- 1º ocupante: Maria de Fátima Lemos Alves

Artes e Ofícios 39

- Patrono: Vittorio Di Maio
- 1º ocupante: Glauco Vieira Fernandes

Artes e Ofícios 41

- Patrono: Euclides Francelino de Lima
- 1º ocupante: José Hamilton de Lima Barros

Artes e Ofícios 42

- Patrono: Luiz Gonzaga de Oliveira (Gonzaguinha)
- 1º ocupante: Jackson Oliveira Bantim (Bola)

Filosofia 1

- Patrono: Antônio Filgueiras Lima
- 1º ocupante: José Humberto Tavares de Oliveira



Itaytera

Cadeiras vagas desde o falecimento de seus ocupantes:

Letras 5

- Patrono: (Mons.) Pedro Esmeraldo da Silva
- 1º ocupante: Maria de Lourdes Esmeraldo
- Último ocupante: Maria Sarah Esmeraldo Cabral

Ciências 21

- Patrono: Antônio José Gesteira
- Último Ocupante: Antônio Luiz Barbosa Filho

Ciências 31

- Patrono: Gilberto Dummar Pinheiro
- Último ocupante: Hélio Pinheiro Teles

Artes e Ofícios 2

- Patrono: Salviano Arraes Saraiva
- Último ocupante: José Correia Filho

Artes e Ofícios 9

- Patrono: Waldemar Garcia
- 1º ocupante: Amarílio Carvalho

Artes e Ofícios 29

- Patrono: Francisco de Assis Leite
- Último ocupante: Francisco Jackson Nuvens de Alencar

SÓCIOS BENEMÉRITOS

- SB-001-Setembro de 2006
José Arlindo Siebra Sampaio Jr.
- SB-002-Outubro de 2013
Ronaldo Sampaio Gomes de Mattos
- SB-003-Outubro de 2013
Samuel Macêdo Lobo
- SB-004-Outubro de 2013
Antônio Francisco do Nascimento (Antônio Limão)
- SB-005-Outubro de 2013
João Fernandes Lima
- SB-006-Outubro de 2013
Fabíola Alencar de Biscuccia
- SB-007-Outubro de 2013
Ariovaldo Carvalho
- SB-008-Outubro de 2013
Francisco Eli de Meneses
- SB-009-Outubro de 2013
José Sarto Cabral

Itaytera

60 anos do Instituto Cultural do Cariri

Durante as comemorações do centenário de elevação do Crato à categoria de cidade, em quatro de outubro de 1953 surgiu a ideia de criação do Instituto Cultural do Cariri (ICC), por iniciativa dos intelectuais J. de Figueiredo Filho, Irineu Pinheiro, Pe. Antônio Gomes de Araújo e Raimundo Girão. Sua finalidade é reunir apologistas da arte, cultura e ciência de abrangência regional, além de promotores do desenvolvimento social ambientalmente sustentável. Atualmente, o ICC conta com dezenas de associados fundadores, efetivos, efetivos acadêmicos, correspondentes, honorários e beneméritos nas seções de letras, ciências, folclore, artes e ofícios e filosofia. Entre as ações realizadas pelo ICC, destacam-se: a fundação do Clube de Amigos do Folclore, a criação do Festival Folclórico do Cariri e a promoção do Seminário de Estudos do Cariri, além da criação da Fundação Cultural J. de Figueiredo Filho, juntamente com a Prefeitura Municipal do Crato e Museu Itaytera. Atualmente, abriga rico acervo documental com a finalidade de conservação e pesquisa; mantém a publicação de seu periódico desde 1955, a revista Itaytera; realiza apresentações públicas de

estudos, inclusive sobre patronos de cadeiras ou de seus ocupantes anteriores durante a posse de novos sócios; promove campanhas fortuitas de defesa dos interesses regionais; desenvolve ações de conservação ambiental, norteadas pelo Projeto Soldadinho-do-araripe, incluindo um centro de visitantes e viveiro de mudas para restauração florestal; além de abrigar o Memorial da imagem e do Som, Luíz Gonzaga de Oliveira. O ICC conta com uma sede inaugurada em outubro de 2006, na gestão de Manoel Patrício de Aquino, estando situado na Praça Coronel Filemon Teles, Centro, Crato/CE, CEP 63.100-482 e telefone (88) 3523-3873. O auditório do ICC (Salão de Atos Nilton Melo Almeida) é disponibilizado para a execução de atividades culturais previamente agendadas, como peças teatrais, reuniões, palestras e lançamentos de livros. Através do diário eletrônico virtual (icccrato.blogspot.com), abrimos mais um canal de comunicação com a sociedade, dando continuidade a um novo ciclo de renovação do ICC, nos seus 60 anos de existência.

› Atual Diretoria da Agremiação:

- José Emerson Monteiro Lacerda, *Presidente*
- Weber Andrade Girão e Silva, *Vice Presidente*
- Francisco Huberto Esmeraldo Cabral, *Secretário Geral*
- Roberto Jamacaru, *Tesoureiro*
- Francisco Silvino da Silva, *Secretário*



Itaytera

Troncos petrificados da Bacia do Araripe, Ceará

Benicia de Almeida Dias Honório¹; José Artur Ferreira Gomes de Andrade² e Djalma Mourão Albano³*

Geólogos - Departamento Nacional de Produção Mineral, Superintendência Ceará^(1,2,3)

benicia.honorio@dnpm.gov.br¹; artur.andrade@dnpm.gov.br²;
djalma.albano@dnpm.gov.br³

INTRODUÇÃO

A Bacia do Araripe se formou há cerca de 200 milhões de anos, quando o Pangea começou a se fragmentar e a América do Sul iniciou sua separação da África no final do período Jurássico, 145 milhões de anos. No Cretáceo, por volta de 110 milhões de anos com a continuidade do afastamento dessas duas massas continentais originou-se o oceano Atlântico, que atualmente continua em movimento de separação, cerca de 1cm/ano.

Na região que hoje constitui a Bacia do Araripe existia um gran-

de lago de água doce que devido à influência do oceano Atlântico, foi ficando salgado. A contínua mudança entre água doce e a chegada da água salgada, houve entrada de várias espécies marinhas e a morte e soterramento de peixes, insetos, plantas, répteis aquáticos e voadores (pterossauros), crustáceos, equinodermos, gastrópodes, penas, dinossauros carnívoros e lagartos, não adaptados as mudanças ambientais.

Após vários soterramentos ocorreu a formação das camadas sedimentares as quais, posteriormente foram soerguidas devidos movimentos tectônicos formando a Chapada do Araripe. A mesma destaca-se na geomorfologia pela existência da feição tabular e arcabouço estratigráfico constituído por seqüências de rochas de idade Paleozóica-Mesozóica empilhadas em camadas que seguindo a proposta estratigráfica de Ponte e Appi (1996), segue o seguinte ciclo de deposição: Embasamento Cristalino, Formação Mauriti, Formação Brejo Santo, Formação Missão Velha, Formação Abaiara, Formação Batateira, Formação Santana (Membro Crato, Membro Ipubi, Membro Romualdo), Formação Arajara, Formação Exu e Depósitos recentes do Quaternário.

A Formação Missão Velha comporta os arenitos com troncos silicificados, sobrejacentes aos folhelhos da Formação Brejo Santo. O contato entre as duas unidades é concordante, mostra granocrescência ascendente gradual dos pelitos avermelhados da Formação Brejo Santo para os arenitos da Formação Missão Velha, permite interpretar um empilhamento sedimentar progradante, onde lagos rasos e/ou planícies aluviais distais úmidas foram colmatadas por sistemas fluviais, através de rios entrelaçados de pequeno a médio porte, mas de alta energia (Assine, 1992).

Com o intuito de contribuir no estudo paleontológico da região, foram caracterizados cinco troncos, enumerados, fotografados, retiradas medidas de diâmetro e comprimento e feitas correlações com outros trabalhos existentes. Os mesmos pertencem ao acervo técnico do Escritório Regional Crato, Superintendência DNPM/CE, os quais foram coletados nos municípios de Missão Velha, Abaiara, Brejo Santo

e Mauriti, durante fiscalizações para coibir a extração ilegal de material fóssil.

› LOCALIZAÇÃO

A Bacia do Araripe encontra-se no interior do nordeste brasileiro, em terrenos pré-cambrianos da Zona Transversal da Província Borborema, a sul do Lineamento de Patos, entre os estados do Ceará, Pernambuco e Piauí, entre os meridianos $7^{\circ}0,5''$ e $7^{\circ}50'S$, $38^{\circ}30''$ e $40^{\circ}50'W$ (Figura 1).

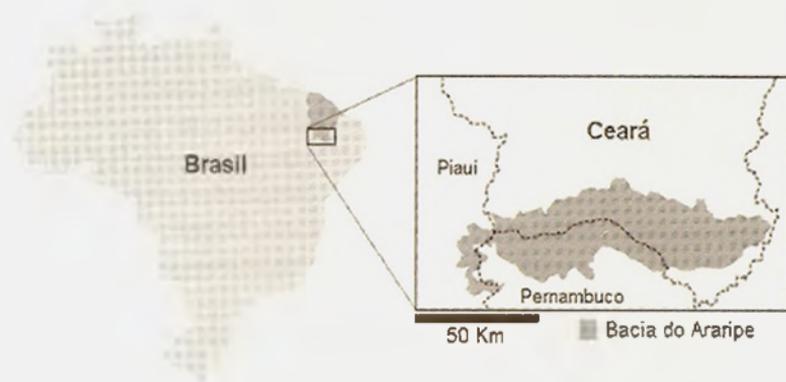


Figura 1-Localização da Bacia Sedimentar do Araripe

› HISTÓRICO

Beurlen (1963) descreveu a ocorrência de troncos silicificados de 30 cm de diâmetro entre os municípios de Milagres e Missão Velha. Braun (1966) mencionou que os troncos deveriam pertencer a uma exuberante floresta de gimnosperma, alóctones, arrancados de montanhas adjacentes e carregados para bacia por correntes de alta energia, com rápido soterramento. Viana & Cavalcante (1989/1991), menciona

os troncos no Cruzeiro próximo ao município de Abaiara, com 170cm de diâmetro x 140cm de comprimento.

Bolson, Cardoso e Andrade (2003), em estudo mineralógico e petrográfico de lâminas transversais e longitudinais em tronco com 18 x 34cm da localidade olho d'água, determinaram que ocorreu degradação do tecido lenhoso antes do início do processo de silicificação devido a baixa preservação celular e que o material é basicamente composto por quartzo.

Freitas, Hessel e Nogueira Neto (2008), determinaram que as madeiras fósseis mostram o xilema secundário com traqueídeos e canais resinosos, sem anéis de crescimento, preservados por petrificação das paredes e permineralização dos espaços celulares por sílica, o que permite dizer que são madeiras silicificadas. Há marcas de ramificação dispersas na superfície do lenho. Com estas feições (medula reduzida e ramos dispersos ao longo de troncos retilíneos e de grande porte, com madeira simples e canais resinosos), estes restos vegetais podem ser referidos ao gênero *Dadoxylon*, correspondendo a representantes das taxodiáceas, pináceas ou queirolepdiáceas. O paleoambiente era fluvial em um sistema de leques aluviais e rios entrelaçados, sob clima quente e úmido.

Pires e Sommer (2009) em análise de anéis de crescimento dos troncos silicificados da localidade gruta funda em Missão Velha, caracterizaram uma alternância climática de período seco e chuvoso devido precipitações cíclicas típicas de clima úmido e seco ou de savana tropical.

› RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o processo de formação das rochas sedimentares, (litificação e compactação) ocorre um conjunto de fenômenos físicos e químicos que transformam os sedimentos móveis em rochas e os fragmentos vegetais ou animais contidos, em fósseis pelos processos de

compressão, carbonização, petrificação ou silicificação e permineralização. A petrificação ocorre quando um fragmento vegetal é imerso em um ambiente aquoso com altas concentrações de minerais dissolvidos, ocasionando a lenta troca iônica entre as moléculas das células das plantas e os minerais presentes. A permineralização acontece quando há precipitação e cristalização de mineral nos espaços de dissolução de material orgânico da planta, ocasionada geralmente por mudança de pH do meio.

Os troncos, geralmente são encontrados espalhados pelo chão de forma aleatória, sem ramos ou outros órgãos vegetais conectados e são poucos afloramentos onde os mesmos acham-se inclusos nos sedimentos e/ou rochas (Figura 2-a,b,c,d).

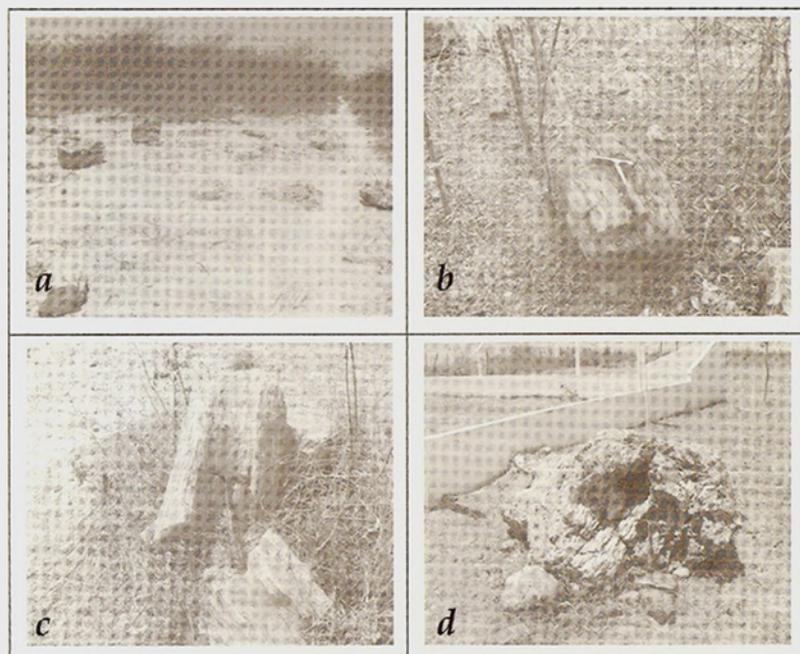


Figura 2-Forma de ocorrência dos troncos. 2-a: Abaiara/CE (07°20'22,7"S 39°02'17,1"W), 2-b: Mauriti/CE (07°31'15,8"S 38°49'15,8"W) 2-c: Brejo Santo - Fazenda Pau Branco (07°27'50,8"S 38°59'55,6"W) 2-d: Brejo Santo - Localidade Poço do Pau (07°33'04,1"S 38°50'05,1"W).

As dimensões dos troncos um e dois apresentam 32 x 67cm, 27 x 83cm, diâmetro por comprimento respectivamente, e dos troncos três, quatro e cinco, 32 x 36cm, 28 x 75cm e 21 x 27cm, de raio por comprimento (Figura-3). O diâmetro e o comprimento com morfologia retilínea são expressivos e caracterizam grande porte. Segundo Freitas, Hessel e Nogueira Neto (2008), podem variar até 110cm de diâmetro e 220cm de comprimento.

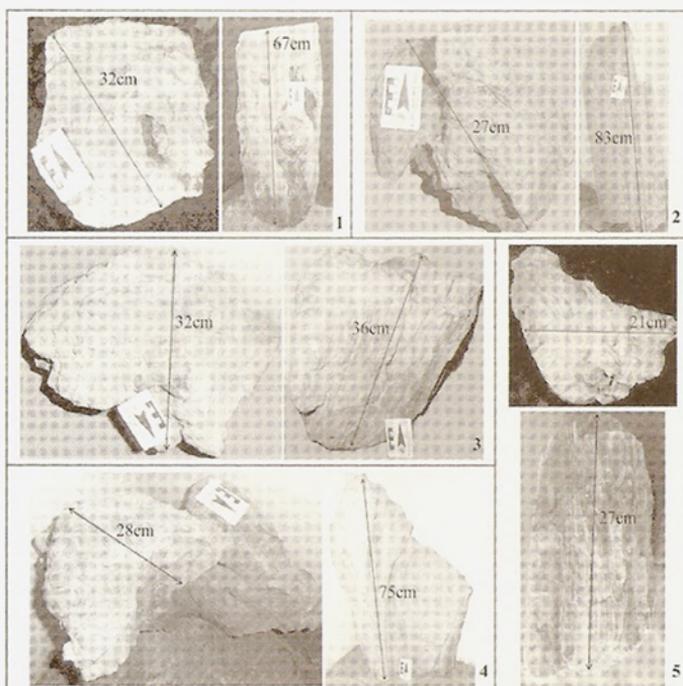


Figura 3: Troncos 1, 2, 3, 4 e 5, do acervo técnico do Escritório Regional Crato, Superintendência DNPM/CE com medidas de diâmetro, raio e comprimento.

O processo de fossilização envolveu o soterramento por sedimentos siliciclásticos seguido de impregnação dos tecidos por soluções ou gel silicoso (permineralização). Freitas, Hessel e Nogueira Neto (2008) observam que permineralização danifica as estruturas celulares e dificulta as análises anatômicas, sendo preservado na maioria dos troncos o xilema secundário, com marcas ramificadas e pequena medula, quando presente (figura 3: Tronco 5). Contudo, Bolson, Cardoso e Andrade (2003), determinam que o processo de silicificação normalmente tende a preservar o tecido conforme a morfologia inicial e que a baixa preservação celular, é explicada devido a degradação do tecido lenhoso ocorrer antes do início do processo de silicificação.

O lenho fóssil é característico de uma floresta gimnosperma (Braun, 1966), especificamente conífera por se tratar de lenho secundário (Bolson, Cardoso e Andrade, 2003) e apresentar canais resinosos (Freitas, Hessel e Nogueira Neto, 2008).

› CONCLUSÕES

Com a diagênese/litificação da bacia, os troncos presentes foram fossilizados pelo processo de petrificação e permineralização, e posteriormente devido processos intempéricos e erosivos, os mesmos foram expostos e distribuídos aleatoriamente.

Os lenhos poderiam pertencer a uma exuberante floresta de gimnosperma, alóctones, arrancados de montanhas adjacentes e carregados para bacia por correntes de alta energia, com rápido soterramento. O clima característico era de alternância de período seco e chuvoso devido precipitações cíclicas típicas de clima úmido e seco ou de savana tropical.

Os troncos caracterizados mostram dimensões máximas de

32cm de raio (Fig. 3:Tronco-3), 32cm de diâmetro (Fig. 3:Tronco-1) e 83cm de comprimento (Fig. 3:Tronco-2), compõe basicamente quartzo, apresentam cor amarelo-avermelhado, com fraturas e ramificações preenchidas por sílica (Fig. 3:Tronco-5).

É comum entre os autores citados que morfológicamente os troncos apresentam xilema secundário, com marcas ramificadas e pequena medula, quando presente, característico de coníferas.

Foi observado com o presente estudo, que os troncos fossilizados têm sido relativamente pouco estudados quando comparado aos registros fósseis da Formação Santana, sendo mais conhecidos, inclusive mundialmente. Sugere-se um estudo mais intenso com confecções de lâminas para um detalhamento maior do tecido lenhoso, com o intuito de entender se a degradação do mesmo ocorreu antes ou durante o processo de silicificação.

› REFERÊNCIAS

ASSINE, M. L., 1992. Análise estratigráfica da Bacia do Araripe, Nordeste do Brasil. *Revista Brasileira de Geociências*, São Paulo, V22, n3, p289-300.

BEURLEN, K., 1963, Geologia e estratigrafia da chapada do Araripe. 17º Congresso nacional de Geologia, Recife, p47.

BOLSON, R. T., CARDOSO, A. H., ANDRADE, J. A. F. G., 2003. Análise preliminar de lenho fóssil da Formação Missão Velha, Bacia do Araripe-Ceará. Congresso Brasileiro de Paleontologia (18:2003 Brasília).

BRAUN, O. P. G., 1966. Estratigrafia dos sedimentos da parte interior da região nordeste do Brasil. *Boletim da DGM*, Rio de Janeiro, 236: p1-76.

FREITAS, F. I., HESSEL, M. H., NOGUEIRA NETO, J. A., 2008. Troncos fósseis da Formação Missão Velha na porção leste da Bacia do Araripe, Ceará. *Revista de Geologia*, Vol. 21, nº2, p193-206.

PIRES, E. F. AND SOMMER, M. G., 2009. Growth ring analysis of fossil coniferous woods from early cretaceous of Araripe Basin (Brazil). *Annals of the Brazilian Academy of Sciences*. Online version ISSN 1678-2690.

PONTE, F. C., PONTE FILHO F. C., 1996. Estrutura geológica e evolução tectônica da Bacia do Araripe. Recife. DNPM, p68.

VIANA, M. S. S. & CAVALCANTE, V. M. M., 1989. Faciologia das Formações Missão Velha e Brejo Santo na região de Missão Velha, Ceará. 13º Simpósio de Geologia do Nordeste, Fortaleza, p166-269.

VIANA, M. S. S. & CAVALCANTE, V. M. M., 1991. Distribuição Estratigráfica dos Fósseis da Formação Missão Velha, Bacia do Araripe. *Revista de Geologia, UFC*, 4:p81-87.

*Geólogos - *Departamento Nacional de Produção Mineral, Superintendência Ceará*^(1,2,3)

benicia.honorio@dnpm.gov.br¹; artur.andrade@dnpm.gov.br²; djalma.albano@dnpm.gov.br³



AD ASTRA PER ASPERA

Instituto

Cultural do Cariri

Praça Cel. Filemon Teles Nº1 - Crato-CE

Pedimos às famílias da região
que disponibilizem materiais
audiovisuais ao nosso acervo.

Jackson Oliveira Bantim

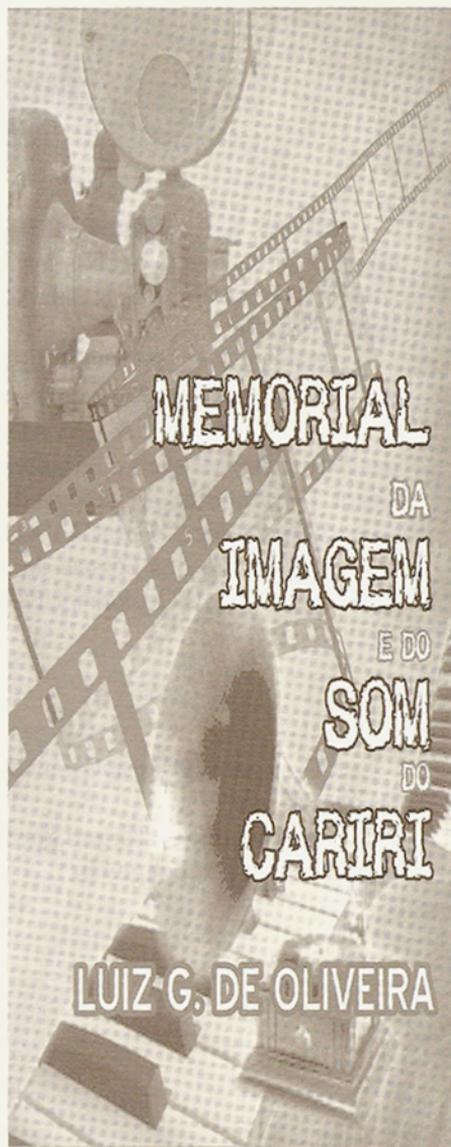
Sócio Efetivo Acadêmico do Instituto Cultural do
Cariri, Seção Artes e Ofícios Cadeira 42 -
Patrono: Luiz Gonzaga de Oliveira

memorial.daimagemedosom@hotmail.com

jackson.bantim@urca.br

jbantim.blogspot.com

(88) 9934-3998 / 9212-2147



MEMORIAL

DA

IMAGEM

E DO

SOM

DO

CARIIRI

LUIZ G. DE OLIVEIRA



URCA
UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI
PRÓ REITORIA DE ADMINISTRAÇÃO
PRÓ REITORIA DE EXTENSÃO



BANTIM
Produtoras Cinematográficas
Rua Pedro Bantim Neto, 33 Crato-CE

Itaytera

Pessoas e lugares, marco da memorialística do Cariri

Napoleão Tavares Neves

Do meu colega Ebert Fernandes Teles recebi, em primeira mão, o seu excelente livro de memórias, *Pessoas e lugares*, verdadeiro passeio sentimental do nosso conhecido oftalmologista pelos lugares quase sagrados da sua infância, inclusive perfilando familiares e amigos nesta verdadeira caravana sentimental.

O livro é bom e a sua leitura inebria, sobretudo quem, como eu, foi menino de fazenda e de bagaceira de engenho de rapadura.

O que o autor ali escreve é, como que, a história de todos nós no dia a dia da vida rural, percorrendo fazendas, sítios, engenhos de rapadura, logradouros serranos.

E o autor perfila muito bem os mais ilustres membros da sua importante família Teles, sem esquecer as suas colaterais, derivando também para os tipos populares dos que trabalhavam nas fazendas e

sítios da família.

É uma leitura envolvente com sabores rurais de tempos que não voltam mais.

Livro bonito, com um ipê florido na capa e excelente editoração, caprichosa mesmo.

Pessoas e lugares retrata muito bem o Cariri da década de 30 para cá, com seus usos, costumes e pessoas.

Portanto, sua leitura é um magnífico mergulho no nosso passado com todos os seus encantos.

Itaytera

O primeiro Juiz do Ceará: José Mendes Machado, o *Tubarão*

Heitor Feitosa Macêdo

No início do século XVIII, quando os longínquos sertões do Nordeste brasileiro ainda estavam sendo devassados pelos primeiros colonizadores, surgiu a necessidade de que o Estado português intervisse nestas localidades, para tanto, enviando magistrados ao Brasil, e, entre eles, o bacharel José Mendes Machado, que foi empossado na Capitania do Ceará Grande como ouvidor-geral.

Quando a civilização do interior nordestino ainda engatinhava, as relações humanas não eram as melhores, pois as populações destes rincões encontravam-se em verdadeira guerra, porque, quando os primeiros luso-brasileiros aí chegaram, os índios já estavam engalfinhados entre si, e, logicamente, também vieram a fazer grande resistência à ocupação dos invasores, o que é bem ilustrado pela chamada Guerra

dos Bárbaros e Confederação dos Cariris.

Não bastasse tanta desordem, à medida que os brancos conseguiam dominar os índios e ocupar efetivamente o solo, outros conflitos iam surgindo, desta vez entre os próprios colonizadores, motivados frequentemente pela posse da terra, pois para manter o domínio daqueles torrões não bastava o título de proprietário, com o documento chamado *carta de data de sesmaria*, também sendo fundamental a força de armas, ou melhor, o poder militar.

Deve-se destacar que existia certa heterogeneidade entre os colonizadores, havendo discrepância de ordem econômica e social. Alguns eram homens pobres, andando junto às bandeiras apenas com a incumbência de conquistar terras para os magnatas residentes nas principais povoações da colônia. Estes últimos eram os chamados sesmeiros, que, além de ricos, conheciam bastante o trâmite para a aquisição das sesmarias (a burocracia estatal), obrigando os mais desvalidos a pagarem foro pelo uso das terras.¹ Nestes moldes, encontrava-se estabelecida uma classe poderosa de latifundiários, marcadamente, ricos e autoritários.

Foi com este pano de fundo que José Mendes Machado encontrou o Ceará, tendo como tarefa a difícil missão de aplicar a lei.

» Desrespeito aos Magistrados

Pouco antes da chegada de José Mendes Machado ao Ceará, magistrados de outras comarcas, às quais a Capitania do Ceará esteve atrelada, tiveram experiências bastante desagradáveis.

O desembargador Cristóvão Soares Reimão, o primeiro magistrado a adentrar o sertão do Ceará no exercício da função, foi vítima de desacatos na Ribeira do Jaguaribe, pois, tentando medir aquelas terras

¹ Lima Sobrinho, Barbosa, O Devassamento do Piauí, Série 5ª, Vol. 255, São Paulo - Rio de Janeiro - Recife - Bahia - Pará - Porto Alegre, Brasileira, 1946, p. 152 e 153.

que haviam sido dadas em sesmaria,² teve que enfrentar a petulância do Capitão João Ferreira da Fonseca, o qual, acompanhado de homens armados, impediu a dita medição, propalando em alta voz que ninguém haveria de roubar as suas terras.

Este desembargador também presenciou outros atos de desrespeito às autoridades judiciárias, como no dia em que, acompanhado de um colega, o Desembargador Manuel Velho de Miranda, presenciou contra este a fúria de um dos potentados do sertão, José de Barros que, iracundo, pegou-o pelo braço direito e o xingou de *velhaco, magano, patife, filho da puta e outros nomes injuriosos*.³

Tais eventos foram apenas uma pequena parcela das inúmeras infrações que ocorriam comumente naquelas paragens, o que motivou as recomendações feitas por Cristóvão Soares Reimão para que na Ribeira do Jaguaribe (termo da Capitania do Ceará) fossem feitas correições a cada três anos.⁴

Mesmo agindo com tanto zelo e fidelidade à justiça, Cristóvão Soares Reimão findou sendo taxado de *magistrado de má nota e prevaricador*, ganhando o desdenhoso apelido de *Cotia*.⁵

Por estes e outros fatos, geralmente deturpados, os ouvidores caíram nas garras dos historiadores que se encarregaram de pintar vil imagem destas autoridades, como o fez João Brígido ao dizer que: Os

² Bezerra, Antonio, *Algumas Origens do Ceará*, Ed. fac-sim., Fortaleza, Fundação Waldemar Alcântara, 2009, p. 106.

³ ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO, BRASIL - PARAÍBA, 23 de novembro de 1710: CERTIDÃO do desembargador, Cristóvão Soares Reimão, sobre o incidente ocorrido com o desembargador Manuel Velho de Miranda quando foi agredido por José de Barros. AHU-Pernambuco. AHU_ACL_CU_014, Cx. 4, D. 322.

⁴ ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO, BRASIL - CEARÁ, 13 de fevereiro de 1708, Ribeira de Jaguaribe: CARTA do desembargador Cristóvão Soares Reimão ao rei [D. João V], sobre a necessidade de se fazer correição na capitania do Ceará pelo menos de três em três anos em razão da grande falta de administração da justiça. Anexo: Carta. AHU-CEARÁ, cx. 1, doc. 69. AHU_ACL_CU_006, Cx 1, D. 53.

⁵ Brígido, João, *Ceará (Homens e Fatos)*, Fortaleza - CE, Edições Demócrito Rocha, 2001, p. 403. Ver também: Bezerra, op. cit., p. 234.

*ouvidores eram, de ordinário, ladrões desapiedados, que vinham de Portugal fazer fortuna.*⁶

» Conflito Entre os Capitães-mores e os Ouvidores-gerais

Porém, os inimigos dos magistrados não se resumiam aos sesmeiros e historiadores, destacando-se entre os seus antagonistas, principalmente, os capitães-mores, numa disputa quase incessante, e, com frequência, motivada por usurpação de função.⁷

Nas capitânias subalternas, como era a do Ceará, onde não havia governador-geral,⁸ as duas maiores autoridades eram, em primeiro lugar, o capitão-mor da capitania, equivalente ao governador, encarregado da administração, da defesa militar e da responsabilidade de doar terras; e, logo abaixo, ficava o ouvidor-geral, ou seja, o juiz, responsável por administrar a justiça e resolver questões envolvendo terras, como a sua medição.⁹

A primeira autoridade estava subordinada ao governador-geral,¹⁰ enquanto que a segunda autoridade estava atrelada ao mais importante órgão judiciário da Colônia, o Tribunal da Relação, na Bahia.¹¹ Acrescente-se que, neste período, ambas as autoridades eram nomeadas para exercer os respectivos cargos por apenas três anos, e, enquanto o capitão-mor residia na Fortaleza, o ouvidor José Mendes

⁶ Idem.

⁷ Araripe, Tristão de Alencar, História da Província do Ceará, 2ª Ed., Fortaleza - Ceará, Tipografia Minerva, 1958, p. 77.

⁸ Araripe, op. cit., p. 74 e 77.

⁹ Studart, Guilherme, Notas para a História do Ceará, Volume 29, Brasília, Edições do Senado Federal, 2004, p. 377, 378 e 388. Ver também: Revista Trimestral do Instituto do Ceará, Ano X, 2º Trimestre de 1896, Tomo X, Fortaleza, Tipografia Studart, 1896, p. 151.

¹⁰ Studart, Guilherme, Notas para a História do Ceará, op. cit., p. 385.

¹¹ Sobre a organização dos órgãos estatais da época, ver: Jucá, Gisafran Nazareno Mota (Organizador), Catálogo de Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania do Ceará, Fortaleza, Edições Demócrito Rocha, 1999, 357.

Machado tinha sua morada na Vila de Aquiraz, onde havia mandado erguer uma casa coberta com telha.¹²



Figura 1. Casa em que residiu o Ouvidor-geral José Mendes Machado em Aquiraz/CE (Fonte: <http://agageaquiraz.wordpress.com/2012/02/13/313-anos-de-historia-parabens-aquiraz/>).

Os conflitos entre estas duas autoridades eram comuns em quase todas as capitâneas brasileiras,¹³ e, no Ceará, perdurou por décadas, inaugurando estes entreveros o ouvidor José Mendes Machado e o Capitão-mor Manuel Francês, daí delongando-se até a época do último ouvidor-geral do Ceará, João Antonio Rodrigues de Carvalho, e do

¹² João da Maia da Gama, quando esteve na Vila de Aquiraz, em 1729, viu a dita casa, dizendo que: *A dita villa dos Aquirãs consta de uma capelinha mui pequena sem mais ornato, ou ornamento que um painel no altar, e tem mais h'ua casa de telha que nella mandou fazer o novo ouvidor g.^{al} Joseph Mendes Machado, e outra mui limitada que serve de Casa da Camara e h'ua e outra terria e h'ua do escrivão, e duas mais que ainda estão por tapar, e o asougue, e tres, ou quatro cazitas de palha, e essa pobre e cahindo* (Martins, F. A. Oliveira, Um Herói Esquecido: João da Maia da Gama, Volume II, Lisboa, Coleção pelo Império, 1944, p. 81).

¹³ Martins, op. cit., p. 102.

Capitão-mor Manuel Ignácio de Sampaio e Pina Freire.¹⁴

» Origem do Ouvidor-geral José Mendes Machado

Manuscritos inéditos revelam que José Mendes Machado era português nascido na Vila de Abrantes, Comarca de Tomar, filho de Estevão Machado Paio e de Maria Mendes, tendo como avós paternos Antonio Machado Paio e Maria Mendes (todos naturais da Vila de Abrantes); enquanto que, pela linha materna, tinha como avós Simão Vaz Mendes e Ana Mendes, ambos do *Lugar da Vela, termo da Cidade de Tomar*.¹⁵

A descrição genealógica de José Mendes Machado fora feita com o propósito de se averiguar a sua linhagem de sangue, requisito essencial para aqueles que pretendiam ocupar cargos públicos. Assim, reza o velho documento que os seus ascendentes eram *cristãos-velhos, e de limpo sangue, sem raça de cristão-novo, mouro, mulato ou outra infecta nação*.¹⁶

Além disso, destaca-se a notícia de ser José Mendes Machado bom estudante, sendo bacharel em direito pela antiquíssima Faculdade de Cânones, hoje, Universidade de Coimbra, em Portugal.

» A Inauguração da Ouvidoria do Ceará

Muitas recomendações já haviam sido feitas no sentido de que fossem enviados magistrados ao Ceará para tratar dos inúmeros cri-

¹⁴ Studart, Guilherme, Notas para a História do Ceará, op. cit., p. 253. Ver também: Brígido, op. cit., p. 38. Ver também: Studart, Gullherme, Geografia do Ceará, Fortaleza - Ceará, Expressão Gráfica, 2010, p. 46.

¹⁵ Processo de José Mendes Machado, Arquivo Nacional: Torre do Tombo - Portugal. Disponível em: <http://digitalq.dgarq.gov.pt/viewer?id=4627695> Acesso em: 02/11/2014.

¹⁶ Idem.

mes que ali ocorriam,¹⁷ porém, a independência jurisdicional desta capitania só veio a ocorrer em 1723, quando passou a ter ouvidoria própria.¹⁸

Assim, com a criação da Ouvidoria do Ceará, José Mendes Machado foi nomeado para ocupá-la, o que veio a ocorrer no mesmo ano. Contudo, nesta época, a Provedoria do Ceará também havia ganhado independência, separando-se da do RN, remetendo a José Mendes Machado mais este encargo, o qual passou a cumular as funções de ouvidor-geral e provedor da Fazenda.

O magistrado empossado no Ceará tinha que exercer, além da função de juiz-Estado, aplicando a lei, a obrigação de recolher os tributos devidos à Coroa portuguesa. E, logo que assumiu o cargo, cuidou em cumprir com seu dever, rumando para os distantes sertões do Ceará.

Apesar da pompa, os ouvidores eram mal remunerados, vendo-se obrigados a sobreviver com um mísero salário, no caso de José Mendes Machado, 300 mil réis por ano, somado a 100 mil réis de *aposentadoria das casas* e à ajuda de custo, com cujo valor ainda não ficava satisfeito o dito ouvidor.¹⁹

» A Guerra de 1724: Levante da Ribeira do Jaguaribe

No cumprimento do dever, o ouvidor-geral iniciou as correições, a começar pela Ribeira do Acaraú, apurando os fatos criminosos e praticando os atos típicos de um juiz, contudo, isto criou grande insatisfação entre as elites do Ceará, pois muitos dos seus membros estavam sendo indigitados por diversos crimes, principalmente assassinatos e roubos de gado.

¹⁷ Bezerra, op. cit., p. 253.

¹⁸ Studart, Guilherme, Geografia do Ceará, op. cit., p. 44.

¹⁹ Memória Colonial do Ceará, 1720 - 1726, Tomo I, Kapa Editorial, p. 38 a 46.

No ano de 1724, José Mendes Machado continuava com a comprida e penosa tarefa pelas ribeiras, encontrando-se por derradeiro nos Cariris Novos, na Fazenda Caiçara, em Missão Velha.

Neste período, o ouvidor já havia feito muitos inimigos, entre eles, poderosas famílias latifundiárias como os Montes e os Mendes Lobato, ficando ao lado destas outras importantes famílias, além de figurões como Domingos Ribeiro de Carvalho, o Capitão-mor Manuel Francês, Zacarias Vital Pereira, Valentim Calado Rego e a Câmara de Aquiraz, bem como os índios do litoral, que foram coagidos a aderir à causa.

Talvez, por esse motivo, José Mendes Machado tenha se unido aos opositores de seus inimigos, os Feitosa e o Capitão João Ferreira da Fonseca com os índios Jenipapos (sendo este capitão o mesmo que havia afrontado anteriormente o Desembargador Cristóvão Soares Reimão). O Ceará era um verdadeiro barril de pólvora e a chegada do ouvidor-geral foi apenas o estopim!

Destá feita, os inimigos de José Mendes Machado queriam pôr fim aos processos judiciais e, para alcançar tal objetivo, pretendiam prender o ouvidor e rasgar os papéis, apesar de José Mendes Machado alegar que as intenções iam além, sob o argumento que os amotinados desejavam, na verdade, a sua morte.

Reza a tradição que os Montes ridicularizavam o ouvidor apelidando-o de *Tubarão*, além de indagarem-lhe sobre enigmas pueris, como o seguinte: *qual ave que dá leite quando cria*, ameaçando castigá-lo com palmatoadas caso não acertasse.²⁰

O certo é que os Montes e os Mendes Lobato haviam organizado a chamada *Tropa do Povo*, recrutando gente de toda casta, encontrando apoio do Capitão-mor Manuel Francês, que colaborou com a entrega dos índios aldeados no litoral para a composição desta milícia, forma-

²⁰ Théberge, Esboço Histórico sobre A Província do Ceará, 2ª Ed., Fortaleza - Ceará, Editora Henriqueta Galeno, 1973, p. 143.

da por 300 ou 400 homens armados.

Este movimento elitista, com fumaças de revolta coletiva, marchou em direção aos Cariris Novos em busca do ouvidor-geral, indo esbarrar na dita fazenda Caiçara, onde, depois de sofrível diálogo, ocorrera o maior e mais violento combate desta rebelião, com vários mortos de parte a parte, fazendo com que a *Tropa do Povo* batesse em retirada.

Contudo, nos dias seguintes a referida tropa se restabeleceu e se subdividiu, marchando em perseguição ao ouvidor e seus aliados, escarafunchando aqueles sertões em busca de seus antagonistas, promovendo batalhas aqui e acolá, até que José Mendes Machado resolveu evadir-se para o PI, donde rumou para a Bahia, com esperança de obter apoio perante os desembargadores do Tribunal da Relação.

Não obtendo ajuda daqueles magistrados, o ouvidor seguiu para a Capitania de Pernambuco, de onde planejava voltar ao Ceará para reassumir o seu posto. No entanto, ao comunicar isto ao Capitão-mor de Pernambuco, terminou sendo preso e, posteriormente, remetido a Portugal.²¹

Por muitos anos José Mendes Machado fez requerimentos à Coroa para que lhe fossem pagos os seus serviços, argumentando que a sublevação consumira o seu patrimônio, e somente depois de muita demora o governo veio a realizar tal pagamento, em açúcar.²² Ademais, sabe-se que este magistrado em 1745 já havia falecido.²³

» O Injusto Estigma do Ouvidor-geral José Mendes Machado

Na historiografia cearense, os magistrados não gozam de boa fama, sendo apontados como desonestos e causadores de desordem

²¹ Memória Colonial do Ceará, 1720 - 1726, Tomo I, p. 202 a 206.

²² Studart, Trimestral do Instituto do Ceará, op. cit., p. 206 e 207.

²³ Idem.

social, promanando disto o antigo adágio: *Justiça do Ceará te persiga*,²⁴ fato que, no entanto, constitui apenas meia verdade.

Merece ser ressaltado que o desembargador Cristóvão Soares Reimão foi por bastante tempo execrado, sofrendo severas críticas pelas acusações que lhe imputavam os historiadores. Todavia, Antonio Bezerra encontrou documentos suficientes para expurgar a imagem deste magistrado.²⁵ Fato semelhante ao que, no presente, ocorre com o ouvidor José Mendes Machado.

Atualmente, mantém-se a ideia de que José Mendes Machado era corrupto, venal, desonesto, imprudente, prevaricador, amotinador, ambicioso e culpado pela guerra de 1724.²⁶ Porém, isto não passa de uma interpretação equivocada de fontes tendenciosas.

Até hoje, as fontes mais conhecidas tendem a culpabilizar o referido ouvidor, desde a tradição oral aos documentos manuscritos, entretanto, isto está prestes a cair por terra, pois as sentenças do *tribunal da história* não transitam em julgado, podendo a qualquer tempo serem modificadas, principalmente com a aparição de novas provas.

Por um longo período, os inúmeros documentos encontrados pelos estudiosos indicavam a má conduta do magistrado, apontando-lhe como responsável pelas perturbações ocorridas em 1724, e como se a rejeição por parte do povo tivesse surgido espontaneamente, oriunda da vontade coletiva dos moradores da Capitania do Ceará.

Sobre estas fontes, deve ser ressaltado que a maioria provém da Câmara de Aquiraz e do punho do Capitão-mor Manoel Francês, inimigos capitais do ouvidor-geral, o que é comprovado ao se analisar os 66 documentos publicados pelo Barão de Studart no ano de

²⁴ Brígido, op. cit., p. 427.

²⁵ Bezerra, op. cit., p. 234 a 265.

²⁶ Bezerra, op. cit., p. 96, 136 e 137. Ver: Araripe, op. cit., p. 156 e 157. Vide: Théberge, op. cit., p. 149 e 150. Vide: Studart, op. cit., p. 44. Ver: Brígido, op. cit., p. 189. Ver: Farias, Airton, História do Ceará, 6^a Edição: Revista e Ampliada, 2^a Reimpressão, Fortaleza - CE, Armazém da Cultura, 2013, p. 88 e 89.

1896.²⁷ Não havendo, entre estes, um que diga a versão dos fatos com as palavras de José Mendes Machado. Algo, no mínimo, estranho!

Portanto, é chegada a hora de pôr cobro ao monólogo dos adversários do primeiro juiz do Ceará, José Mendes Machado, dando-lhe voz e, por conseguinte, a oportunidade do contraditório, para que se lhe faça justiça, a começar pelos documentos portugueses ainda inéditos do Arquivo Histórico Ultramarino, como o que aqui vai publicado:

Senhor

Por duas vias dei já conta a Vossa Majestade da sublevação que os moradores da Ribeira de Jaguaribe em contemplação da família dos Montes fizeram para me matarem para que não entrasse nas suas Ribeiras a tomar conhecimento das muitas mortes, e roubos que de contínuo estão cometendo como também que Capitão-mor da mesma Capitania Manuel Francês, se acumulara com os mesmos, e lhe dera trezentos homens municionados com armas pólvora e bala que tirara dos armazéns de Vossa Majestade; com os quais foram destruir todas as Ribeiras dos Inhamuns e Quixelôs, adonde mataram mais de duzentos homes e roubaram todas as fazendas queimando casas e currais, e que por esta causa me tinha retirado para esta cidade adonde viera implorar ajuda de braço militar, que por se me denegar isto detremtava (sic) na presente frota ir aos pés de Vossa Majestade expor todas as causas daquela sublevação; hoje porém tendo a certeza de que o cabeça dos amotinadores a Requerimento do povo se acha preso, e seja o risco considerado; com o

²⁷ In Revista Trimestral do Instituto do Ceará, op. cit., p. 142 a 208.

consentimento do Vice Rei destes estados me recolho a minha comarca a continuar no exercício da minha ocupação na qual obrarei tudo o que se me ordenar e Vossa Majestade mandará o que for servido. Bahia 30 de Maio de 1725

O Ouvidor da Capitania do Ceará Grande José Mendes Machado [assinatura]²⁸

²⁸ ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO, CONSELHO ULTRAMARINO, BRASIL - BAHIA, 1725, Maio, 30, Bahia: CARTA do ouvidor da capitania do Ceará Grande José M. Machado ao rei [D. João V] informando sobre a sublevação que os moradores da Ribeira de Jaguaribe fizeram em reação a tentativa que fez a família do Monte para assassiná-lo. AHU-Bahia, cx. 19, doc. 9. AHU-ACL-CU_005, Cx.21, D. 1941.

» REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARARIPE, Tristão de Alencar, *História da Província do Ceará*, 2ª Ed., Fortaleza - Ceará, Tipografia Minerva, 1958.

BEZERRA, Antonio, *Algumas Origens do Ceará*, Ed. fac-sim., Fortaleza, Fundação Waldemar Alcântara, 2009.

BRÍGIDO, João, *Ceará (Homens e Fatos)*, Fortaleza - CE, Edições Demócrito Rocha, 2001.

FARIAS, Airton, *História do Ceará*, 6ª Edição: Revista e Ampliada, 2ª Reimpressão, Fortaleza - CE, Armazém da Cultura, 2013.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota (Organizador), *Catálogo de Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania do Ceará*, Fortaleza, Edições Demócrito Rocha, 1999.

LIMA SOBRINHO, Barbosa, *O Devassamento do Piauí*, Série 5ª, Vol. 255, São Paulo - Rio de Janeiro - Recife - Bahia - Pará - Porto Alegre, Brasiliense, 1946.

MARTINS, F. A. Oliveira, *Um Herói Esquecido: João da Maia da Gama*, Volume II, Lisboa - Portugal, Coleção pelo Império, nº 100, 1944.

STUDART, Guilherme, *Notas para a História do Ceará*, Volume 29, Brasília, Edições do Senado Federal, 2004.

_____, *Geografia do Ceará*, Fortaleza - Ceará, Expressão Gráfica, 2010.

_____, *Revista Trimestral do Instituto do Ceará*, Ano X, 2º Trimestre de 1896, Tomo X, Fortaleza, Tipografia Studart, 1896.

THÉBERGE, *Esboço Histórico sobre A Província do Ceará*, 2ª Ed., Fortaleza - Ceará, Editora Henriqueta Galeno, 1973.

» DOCUMENTOS:

ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO, BRASIL - PARAÍBA, 23 de novembro de 1710: CERTIDÃO do desembargador, Cristóvão Soares Reimão, sobre o incidente ocorrido com o desembargador Manuel Velho de Miranda quando foi agredido por José de Barros. AHU-Pernambuco. AHU_ACL_CU_014, Cx. 4, D. 322.

ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO, BRASIL - CEARÁ, 13 de fevereiro de 1708, Ribeira de Jaguaribe: CARTA do desembargador Cristóvão Soares Reimão ao rei [D. João V], sobre a necessidade de se fazer correição na capitania do Ceará pelo menos de três em três anos em razão da grande falta de administração da justiça. Anexo: Carta. AHU-CEARÁ, cx. 1, doc. 69. AHU_ACL_CU_006, Cx 1, D. 53.

ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO, CONSELHO ULTRAMARINO, BRASIL - BAHIA, 1725, Maio, 30, Bahia: CARTA do ouvidor da capitania do Ceará Grande José M. Machado ao rei [D. João V] informando sobre a sublevação que os moradores da Ribeira de Jaguaribe fizeram em reação a tentativa que fez a família do Monte para assassiná-lo. AHU-Bahia, cx. 19, doc. 9. AHU_ACL_CU_005, Cx.21, D. 1941.

Memória Colonial do Ceará, 1720 - 1726, Tomo I, Kapa Editorial.

Processo de José Mendes Machado, Arquivo Nacional: Torre do Tombo - Portugal. Disponível em: <http://digitalq.dgarq.gov.pt/viewer?id=4627695> Acesso em: 02/11/2014.



Desde 1991

SOCREDIT

Aqui você tem crédito

Ligue: **0800 038 0902**

Para Sua Empresa:

- ✓ Consultoria e Projetos
- ✓ Capital de Giro
- ✓ Empréstimos para Modernização
- ✓ Seguros
- ✓ Financiamentos

Para Você:

- ✓ Empréstimo Pessoal no Cheque ou Carnê
- ✓ Empréstimo Consignado
- ✓ Seguros
- ✓ Consórcios
- ✓ Financiamentos de Casas e Autos



Aqui você tem Crédito!

Itaytera

O santo e a Sedição

José Flávio Bezerra de Morais*

Minhas filhas, vocês não se perturbem com o que vou dizer, porque estou conformado e só quero o que Deus quiser. Agora recebi uma carta, dizendo-me que me acautelasse porque queriam prender-me. Porém, eu não tenho onde me esconder e, ainda se tivesse, não me esconderia, porque se me prenderem estou muito consolado, porque é por amor de nosso bom Deus que tudo nos mereço. (CRÔNICAS, p. 82).

Estas foram as palavras ditas pelo Padre Ibiapina no dia 8 de dezembro de 1874 às beatas e órfãs da casa de caridade de Santa Fé, no vale paraibano. Falava ele da possibilidade de sua prisão pelo suposto envolvimento no movimento sedicioso denominado quebra quilos, iniciado em Campina Grande, no pequeno povoado de Fagundes, em novembro de 1874.

Ocorreu que num dia de feira o povo opôs-se ao pagamento do chamado imposto de chão, cobrado pelo município na base de um tos-

tão por cada vez que se utilizava o chão da rua para expor produtos na feira. Além disso, pesos e medidas eram alugados ou comprados à câmara municipal, que cobrava ainda por sua aferição. Os consumidores, já penalizados por uma crise econômica e social, desconfiavam que estavam sendo enganados, pois não conseguiam conferir as quantidades nem os preços das mercadorias, que se elevaram pela inclusão do custo do aluguel ou compra dos pesos utilizados nas balanças e dos novos impostos adotados. Centenas de pessoas invadiram a feira protestando contra os novos pesos e medidas. Aos gritos, a massa quebrava os moldes de quilos dos feirantes, que eram fornecidos (vendidos ou alugados) pela administração municipal. Os revoltosos invadiram os mercados, coletorias e a Câmara Municipal, destruíram os novos padrões e queimaram os arquivos contábeis do governo.

Um panfleto intitulado *Manifesto da Sedição dos Quebra-Quilos apregoava: É preciso um dilúvio de sangue para que desapareçam eternamente desta terra os ladrões* (MAIOR, p. Implantou-se a desordem na Província paraibana e, poucos dias depois, a 21 de novembro, grupos armados, em quase 800 pessoas, invadiram a vila de Ingá, Cabaceiras, Campina Grande, Pilar e Areia, todas na Paraíba, queimando arquivos municipais e cartórios, soltando presos das cadeias, perseguindo os maçons e quebrando pesos e medidas nos estabelecimentos comerciais. O movimento se alastrou para outras vilas e cidades paraibanas, além das províncias de Pernambuco, Alagoas e Rio Grande do Norte.

O caso tomou o aspecto de uma revolução de fundo social, como se a opressão exercida contra a população pobre do interior fosse o motivo de sua eclosão. Até negros cativos tomavam parte no levante. Várias foram as causas apontadas como determinantes da sedição, dentre as quais o sistema métrico decimal posto em uso no ano anterior, o aumento de impostos provinciais, a lei do alistamento militar e, por fim, o fanatismo religioso, que, segundo o historiador Horácio de Almeida, teria sido o que de fato influenciou o ânimo dos rebeldes.

A Constituição imperial de 1824 havia instaurado no Brasil o re-

gime de padroado, unindo Igreja Católica e o Estado. Pelo regime, o imperador podia nomear bispos, controlar o clero e participar de outras atividades da Igreja. Em contrapartida, o Estado responsabilizar-se-ia pelo sustento dos religiosos, construção de igrejas e por outras despesas. Dessa forma, o clero brasileiro somente obedeceria às decisões do papa com a autorização imperial.

Em 1864, o papa Pio IX, através da bula *Syllabus*, havia proibido que os membros da maçonaria frequentassem a igreja. No Brasil, D. Pedro II, que tinha muitos auxiliares maçons, rejeitou a bula papal. A grande maioria do clero obedeceu ao imperador. No entanto, os bispos D. Vital de Oliveira, de Olinda, e D. Antônio Macedo, de Belém, preferiram expulsar de suas dioceses os católicos ligados à maçonaria. Por esses atos, os bispos rebeldes foram processados perante o Supremo Tribunal. As relações entre a Igreja Católica e o Império ficaram tensas. O padre Calixto da Nóbrega, que era vigário de Campina Grande (PB), solidário com os bispos, e tomado de zelo apostólico pela causa da igreja, foi ao Recife visitar o bispo D. Vital, que já avultava no conceito da população católica como mártir de um governo herético. De volta, convidou o Padre Ibiapina, missionário de real prestígio no seio da população do Nordeste, para abrir missões em sua freguesia. Nas palavras de Horácio de Almeida, Ibiapina aceitou o convite e pregou nas missões doutrina subversiva. Mesmo de índole notável em virtudes, como sempre se mostrou durante uma vida de sacrifícios e renúncia, consagrada toda ela à causa do amor e da caridade, deixara-se contaminar da paixão que o clero fomentava em desagravo à igreja ultrajada.

Falando à multidão devota, declarou-se admirado do povo não haver ainda se levantado, como um homem só, contra o governo. E acrescentou, com ênfase, que não haveria de que rezear, porque a proporção entre os defensores da religião e os do governo era de cem para um. Em suma, aconselhou desobediência às autoridades, ao tempo que alertava o povo para não comprar nem vender nada aos maçons.

(ALMEIDA, p. 94).

A crônica das Casas de Caridade, porém, relata o fato sob outro ângulo. Conquanto realmente o Padre Ibiapina tivesse, na ocasião, falado duramente contra a maçonaria, não há registro de ofensas ao governo, ou de estímulo à desobediência civil. Assim a cronista relata o *Chegando o nosso Santo e virtuozo Apóstolo nessa opulenta Cidade, achando a maldita massonaria em seo auge, teve muito que combater qual valente e fiel soldado, defendendo a Santa Religião cathólica, que se achava tão ultrajada e perseguida por aquelles perversos, que não temião a Deos e nem as penas eternas do inferno. Em fim, o zeloso Apóstolo amante da Santa Religião deo princípio à missão, não temendo nada, nem aos mesmos massões, que até querião tirar-lhe a vida. Pregava com tanta força e coragem em defeza da religião cathólica, que confundia a incredulidade d'aquelles infelizes que estavam com o coração tão inpedirrido que até prohibião aos próprios filhos assistirem cathecismo que era explicado neste tempo. Porém, nada o entimidou e nem interrompêo a sua missão; levantou a vóz e clamou contra a maldita ceita com tanta coragem que cauzava admiração (...)*

Oh! Quanto soffrêo o sagrado Ministro, aquelle heróe da religião naquella ingrata terra! Mas, como o dezejo dele era soffrer, por isso não houve nada que o impedisse de cumprir o Santo dever que se achava encarregado, ainda mais sentia em vêr tantos habitantes e poucos se esmerarem pela religião, sendo todos filhos de um só Deos. (CRÔNICAS, p. 80).

Essa missão em Campina Grande teve lugar no mês de dezembro de 1873 e, segundo Horácio de Almeida, foi a semente da sedição germinada em novembro de 1874.

O historiador Irineu Jóffy negou a participação do clero paraibano e a de Ibiapina na sedição. Foi ele testemunha ocular dos fatos, pois exercia as funções de promotor público de Campina Grande ao tempo em que rebentou a sublevação. O chefe de polícia Caldas Barreto, enviado para apurar a responsabilidade dos implicados, referiu-se, contudo, à ligação de amizade do promotor com o Padre Calixto da Nóbrega, o que macularia seu depoimento.

Por sua vez, o então presidente da província, Barão de Abiaí, em mensagem dirigida à Assembléia Legislativa em outubro de 1875 afirmou que *o fanatismo religioso de alguns párocos preparou o espírito inculdo das populações para os lamentáveis movimentos sediciosos* (ALMEIDA, p. 95). Horácio de Almeida faz ainda referência ao depoimento prestado por Graciliano Lordão, *homem probo, professor público em Campina Grande, depois deputado provincial. Teria ele afirmado que o padre Calixto e o missionário Ibiapina insuflaram o povo contra os maçons. Sustenta em seu depoimento que os católicos foram advertidos por aqueles sacerdotes a não obedecer ao governo porque pesava contra este o anátema da Santa Sé* (p. 96).

Verdade é que o Padre Ibiapina, zeloso defensor da igreja, nunca negou sua atuação no caso; e não é de se estranhar que tenha de fato se manifestado em desfavor do governo imperial, considerando que este contrariou a bula papal. Entre prestar obediência ao governo secular e atender à hierarquia da igreja católica, certamente o santo missionário optaria pela segunda opção, por ser homem de princípios. Não trairia a sua igreja em troca do conforto da

Para Souto Maior, *o missionário surgirá na documentação oficial sobre o Quebra-quilos como extremamente suspeito. Há, no entanto, que se distinguir entre sua pregação antimaçônica, com duras críticas ao governo, e uma hipotética liderança entre os quebra-quilos. [...]. No caso especial dos dois prelados, Ibiapina e Calixto, há que destacar a dimensão de uma luta maior entre a Igreja e a maçonaria.* (MAIOR, 1978, p. 32).

Mas por certo as palavras fortes de Ibiapina tiveram influência no levante do *quebra quilos*, e tal se mostra pela reação dos revoltosos contra os membros da seita. Ao ingressarem nas vilas e cidades paraibanas, gritavam vivas aos católicos e morram aos maçons. Em Areia, pretenderam demolir o teatro por lhes parecer casa de maçonaria. A muito custo foram contidos. Quiseram ainda exumar do cemitério o cadáver de um juiz de direito ali sepultado, porque entendiam que não devia repousar em lugar sagrado o corpo de um maçom (ALMEIDA, op. Cit. p. 96). O movimento popular, contudo, foi por si amortecendo

e caminhava para a completa extinção. A ordem já estava quase restabelecida quando chegou do Rio de Janeiro a força imperial, em dezembro de 1874, comandada pelo coronel Severiano Martins da Fonseca, irmão mais velho de Deodoro da Fonseca, futuro presidente do Brasil. Tal força era composta de 750 praças e 47 oficiais. Em Areia, uma ala do batalhão ali permaneceu sob o comando do famigerado capitão Longuinho. Sobre ele, Maior deixou consignado o seguinte:

Pior e mais violenta do que a atuação dos quebra-quilos foi a repressão das forças comandadas pelo capitão Longuinho, hoje tristemente famoso pelos coletes de couro, tortura que aplicou aos que lhe foram apontados ou denunciados como quebra-quilos. Amarrados os prisioneiros, eram, em seguida, metidos em grosseiros coletes de couro cru; ao ser molhado, o couro encolhia-se, comprimindo o tórax das vítimas, quase asfixiando-as. (MAIOR, 1978, p. 34).

As prisões eram feitas em massa e, depois de castigados, os prisioneiros eram remetidos para a capital, acorrentados e metidos em colete de couro. Muitos caíam pelos caminhos, deitando sangue pela boca. Segundo depoimento de testemunha da época, o deputado João Florentino, *o asilo do cidadão era violado a qualquer hora, a honra da esposa, da donzela, da viúva e da mulher honesta, exposta ao assalto e à violência militar. As mães, as filhas, as irmãs, seguiam até a capital seus filhos, pais e protetores. Mas que podiam fazer, senão derramar lágrimas, porque a autoridade se mostrava indiferente a seus clamores?*(ALMEIDA, p. 97).

Coincidindo com a presença da tropa de linha no interior, o chefe de polícia Caldas Barreto iniciou a apuração de culpa dos supostos cabeças da sedição. Em Campina Grande decretou a pronúncia e efetuou a prisão do padre Calixto, dentre outros. Quanto ao destino do Padre Ibiapina no episódio, voltemos à narrativa da cronista da *Tendo se passado alguns dias depois desta primeira notícia, estando todas nós reunidas na capella para rezarmos o officio divino, eis que chega uma pessoa com esta notícia: acolá vem uma tropa que se encaminha para cá. Todas nós pensavamos ser a tropa que vinha prender nosso Pai. Oh! Que sobresalto não foi o nosso!*

Nesse tempo em que hiamos rezar o officio divino, por serem onze horas

do dia, e não queríamos contrariar o tempo da devoção, comtudo demos princípio à oração e continuemos, mas parecia que a cada instante víamos passar a dita tropa para a caza de nosso caro Pai.

Assim, estava o coração das pobres e desconsoladas filhas tão tristes e assustado que só por Deos rezamos o officio sem interrupção. Acabada a oração fizemos uma pequena pausa, para sabermos de algum occorrido, porém felismente nada tinha aqcedido. Entoemos o officio de N. Senhora da Conceição com muito fervor, e depois deste outras orações de muito valor. Com este exercicio fomos nos reanimando e enchendo-nos de uma Santa coragem, pondo toda nossa confiança em Deos, e assim aquelle mêdo que antes tínhamos com tanta pena e susto de vermos nosso querido Pai soffrer e morrer nas mãos dos tiranos, agora achamo-nos cheias de coragem e valor para soffrermos e morrer com o nosso querido Pai por amor de nosso amantíssimo Jesus. Todas dizião à uma só voz à superiora: se os tiranos vierem prender nosso Pai, nós também nos apresentamos, porque estamos despostas a morrer pelo amor de nosso bom Deos junto com o nosso caro Pai.

E como não tínhamos outras armas mais do que as nossas cruces com ellas nos preparamos e para sahirmos e ajuntarmo-nos ao nosso querido Pai, e não só nós, Irmãs da Caridade como as Orphans e também o povo de fora, que estavam acostumados a ouvir as doutrinas de meu Pai, todos estavam na mesma despozição.

O povo de fora queria armar-se contra os tiranos, porém meu Pai com todo sucego e tranqüilidade disse-lhes que tal não fizessem e elle impediu isso; vinhão somente uns com as fouces de seus trabalhos e outros com os bordões, e assim passou-se este amargurado dia, todos com os corações desazocegados, somente nosso virtuozo Pai mostrava-se contente, tranqüilo e bem conformado com o que pudesse acontecer.

Porem Deos que dirige todas as couzas por sua immensa bondadade, não permittio que neste dia a dita tropa hegasse, porém alguns dias depois appareceo uma que chegou até a povoação da Arara, porem com outros dezignios, e ainda que a dita tropa mostrou aversão a meu Pai e à Caridade, comtudo Deos não permittio que Ella tivesse poder para nada. E assim foi-se embora,

deixando-nos em paz, graças a Deos que tudo faz com seo poder.

(CRÔNICAS, p. 82 e 83)

» **Obras consultadas:**

HOORNEART, Eduardo. Crônica das Casas de Caridade. São Paulo, Edições Loyola, 1981.

MAIOR, Armando Souto. Quebra-Quilos: lutas sociais no outono do império. 2a edição, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1978.

ALMEIDA, Horácio de. Brejo de Areia - Memória de um Município. 2a. edição, João Pessoa, Editora Universitária, 1980.

MARIZ, Celso. Ibiapina, um apóstolo do nordeste. 2a. edição, João Pessoa, Editora Universitária, 1980.

***Juiz de Direito e Escritor**

Itaytera

Animais descobertos na Chapada do Araripe

Weber Girão

Excepto pelos fósseis, o soldadinho-do-araripe (*Antilophia bokermanni*) é a espécie que mais representa a região da Chapada do Araripe, sendo este pássaro internacionalmente reconhecido. No entanto, alguns outros organismos descobertos neste local mal tiveram suas histórias contadas, justificando o objetivo desta compilação de difundir dados sobre estas espécies. Quase todos os nomes vulgares tiveram de ser inventados na ausência de outros melhores. Doze espécies animais são apresentadas em ordem cronológica de descrição científica. Contribuições serão bem-vindas para o aperfeiçoamento desta lista remissiva, que futuramente deverá incluir espécies vegetais e fósseis.

» **Catita-de-gaveta** *Marmosa agricolai*

No dia 26 de agosto de 1936, Antenor Leitão de Carvalho, o mes-

mo pesquisador que coletou o cangati (espécie apresentada a seguir), obteve no Crato um exemplar macho da catita-de-gaveta, que permaneceu por sete anos no Museu Nacional (Rio de Janeiro) até sua descrição científica como *Marmosa agricolai*, nome publicado originalmente em 1943 por João Moojen, zoólogo mencionado na história do rato-de-palmeira (também apresentada a seguir). Esta espécie foi rearranjada em diferentes gêneros, sendo atualmente enquadrada em *Cryptomanus*. Foi localizada em outros estados, como Goiás e Minas Gerais, contudo, o conhecimento sobre ela é considerado Deficiente de Dados. A escolha do nome foi uma homenagem ao médico mineiro Ernani Agrícola (1883 - 1978), consagrado como um dos maiores leprologistas do continente, além de integrar em 1935 as comissões epidemiológicas sobre a peste no Nordeste do país. Em 1935, Agrícola teve papel fundamental na política nacional de tratamento da hanseníase, que até então isolava pacientes em leprosários. Animais da família da catita-de-gaveta são reservatórios naturais de agentes infecciosos para o homem.

» **Cangati** *Trachycorystes cratensis*

O cangati, espécie de peixe de uma das famílias dos bagres (Auchenipteridae), teve um exemplar de seis centímetros capturado pelo pesquisador paulista Antenor Leitão de Carvalho (1910 - 1985) no Rio Granjeiro, Crato, Ceará, encontrando-se até hoje este espécime no Museu Nacional, Rio de Janeiro. De junho a novembro de 1936, Carvalho percorreu diversas localidades de Pernambuco, Paraíba e Ceará, atendendo à Diretoria dos Serviços Sanitários dos Estados, coletando material zoológico e fazendo anotações ecológicas. O nome científico *Trachycorystes cratensis* foi escolhido pelo zoólogo mineiro Alípio de Miranda Ribeiro (1874 - 1939), que publicou a novidade em 1937. Estudos apontam que pertenceria ao gênero *Trachelyopterus*, tendo sua ocorrência restrita à Região Nordeste, onde habita rios perenes do Ceará e de outros estados. É sabido que o cangati não precisa migrar para

reproduzir, contudo, sua desova é de um tipo ainda desconhecido. A dieta deste peixe inclui insetos, mas a espécie permanece pouco estudada em diversos aspectos.

» **Mosca-do-Crato** *Bruchomyia brasiliensis*

O entomólogo americano Charles Paul Alexander (1889 - 1981) descreveu em 1940 a mosca-do-Crato, escolhendo como nome científico *Bruchomyia brasiliensis*. O exemplar usado neste trabalho foi coletado em uma caverna no Crato por seu conterrâneo Raymond Corbett Shannon (1894 - 1945), em cinco de setembro de 1939, encontrando-se depositado no Museu Nacional de História Natural, ou Instituto Smithsonian (Washington, DC, EUA). Este pequeno díptero pertence à mesma família (Psychodidae) das moscas-de-banheiro e do mosquito-palha, sendo este último conhecido como vetor da leshimaniose. Shannon trabalhava para a Fundação Rockefeller (FR), entidade parceira da Fundação Oswaldo Cruz no combate à febre amarela. Ele descobriu um foco de mosquitos africanos da malária em Natal, que em meados de 1938, após contaminar em apenas seis meses um quinto da população potiguar, alastrou-se pelo Ceará. A alta mortalidade (mais de 10%) forçou o Brasil a tomar providências, juntamente com a FR, que heroicamente conseguiram eliminar o mosquito.

» **Mosquito-do-Crato** *Chagasia rozeboomi*

O mosquito-do-Crato foi descrito no ano de 1944 como *Chagasia rozeboomi*, tendo como base exemplares coletados entre 1941 e 1944 no Sítio Luanda, Crato, Ceará. O nome deste inseto da família dos culicídeos presta homenagem a dois sanitaristas, ao brasileiro Carlos Justiniano Ribeiro Chagas (1878 - 1934) e ao norte americano Lloyd Eugene Rozeboom (1908 - 1999). O material biológico usado nesta pesquisa está depositado no Museu Smithsonian (EUA) e foi

obtido por uma equipe mista, formada de americanos e brasileiros, unidos para combater uma epidemia de malária que atingiu o Ceará e o Rio Grande do Norte. Os autores deste estudo foram o norte americano Ottis Robert Causey (1905 - 1988) e os paraenses Leônidas de Mello Deane (1914 - 1993) & Maria José von Paumgarten Deane (1916 - 1995), tendo estes últimos percorrido a região do Cariri cearense, onde também coletaram sangue das pessoas para entender a doença. A espécie ocorre fora do Ceará, como por exemplo, em São Paulo. Essencialmente silvestre, usa os riachos limpos das encostas para reproduzir. Não são conhecidas doenças transmitidas por este mosquito.

» **Formiga-do-Crato** *Neivamyrmex cratensis*

No dia quatro de novembro de 1941, algo aparentemente insignificante aconteceu. Uma formiga foi coletada no Crato, Ceará, indo parar na coleção de insetos do Frei Thomas Borgmeier (1892-1975), um pesquisador alemão então residente no Rio de Janeiro. Doze anos depois, o exemplar serviu para que a espécie desconhecida recebesse o nome científico *Neivamyrmex cratensis*, exatamente em 1953, ano em que o Crato comemorava seu centenário de emancipação política. O gênero já havia sido nomeado desde 1940, sendo criado pelo mesmo frei em homenagem ao cientista baiano Artur Neiva (1880 - 1943), grande amigo impulsor de sua carreira científica desde cerca de 1923. Juntamente com sua vasta coleção, o exemplar da formiga-do-Crato foi adquirido pelo Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo em 1977, logo após a morte de Borgmeier. A espécie é válida para a ciência, permanecendo praticamente desconhecida, assim com a identidade do seu coletor. Seria este colaborador anônimo algum dos padres que ensinavam história natural no Cariri da década de 1940?

» Chupa-pedra *Aspidoras menezesi*

O chupa-pedra é um peixe de uma das famílias dos bagres (Callichthyidae). Os pesquisadores holandeses Han Nijssen e Isaác J. H. Isbrücker escolheram sua denominação científica como *Aspidoras menezesi*, descrevendo a espécie em 1976, referindo-se a um exemplar obtido no Rio Granjeiro, Crato, Ceará. Seu nome homenageia o zoólogo Rui Simões Menezes (1917 - 2001), um estudioso de peixes filho do cratense Vicente Roque de Menezes. O nome de seu gênero (*Aspidoras*), que é exclusivo do Brasil, significa *pele protetora*. Os machos medem cerca de 4,2 cm enquanto as fêmeas atingem 5 cm. Suas ovas são produzidas em pequena quantidade (50 a 60), quando comparadas as de outros peixes, podendo significar que a espécie cuida dos filhotes, contudo, estudos ainda são escassos e não é conhecido o seu tipo de desova, sabendo-se que não necessita migrar para procriar. Ao invés das lagoas, os riachos são o ambiente do chupa-pedra, que nunca foi encontrado fora da Região Nordeste. Sua dieta é baseada em detritos e algas aderidas à superfície do cascalho do leito de córregos, justificando o nome popular.

» Ácaro-de-Bastos *Tetranychus bastosi*

Esta espécie de ácaro da família dos tetraniquídeos foi cientificamente descrita como *Tetranychus bastosi* em 1977. O estudo para nomeação foi baseado em exemplares coletados em amoreiras *Morus rubra* (Moraceae). Sua descoberta ocorreu no Crato, Ceará, com espécimes depositados na coleção da Escola Superior de Agricultura *Luiz de Queiroz*, da Universidade de São Paulo, em Piracicaba. Três pesquisadores escolheram o nome da espécie, sendo eles dois estrangeiros, Donald Monroe Tuttle (1917 - 2007) e Edward William Baker (1915 - 2005), além do brasileiro Fernando João Montenegro de Sales, pós-doutor em entomologia e professor do Departamento de Fitotecnia da

Universidade Federal do Ceará (UFC). Estes cientistas homenagearam o Dr. José Adalberto Magalhães Bastos, professor da Escola de Agronomia da UFC e estudioso dos ácaros cearenses. O ácaro-de-Bastos pode apresentar alguma importância econômica, pois afeta no Ceará, e em outros estados brasileiros, espécies cultivadas como o algodão, mamão, jerimum, batata-doce, etc.

» **Calango-liso** *Mabuya arajara*

O calango-liso foi descoberto no Distrito de Arajara, Município de Barbalha, Ceará. A Dra. Regina Rebouças-Spieker integrava uma equipe de pesquisadores do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo, e a ela coube nomear a nova espécie como *Mabuya arajara* em um artigo científico publicado no ano de 1981. Trabalhos como este integraram um longo estudo na região das caatingas, tendo como maior expoente o cientista Paulo Vanzolini, também conhecido por suas composições musicais. O calango-liso foi descoberto em outras áreas cearenses de conformações geológicas semelhantes a da Chapada do Araripe, podendo existir em estados vizinhos. Uma dissertação de mestrado conduzida por um pesquisador regional (Crato) indicou, entre outros aspectos, que a dieta do calango-liso é composta principalmente de cupins, e que as fêmeas têm de dois a nove filhotes por ninhada, não nascendo de ovos. Nesta espécie, os machos são um pouco menores do que as fêmeas, medindo em torno de 12 cm. Quando ameaçado, destaca sua cauda distraindo os predadores.

» **Morcego-alvo** *Micronycteris sanborni*

O morcego-alvo foi descrito cientificamente em 1996 como *Micronycteris sanborni* pela Dra. Nancy B. Simmons, pesquisadora do Museu Americano de História Natural (Nova Iorque, EUA). O principal exemplar utilizado para isso foi coletado em 26 de março de 1978 no

Sítio Luanda, Crato, pelo pesquisador Alfred L. Gardner, do Museu Nacional de História Natural (Washington, DC, EUA), sendo também estudados outros espécimes cearenses e pernambucanos de Nova Olinda e Exu. O nome escolhido homenageia Colin Campbell Sanborn (1897 - 1962), estudioso de morcegos (e também de aves) cujo trabalho apoiou a descoberta do morcego-alvo. Posteriormente, a espécie foi encontrada em Minas Gerais e até em áreas de cerrado na Bolívia, contudo, pouco se sabe sobre sua biologia, de modo que o conhecimento sobre ela é considerado deficiente de dados. Supõe-se que usa cavernas como abrigo e existem indícios de que adapta sua gestação para que os filhotes aproveitem a estação chuvosa. Este morcego é considerado pequeno em seu gênero, atingindo 6,5 cm de comprimento.

» **Rato-de-palmeira** *Rhipidomys cariri*

No dia 20 de agosto de 1946, um funcionário de nome Batista, do Serviço Nacional de Peste (SNP), capturou um rato em uma palmeira no Sítio Caiana, Crato, Ceará. Este exemplar permaneceu por quase 60 anos empalhado em uma gaveta no Museu Nacional, Rio de Janeiro, até que servisse para descrição científica do rato-de-palmeira, espécie de nome científico *Rhipidomys cariri*, conforme designação do pesquisador Christopher James Tribe em 2005. São conhecidos dois lugares de ocorrência para este rato, contudo, a Chapada do Araripe é a única área com a subespécie nominal, sendo a Serra de Baturité a outra. Pouco se conhece sobre esta espécie, a mais recentemente descrita em sua família (Cricetidae), contudo, supõe-se que tenha hábitos noturnos e agilidade nas árvores. A descoberta deste roedor deve-se ao legado de milhares de exemplares colecionados pelo SNP, com devido destaque para o cientista mineiro João Moojen de Oliveira (1904-1985), que coordenou ações de pesquisa com finalidade sanitária, mas que contribuem até hoje com a identificação de nossa biodiversidade.

» Onicóforo-do-Crato *Epiperipatus cratensis*

O onicóforo-do-Crato foi cientificamente descrito em 2010 como *Epiperipatus cratensis* por Samuel Vieira Brito e mais três acadêmicos da Universidade Regional do Cariri, além de outro da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Serviram de base para tal estudo quatro exemplares, três machos e uma fêmea, coletados em agosto de 2007 ao longo das margens do Rio Batateiras, Crato. É semelhante a uma espécie da região amazônica e mede cerca de três centímetros, com machos menores que as fêmeas. Em 2007, estes exemplares foram inicialmente identificados como pertencentes ao gênero *Peripatus*, segundo um resumo do Congresso de Ecologia do Brasil realizado no mês seguinte ao da coleta, sem a participação do primeiro autor da descrição científica. Os onicóforos têm pouco mais de 150 espécies no mundo e sua ocorrência cearense é restrita às florestas úmidas, como as da Serra de Baturité e Chapada do Araripe. São predadores de outros animais, que capturam expelindo filamentos pegajosos até embarçar a presa.

» Escorpião-do-Araripe *Hadrurochactas araripe*

Em setembro de 1963, um escorpião foi capturado no lado pernambucano da Chapada do Araripe por um coletor anônimo da região. De alguma forma, este exemplar macho acabou depositado no Museu Nacional de História Natural (MNHN), em Paris, de onde foi descrito para ciência em 2010 como *Hadrurochactas araripe*. O autor deste trabalho foi o pesquisador Wilson R. Lourenço, nascido de um casal de franceses em Rio Claro, São Paulo. Administrador da seção de artrópodes do MNHN, Lourenço já descreveu cerca de 1.600 espécies de escorpiões, das quais 120 são brasileiras. O escorpião-do-araripe mede pouco mais de 19 mm, sendo uma das menores espécies deste gênero da família Chactidae. Sua descoberta relaciona a região da Amazônia guianense

com a Chapada do Araripe, concordando com os resultados de estudos paleobotânicos que apontam antigas ligações entre estes ambientes separados pela Caatinga. Das seis espécies do gênero, uma ocorre na Serra de Baturité (*Hadrurochactas brejo*), enquanto quatro são da margem esquerda dos Rios Amazonas e Negro.

Figura: Alguns homenageados, autores e coletores de espécies (Fotos retiradas da internet).



Alípio de Miranda
Ribeiro



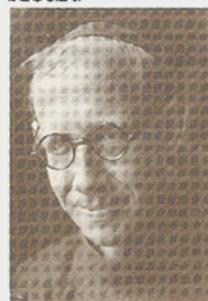
Antenor Leitão
de Carvalho



Rui Simões
Menezes



João Moojen



Frei Borgmeier



Raymond
Shannon



Charles Alexander



Donald Tuttle



Edward Baker



Nancy Simmons



Alfred Gardner



Wilson Lourenço



Ottis Causey



Casal Leônidas e Maria José Deane



Lloyd Rozeboom

Notas à história política de Lavras: Divergências no período oitocentista nas páginas de O Araripe

João Tavares Calixto Júnior

Itaytera

Notas à história política de Lavras: Divergências no período oitocentista nas páginas de O Araripe

João Tavares Calixto Júnior

O jornalismo no interior da Província do Ceará surgiu com a publicação na metade do decênio de 1850, do impresso *O Araripe* (1855-1864), jornal de cunho liberal de grande notoriedade, redigido e publicado por João Brígido dos Santos, político e jornalista de ampla atuação. Segundo Nobre (2006), é considerado até hoje, uma das maiores expressões da referida atividade no Brasil, superando qualquer outro jornal cearense.



Ildefonso Correia Lima

Através das páginas de *O Araripe*, Brígido escreveu e publicou também documentos e apontamentos sobre fatos do passado, artigos sobre os homens e episódios ocorridos na zona meridional do Ceará (ALVES, 2010). Dentre os fatos, alguns passados em Lavras da Mangabeira, à época, Vila das Lavras, mentoreada já pelo clã dos Augustos, hegemonia que perdurou por cerca de um século.

Ressaltemos aqui, sem prolegômenos, o que noticia o periódico cratense em 1857 (nº 37, p. 3), acerca de persistente querela entre o então Vigário Colado de Lavras, Padre Luis Antônio Marques da Silva Guimarães (Padre Luis do Calabaço), e o então Delegado de Polícia local, Ildefonso Correia Lima, em nota publicada a pedido do Sacerdote, endereçada ao Presidente da Província:

Não podendo eu soffrer a persiguição atrás, que me fez o delegado dessa Villa, Ildefonso Correia Lima, vou queixar-me a V. Exc. e o motivo passo a expôr. Não merecendo eu as sympathias desta authoridade, pelo simples facto de pertencer á opposição, tem este persiguido meos moradores com recrutamento, mandando escoltar os casados, que vivem em vida marital, os filhos unicos de lavradores, que tem isenção da lei, só com o fim de saciar odio, que contra mim tem, e muito mais aquelles que commigo votarão, dando isto lugar, Exm. Sr., a que andem foragidos pelo matto os meos trabalhadores, soffrendo assim a agricultura. V. Exc. conhece mui bem quanto esta industria tem deminuido com a falta dos escravos, e que indispensavelmente se fazem precisos braços livres, principalmente a mim, que trabalho em quatro sitios differentes, em cada um dos quaes já tenho engenho de moer canas, esforço este bastante pesado; e vivendo eu Exm. Sr. com meos moradores persiguidos da policia, que lucro tirarei e elles para manterem suas familias e pagar de disimo 300\$ a 400\$ rs. annuaes?

Exm. Sr. a vida sedentaria, em que era occupado, como vigario desta freguesia, me tendo feito adquerir a molestia Diabetis, fui aconselhado pelos medicos a que viesse para o campo, afim de transpirar com o trabalho, e com licença do Rd. Visitador me acho no sítio Calabaça legoa e meia da Villa, onde

me é preciso ter por meos moradores homens, que usão do trabalho ex vi de que tenho nelle um engenho alem dos tres outros ja mencionados, e nestas circustancias a policia só acha a elles para seos desabafos, mandando um individuo de nome João Francisco, meo desafecto cercar as suas casas à meia noite abrindo portas e entrando pelo interior das casas allumiando-as com fachos pelos quartos e assoalhos, que os camponeses costumão faser em suas cabanas para deposito de seos legumes: não respeitando mesmo as famílias em seos agasalhos, como as senhoras de casa e suas filhinhas môças. Entretanto a nada se move essa authoridade não respeitando nem a lei, que prohibe correr casas à noite, nem o sagrado das famílias.

Por tanto Exm. Sr., imploro a V. Exc. dê remedio a essas persiguições com que desde março não cessão de me faser todo o mal. Tudo provarei, se necessario for. Deos Guarde & ampare. Engenho Calabaça, 26 de Janeiro de 1857. Illm. e Exm. Sr. Dr. Francisco Chavier Paes Barreto, Presidente da Província. O Vigário Luis Antônio Marques da Silva Guimarães.

Frisemos, por ser relevante, a exposição do motivo alegado pelo Sacerdote Paraibano em residir no sítio Calabaço: Indicação médica de se exercitar na roça, por ser vítima de diabetes. É verdadeiro, porém, que o levita residiu por muito tempo em um sobrado ainda hoje existente próximo à confluência do Riacho das Emas com o Riacho do Rosário, nas férteis terras de São Vicente das Lavras, onde desfrutou de vita marital, e foi pai de cinco filhos, o que consta nos autos de seu testamento. Poderia ter sido este, portanto, um motivo mais intenso de se morar no Calabaço e não na Casa Paroquial na sede da Vila das Lavras.

Podiam-se constatar em outros noticiários da época, evidências sobre as pendengas políticas entre o Padre e o então delegado de Lavras, Ildefonso Correia Lima, conforme, um colecionador de adversários, esposo da lendária Fideralina Augusto Lima. Admitindo-se o predito, atentemos ao que comenta O Araripe em correspondência redigida por O Lavrense de 12 de janeiro de 1857, enviada ao Redator do Jornal Caririense:

Me é preciso dizer-lhe que não tinha vistas algumas de ocupar as paginas de seu conceituado jornal, e a rasão puderosa e forte para assim o faser é minha fraca e limitada intelligencia; porem, sr. Redactor, chegando me ás mãos uma folha do Pedro 2º cujo numero ignoro (que um meu amigo fes me o especial favor de mandar me) vi um (ilegível) em titulo de correspondencia sem nenhum estilo, sem encadimento de ideias, com erros de Retorica, Grammatica, e Orthografia; em fim obra que mostra evidentemente quem seja o seu dono - sendo a sua epigrafe um dos membros da família Favella. Antes pois de entrar na analyse dos factos da correspondencia desse Favella é da mais estreita precisão declarar ao publico sensato quem foi este Favella e quem é a sua dependencia. Esse herói foi um pobre matuto, q' morava no Riacho do Machado, alli vivia lutando com a fome com a miseria, e com a nudez, o Major João Carlos Augusto compadecendo-se delle chamou-o para esta Villa e obteve para elle o lugar de Delegado, o qual não soube desempenhar, porque a sua vida publica foi uma serie de corrupção não interrompida.

Pela morte desse Delegado succedeu seu Sobrinho Ildefonso Correia Lima: este matuto não só aqui como na Cidade de Icó serve de espetaculo publico pelos seus continuados desfrutes, é um individuo bastante pobre, e dis que está muito bem, que tem muitos contos de reis, e com toda esta fortuna colossal apenas toma no Icó, a credito, um conto e poucos mil reis. Se elle não tivesse casado com uma filha do Major João Carlos estaria redusido a sua triste condição de 1848 - 1849, que era vender nos sambas garrafinhas de aguardente enfiadas estas na ponta de uma tualha. Chega a tal o estado de sua desmoralisação neste lugar, que um negro desta Villa de nome José Branco contou-o na folha chamando-o mentiroso. É pois a um homem destes que o Governo encarrega de grande puder de prender e processar. Temos mais aqui um membro da família Favella, o qual é Sub-delegado, e muitissimo conhecido pelo Vicente Burundanga, este espoleta tem sido muitas vezes sensurado no Cearense e as qualidades que o cercam são a crapula, a devassidão, a corrupção, a trapaça, a manha e a velhacaria. Agora passo a responder os factos da correspondencia desse Favella. Diz elle que nesta Villa tem quatro chimangos sem familia, sem prestigios, e sem fortuna, um deste é o Tenente Coronel José Joaquim da Silva

Brasil, cidadão muitíssimo respeitável, bem conhecido nesta Província nascido no Icó, e filho legítimo de paes illustres e que tem prestado relevantes serviços no estado nas commoções políticas, como fosse em 17, 21, e 32, e tem occupado alem disto os empregos mais vantajosos no município em que mora, cujos empregos tem sabido desempenhar com toda honradêz, e dignidade e bastante actividade; o segundo de que trata-se, é o ajudante José de Sousa Mattos, este benemerito cidadão é muitíssimo conhecido nesta província pelos seus precedentes honrosos, dedicou-se a carreira militar, prestou bastantes serviços a Patria e ao Estado. O terceiro é o Vigario collado desta Freguesia Luis Antônio Marques da Silva Guimarães, homem este bastante rico e de uma posição elevada, a sua família é uma das primeiras da província da Parahyba, os seus manos o Vigário José Antônio, e o Dr. Açanã, paixão por uma das illustrações daquella província. O quarto que menciona-se que é filho do Rio do Peixe e que é bem conhecido pela sua família do Umary, esta pessoa responde-vos que não o enxerga, e nem o ouve, e que só se lembra deste membro Favella, assim como lembra dos porcos quando os encontra na rua; que para não o imporcalhar da-lhe com os saltos dos botins nas ventas. São estes infelises e manivellas que tem a coragem de quererem menoscabar a reputação de homens que tem sabido adquirir em tempos e epochas em que o espirito da corrupção se tem mais entendido. Não quero ser mais infadonho aos meus leitores e por isto quero findar esta no firme propósito de não dar o menor cavaco a estes desgraçados, o que se agora faço foi em satisfação ao publico, pois acosto-me a maxima do Marquês de Maricá, - quem disputa com a canalha fica a nível com ella. Tenha pois a bondade de inserir estas linhas que são de seu constante leitor. O Lavrense.

Enfatizemos o que comenta O Cearense de 4 de abril de 1856 (p. 4), no quadro *Notícias da Província*, acerca do famigerado Padre Luis Antônio Marques, figura emblemática dessa fase provinciana regional: O vigário de Lavras o revd. Luis Antônio Marques da Silva Guimarães acaba de ser insultado em sua própria matriz por uma sedição promovida pela autoridades policiaes, tirando-lhe a chave da matriz, e passando a outro sacerdote, a quem investirão de jurisdição paroquial (CALIXTO JÚNIOR, 2012).

Como visto, eram frequentes as notícias e acusações por divergências políticas nas edições dos jornais regionais, sobretudo no liberal *O Araripe*. Para Alves (2010), tornou-se perceptível em vários números do periódico cratense, o cuidado em rebater as ofensas feitas pelos políticos de cunho conservador através de outro jornal regional, a *Gazeta do Cariri*, bem assim como o de publicar em seus números (*O Araripe*), insultos e comentários sobre os artigos publicados pelos oponentes.

Desta forma, os jornais haviam se tornado espaços em que os políticos não apenas discutiam seus projetos, já que se acusavam mutuamente e expunham naquele meio, respectivas representações acerca da índole e dos comportamentos particulares de personagens que, por condescendência, a própria história fez questão de omitir.

Referências Bibliográficas:

ALVES, Maria Daniele. **Desejos de civilização. representações liberais no jornal O Araripe 1855-1864.** Dissertação (Mestrado em História e Cultura). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2010.

CALIXTO JÚNIOR, João Tavares. **Venda Grande d'Aurora.** Expressão Gráfica e Editora, Fortaleza, 2012.

NOBRE, Geraldo. **Introdução à História do Jornalismo Cearense.** Edições NUDOC. Departamento de História - UFC. Fortaleza, 2006.



Itaytera

Carta a Patativa do Assaré

Edésio Batista

Este trabalho foi enviado pelo autor para Patativa do Assaré acompanhado da seguinte carta redigida em versos. Em versos também foi a resposta de Patativa.

Crato CE, 18 de novembro de 1999.

Meu prezado Patativa,
Que inda leva vida ativa,
No campo do versejar...
Envio-lhe este cordel,
Para o grande menestrel,
Ler e depois criticar.

Você, vate de mão grossa,
Que as agruras da roça
Em tristes versos cantou;
Nesta minha poesia,
Vai encontrar nostalgia,
Revolta, paixão e dor.

Revolta pelo abandono,
Desta serra hoje sem dono,
Sujeita à devastação...
Pois quanto mais vão brocando,
Mais as fontes vão secando,
Mais se aproxima o sertão.

Paixão por sua beleza,
Por seu porte de grandeza,
Pelo seu verde também...
Por seus fósseis, sua flora,
A fauna que nela mora,
Por tudo que ela contém.

E dor, por ver desprezada,
A majestosa Chapada
Deste lindo Cariri...
Veja a quanto chega o drama!
Até o posto do IBAMA,
Já querem tirar daqui.

Una sua voz à minha,
Tire o sabre da bainha,
Que é o verso que Deus lhe deu!
E se engaje neste tema,
Faça um protesto em poema,
Que tem mais força que o meu.

Respeitosamente.

Edésio Batista.

Resposta de Patativa

Colega Edésio Batista,
Poeta, grande versista,
Recebi o seu cordel;
Além da espontaneidade,
O tema é uma verdade,
Honrando mais o papel.

Com o meu fraterno gesto,
Seu folheto de protesto
Eu preciso responder.
Porém, se com seu estudo,
Revoltado disse tudo,
O que é que eu posso dizer?

Faço apenas com razão
A minha apreciação,
Com muita sinceridade...
E parabéns lhe remeto,
Parabéns pelo folheto,
Que diz a pura verdade.

Aqui na minha velhice,
Um ignorante disse
Que o velho só tem moleza,
Mas nos meus noventa e um
Eu sou fã do bem comum,
E respeito a natureza.

Sou um simples camponês,
E mesmo sem português
Com esta crítica fiel,
Na minha honrada velhice,
Creio no que você disse
No folheto de cordel.

Patativa do Assaré.

Itaytera

Coisas de antigamente...

Manoel Patrício de Aquino

Dia desses, revirando e verificando o que havia entre *resmas* de velhos papéis que fui guardando --- ah, eterna mania! ---- em gavetas dos meus birôs, ao longo dos anos, deparei-me com um retângulo de papelão, já bastante amassado, no qual estava impresso, em cores esmaecidas, um antigo logotipo de BRADESCO (sim, do Bradesco!... vejam, só !...).

O emblema resumia-se a um mapa do Brasil, posto dentro do menor de dois círculos concêntricos. Sobre o mapa, as estrelas do Cruzeiro do Sul. Entre os dois círculos, o nome, em curvatura, da vetusta instituição bancária. Ao lado dessa abolida logomarca, o desenho de uma criança em tamanho bastante maior (em comparação ao logotipo). Uma robusta criança, sem roupa, a levantar, qual atleta campeão, magnífica *corbeille* ou enorme bandeja repleta de muitas e coloridas flores. Isto com destaque, ao lado, de um quadro com

enfeites de molduras como as que se usam, ainda hoje, nos modelos impressos certificados ou diplomas.

Enfeites... Tipo superado de propaganda. Cafonices, dir-se-ia ... Tudo, tudinho, pois, muito ao gosto dos antigamente ...

Dentro do quadro acima referido, a impressão de uma série de *pensamentos*, encadeados, acerca das figuras tão familiares do FILHO e do PAI, em suas relações domésticas normais. Figuras que se transformam ao peso da inexorável marcha do Tempo.

Logo ao primeiro olhar pro pedaço de papelão, de imediato mesmo, lembrei-me de que fora o Colega Antônio Luís Barbosa Filho, quando éramos da CREA --- Carteira Agrícola do Banco do Brasil ---, quem, certo dia, mo presenteou, já lá se vão duas décadas. Ou mais. Na oportunidade, ele me disse : *Tome. Leia, e me diga o que achou disso ...* Sempre irrequieto, apressado, o Colega foi logo saindo, não esperou ; e até hoje não recebeu a resposta ...

O acontecido quedou-se no esquecimento.

Hoje, após tantos janeiros, eis que novamente o papel caiu-se às mãos. Li-o e reli-o .

E o passo, agora, aos Leitores, por considerá-lo matéria sobre que, ainda nos dias atuais, merece alguma reflexão. Até, talvez, demoradas reflexões já que (por exemplo...) os ensinamentos hodiernamente veiculados pela nossa TV, etc., tanto têm contribuído para conturbar mais ainda a estrutura da Família...

Eis os *pensamentos* ali contidos :

» O QUE O FILHO PENSA DO PAI

Aos 7 anos : Papai é grande. Sabe tudo !

Aos 14 anos : Parece que Papai se engana em certas coisas que diz ...

Aos 20 anos : Papai está um pouco atrasado em suas ideias...

Não são desta época...

Aos 25 anos: O *Coroa* não sabe de nada...Está caducando, decididamente.

Aos 35 anos: Com a minha experiência, meu Pai seria, hoje, um milionário!...

Aos 45 anos: Não sei se consulte o *Velho*... Talvez pudesse me aconselhar...

Aos 55/65 anos: Que pena Papai ter morrido! A verdade é que ele tinha ideias notáveis... Pobre Papai! Era um sábio... Como lastimo tê-lo compreendido tão tarde!!!

E então, Caros Leitores?... O que pensam sobre tudo isso? São mesmo cafonices? São, de fato, coisas de mil, novecentos e antigamente?...

**DR. EBERT
FERNANDES TELES**

Médico Oftalmologista

Rua Senador Pompeu, 318

Centro

CRATO – CEARÁ

CEP.: 63100-080

Itaytera

De Bagdá a Arneiroz

Manoel Patrício de Aquino

Ah! É bem verdade que nos quatro cantos deste mundo velho de meu Deus tem gente aqui desta comburida terrinha. Um cearense. Um fura-mundos. Um que fugiu da seca. Ou que, simplesmente, cumpre a sua sina, o seu fado; e vive a sua saga, como predestinado, eterno nômade... Pois bem. Saibam só...

Conta-se que em Bagdá (a histórica e lendária Bagdá! , aquela que, muito antes de Saddam Hussein era conhecida e sempre lembrada pelos contos fantásticos das *mil-e-uma-noites* , envolvendo as fantasias dos haréns , dos tesouros e dos reis , dos sultões e grão-vizires, etc.), sim, conta-se que lá, certo dia, um rico comerciante aprontava-se prá empreender longa viagem, durante a qual deveria, em grande caravana, atravessar inóspitos desertos... Precisava, pois, levar muitas cargas de mantimentos e provisões sobre os lombos e corcovas dos camelos. Por isso, ordenou a um fiel empregado que fosse ao merca-

do adquirir umas tantas coisas que ainda lhe faltavam para a jornada. Para tanto, deu-lhe suficientes dinares (o dinheiro de lá tem esse nome) e a lista do que deveria comprar, não sem antes de, repetidamente, advertir que o vassalo fosse logo ao mercado, e que logo-logo voltasse, pois urgia a partida...

Delicado, mas sucinto e enérgico, ordenou ao empregado :

- Entenda , é mister a urgência ... Esteja de volta, como sem falta, antes do pôr-do-sol !

- Entendido, patrão !... Já me vou, imediatamente !...

Assim, o fiel homem logo partiu. Ao cabo pouco tempo, em meio à multidão fervilhante do Mercado Central, já estava aviando a lista do senhor. E naquele nervoso e barulhento ruge-ruge de gentes, barbas e turbantes, nosso humilde mensageiro deparou-se , de repente, com uma estranha mulher que olhava com firmeza para ele, e fazia gestos muitos estranhos. De maneira instantânea, um extraordinário medo apossou-se dele. Dominava-lhe um inexplicável pavor que lhe dava violentos calafrios pelo corpo inteiro. Então, incontinênti , sentiu, sem saber como, a terrível verdade: aquela mulher era a própria Morte ! Sim, a própria Morte, personificada, ali , ameaçadora, bem diante dele!!! Parecia invisível para os outros, mas se aproximava cada vez mais !...

Ah, a Morte!... Sim, não tinha dúvida nenhuma, era a Morte !!! E lá vinha ela, nervosa, gesticulando !

É claro, nosso homem não esperou por tempo ruim. Esqueceu as compras. Voltou correndo, correndo muito, para a casa do patrão. E, em lá chegando (sol ainda a pino!...), trêmulo e gaguejante, chorando até, em convulsão, contou-lhe todo o ocorrido. O patrão --- um místico --- , calmo, ouviu tudo. Com muita paciência. Sem interromper. Silente. Procurando inteirar-se até de pormenores, pois estava por demais envolvido e impressionado com aqueles fatos. Com o desenrolar da estória, experimentava, também, uma certa dose pavor. Ao final da narrativa, até querendo também gaguejar, simplesmente (estava

mesmo sem saber o que dizer...) perguntou ao empregado :

- E... e... agora ? !...

- Agora, Senhor ---- respondeu, incontrolável, ainda aos prantos e soluços, o pobre homem ---- agora mesmo, faça ligeiro as minhas contas, que faço as minhas malas !... E dê-me dinheiro, tudo o quanto eu tenha direito, pois quero partir, no primeiro avião, pro Brasil !...

- Pro Brasil?! ---- retrucou, admiradíssimo, o senhor.

- Sim, pro Brasil... Com a proteção de Allah e do meu Padim, Padim Ciço , vou prá minha terra. Vou pro Ceará! Desembarco em Fortaleza, e corro prá Arneiroz, minha terrinha querida. Lá, escondidinho no meu sertão, aquela horripilante figura não me encontrará; não quero mais vê-la, e não a verei tão cedo !...

O rico árabe, homem justo, sensível e de coração de ouro, sentiu infinita piedade do desvalido empregado. E logo, sem por nada hesitar, pagou tudo o que devia ao serviçal: e deu-lhe mais dinheiro; mais do que suficiente para a retirada, desejando-lhe ardentemente, entre saudações e beijos de despedida, boa viagem e muita sorte.

Poucas horas depois destas cenas, o sertanejo que voltava a sê-lo, de dentro de um Boing, a 900 km/h e a dez mil metros de altura, olhava para Bagdá, lá em baixo, e que já , muito atrás, se dissipava em brumas ...

Não restando alternativa, o patrão, assim foi, ele próprio, ao Mercado Central fazer suas compras. Em lá, meteu-se no meio da multidão. Saiu de bazar em bazar , de tenda em tenda, comprando, pagando, ensacando.

E eis que, de momento , numa zoadenta e torta ruela exageradamente estreita e apinhada de gente e de bugigangas pelas calçadas e por todo canto, deparou-se também, bem diante de si, com a Terrível Dama, a estranhíssima mulher, a quem, de modo instantâneo, identificou : era a Morte !!! Era ela! Era ela, sim, que estava ali! Frente a frente!!!

Sentiu faltar-lhe terra sob os pés...

Recobrando-se, porém, aos poucos do tremendo susto, e como quem não tinha medo de nada, o nosso homem, pálido, num enorme esforço (fingindo-se tranqüilo), conseguiu enfim perguntar:

- Senhora, por que ameaçastes, aqui, hoje pela manhã, o meu pobre e fiel empregado, que perdi?... Vós bem sabeis: pela bondade da sua alma, a Allah não me cansarei de pedir, para ele, que partiu em longa viagem, paz e longa vida ...

- Ora, Senhor, quanta tolice! ---- respondeu-lhe a Morte, sem rodeios ---- Eu não ameacei o seu bom empregado. Apenas, vendo-o aqui, hoje, fiz (talvez sem querer...) gestos de incredulidade ...

- Incredulidade, Senhora?...

- Sim, apenas isso; incredulidade, pois tenho o meu encontro final marcado com ele para **muito breve**...

- Para **muito breve**?... ---- retrucou o patrão, já agora perfeito senhor de si (lembrando-se de que o empregado, àquela hora, estava a milhares de quilômetros dali) e ao tempo em que procurava esconder um sorriso maroto, zombeteiro, que insistia em vir-lhe aos lábios.

- Sim, para **muito breve** ---- confirmou, com perfeita segurança, séria, tranqüilamente, a apavorante Senhora.

- Mas... onde?... Onde, esse encontro?... ---- insistiu o patrão, rindo intimamente.

E a Morte, que já se ia retirando, pra não encompridar mais a conversa (pois precisava viajar...), disse apenas, sinistra e já à distância:

- Em Arneiroz...

Itaytera

Eu sou do Crato!

José Hamilton de Lima Barros

Do tempo de Pedro Felício, de Dr. Ossian e Ferreira de Assis. Sou do Crato de D. Francisco de Assis Pires, frágil e santo. O vigário era o Pe Rubens, o cooperador era o Pe Onofre. Fui aluno de Mons. Pedro Rocha de Oliveira, no Seminário; de Pe Ágio e Pe Davi; de Pe Teodósio, Pe Aquiles, Pe José Honor, Pe Manuel Feitosa, Pe Néri, Pe Maia, Pe Gonçalo, Pe Aldemir, Mons. Raimundo Augusto e meu querido Mons. Montenegro. Fui contemporâneo de João Bosco Cartaxo, João Cância, José e Francisco Salatiel, Vicente Madeira, José Mota, Plácido Cidade Nuvens, Chico Rocha e Paulo Salviano.

A grande seleção do Seminário era: Eliézer, Parmênio e Emílio. Sobreira, Luis Couto e Francinetti. Tupinambá, Maurício, Bernardo, Bosco Pires e Ivan Marques. Sou do tempo de Tandô, Antonio Cornim e Pedro Cabeção. Sou do Crato de Glorinha, Maria Alice e Vitorino. Já dancei bolero no Gesso, ao som do clarinete mágico do mestre Azul,

do banjo de Favela e do pandeiro de José dos Prazeres. Sou do Crato do tempo do Tênis Clube e AABB, no futebol de salão. Do Votoran e do Volks. Joguei no Ipiranga, apelidado de *Copinho*, o pior time do Crato. Fiz um gol de tiro-de-meta na AABB. Resultado do jogo: AABB 8X1. Fui beque central do segundo quadro do CREPE. Marquei o *Bode*, que já veterano, jogava nas preliminares do campeonato cratense no Estádio Wilson Gonçalves. Chegava ao meio dia para ajudar a marcar com cal as áreas do campo. E seu Virgílio Xenofonte escrevia o nome *José* no meu braço, que eu orgulhosamente mostrava ao porteiro, na hora de entrar de graça para assistir aos inesquecíveis clássicos Esporte X Cariri. No futebol de salão o Tênis Clube era: Gilton, Paulo César e Zé Vicente; Bosco e Gledson; AABB: Manga, Silvio e Dequinha; Vicentão e João Freire. Fui locutor da Educadora e da Araripe. Gritei muito gol de Anduíá e Doce-de-leite; Bebet e Neo Moreira; Panquela e Tônico. Era torcedor do Cariri, o esquadrão proletário do Clube da Rapadura. Vê esse ataque: Idario, Binda, Beбето, Sonia e Neo Moreira. Já subi a ladeira da Nascente, na minha lambreta, com uma mariposa na garupa, para tomar banho na casa de força em noite de lua. Quem nunca fez isso não sabe o que é bom. Ouvi o primeiro disco de Chico Buarque no balneário de Seu Chico da Cascata, comendo baião-de-dois com galinha de cabidela. Campari, Ron Montilla e a inesquecível cachaça *Recordação de 40*: (A Banda, Pedro Pedreiro, Olê, Olá, a Rita)

Fui orador oficial da UEC. Fiz 32 discursos em um único dia, na campanha de Geraldo Lemos, presidente. Comprei fiado e paguei em Ernani Silva, Thomaz Osterne e Seu Pierre. Morei na Praça da Sé, na rua das Laranjeiras, no Pimenta, no Barro Vermelho e na rua da Vala.

Assisti ao filme *Os Dez Mandamentos no Moderno*. Aos filmes de Cantinflas no Cassino. Bati papo com Zé do Vale, Vieirinha, Aldeirico Damasceno, Huberto Cabral e Lindemberg, na Livraria Católica. Comi o doce-de-leite de Isabel Virgínia. Merendei no Café de Joaquim Patrício, de Seu Roldino e de Seu João Gualberto. Eu sou do Crato das tertúlias nas casas, ao som dos long plays de Valdir Calmon e Billy

Voughan. As moças rodavam na Praça Siqueira Campos e nós, de pletó, pelas beiradas, vendo aquelas belezas sem poder chegar muito perto. Zélia Piancó danou-se comigo quando eu disse que ela tinha dado a volta ao mundo, só andando na Siqueira Campos.

Sou do Crato, do tempo que 9 horas da noite era tarde. Tomava-se um cafezinho no Café Líder e alguns iam para casa, mas a noite era criança. Era a hora de Alcides Peixoto e de Coló. De Célio Silva e Luiz Soares. Fiz serenata no Crato com Altemar Dutra e Valdick Soriano. Ouvi Bienvenido Granda, o maior cantor das Américas, cantando *Sonhar Contigo*, acompanhado do conjunto *Ases do Ritmo*. Apresentei Nelson Gonçalves na AABB, no dia em que nossa Miss Francly Nogueira voltou do Rio de Janeiro com o título de Miss Brasil número 3. Compus a equipe de *lambretistas* que escoltou a nossa Miss, desde o aeroporto de Fátima até a AABB.

Estudei no Grupo Teodorico Teles de Quental. Fui aluno de D. Terezinha Couto. Lembro de D. La Salette, D. Sila Pinheiro, D. Adalgisa. Fui da Cruzadinha Eucarística, do Pe Onofre. Cheguei a *apóstolo*. Piinha e Neide, Edístia e Tereza; Vicente Madeira e Zé Anauto. Vi Francisco José da Globo desfilando de batina nas procissões do Crato. Ronald Maia, Oto e Bosco Pires, Valdery, Geraldo Lemos, Chico Oliveira, Chiquinho de Quinco Padre, João Vicemar, Osmar, Paulo Salviano, Tibúrcio Granjeiro, Plácido Cidade Nuvens, todos seminaristas. Estudei no Colégio Diocesano e no Estadual. Na Faculdade de Filosofia. Fiz Letras. Dr. José Newton Alves de Souza, Professor Rubens Soares Chagas, Edmilson Felix, tanta gente... Sou da turma de Joarivar e Verinha Brito; Lia e Eloneida; Jurandir Temóteo e Valdery. Sou amigo e admirador de Huberto Cabral, *o comentarista catedrático em todos os esportes*. A ele devo muito pelas oportunidades que me ofereceu. Basta dizer que ele me colocou para transmitir um jogo Esporte X Nacional de Patos pela Educadora, sem eu nunca ter transmitido uma partida, a não ser as dos meus times de botão, quando eu jogava contra mim mesmo (pelos dois times); abria a jornada, cantava o hino nacional e

jogava e transmitia ao mesmo tempo. Foi Cabral que me apresentou ao grande radialista Gomes Neto, chefe de esportes da Rádio Jornal do Comércio do Recife, onde trabalhei como narrador esportivo por 5 anos, tendo inclusive narrado o nonocentésimo nonagésimo nono gol de Pelé, na cidade de João Pessoa, naquele célebre jogo em que Pelé foi para o gol, a fim de não completar os 1.000 gols no Nordeste.

Algumas vezes substituí Tereza Siébra e depois Leny Sobreira, no programa *Violas e Violeiros*, com João Alexandre e Pedro Bandeira. Em outras oportunidades fiz o *Noite de Serestas*, que era de Dezim, com seleção de Almério Carvalho. Durante um tempo escrevi *A crônica do meio dia* na Educadora, substituindo Mons. Rocha, honra maior da minha vida no Crato. Transmiti muito jogo trepado nos muros dos precários estádios de Juazeiro, Barbalha, Missão Velha, Iguatu e Cedro. Edmundo Gonçalves fazia a linha de som aproveitando a linha do trem. Um dia transmiti um jogo Iguatu X Crato, pelo Intermunicipal de Futebol de Salão, pela Educadora, e o som estava horrível. Meus amigos Heron Aquino e Elói Teles da Moraes da Araripe fizeram uma dublagem com o som totalmente limpo e ganharam a audiência. Mas o pior é que Seu Elói ficava dizendo que na antena da Rádio Araripe tinha um *coador de som...*

Vi Antonio Vicelmo iniciando a sua brilhante carreira de homem da notícia. Cabral comprou um equipamento para fazer entrevistas no estádio. Campos Júnior perguntou a Pirró:

- Quais são as instruções do técnico para o segundo tempo?
- O Bode disse que é pra nós botar pra fu...

Quase todo mundo era demitido da Rádio. Sou formado numa das primeiras turmas da bodega de Seu Almir. Meu ídolo sempre foi Tutita, embora Zé Flávio cantasse melhor. Mas era o grande Tutita quem organizava as peladas na Praça da Sé e ainda pagava a taça: uma lata de goiabada Peixe para os vencedores. Comi cachorro-quente na barraca *O Cacique*, do Carrossel Maia, nas festas de Nossa Senhora da Penha. Ainda não encontrei nada melhor. Compareci aos leilões da

feira da padroeira; meu pai arrematando galinha assada e todo mundo bebendo cerveja quente.

- Seu Euclides deu um lance de 20 mil réis pra Seu Bezerra não comer, gritava o leiloeiro. Assisti ao Circo Nerino, quando me apaixonei perdidamente pela *mulher do arame* e me emocionei ao assistir ao drama *Os dois sargentos*. Vi Hugo, menino, aprendendo a tocar sanfona. Vi Hidelito Parente tocando com Luiz Gonzaga, na calçada da casa de Manelito Parente na rua das laranjeiras. Acompanhei o trabalho de Vicente sacristão, formando Zé de Zumba seu sucessor. Ajudei enterros de gente importante. Gostava de levar o turíbulo ou mesmo aquela cruz que iniciava o cortejo fúnebre. Ajudei missa de Pe Lauro, na casa de caridade. De Pe Gomes, no cemitério. Ouvi muita história de Seu Ramiro, o homem mais feio do Crato. Diziam que Pe Lauro achava Pio XII um Papa 7%. Afinal de contas era uma boa taxa de juros. Levei esporro de Frei Damião, quando, por ocasião das Santas Missões, troquei as galhetas do vinho pela água. Participei do Teatro de Amadores, com Zé Correia, Salet Libório, Marta Lucena, Paulo Leonardo, Bantim, Raimundo Siebra, Aécio Medeiros e tantos outros. Encenamos no auditório da Educadora a peça *O bem amado*, de Dias Gomes, antes de a Globo lançar como seriado e depois novela. Ouvi José Cerqueira, o maior locutor que apareceu no Crato, depois de Heron Aquino. Ele fez na rádio uma *Paixão de Cristo* sozinho, fazendo diversas vozes. Todo mundo dizia: como é que pode um locutor desse vir parar aqui? Isso é locutor pra Rádio Tupy do Rio de Janeiro... Um dia, Zé Cerqueira começou a tomar uma, só parou uma semana depois, no Hospital São Francisco. Apanhou um bocado no Gesso. Heron Aquino gostava de dizer que eu imitava Zé Cerqueira, e era verdade mesmo. Geraldo Lemos foi ler uma crônica de Mons. Rocha e onde existia a palavra *melancia*, ele leu *melância*. Ele dizia que não acreditava que Mons. Rocha escrevesse uma palavra besta feito melancia. Colaborei modestamente com O IDEAL, de Jurandy Temóteo.. Fui titular da coluna *Chou da Cidade* no jornal A AÇÃO. E conto tudo isso porque, ao ter acesso ao

Blog do Crato, me vieram todas essas recordações, como se o tempo não tivesse passado.

E, graças a Deus, vejo que o Crato é o mesmo; renovado, é bem verdade, mas com os valores culturais preservados, com uma gente nova que mantém o mesmo espírito: brincalhão e competente. São os atuais jovens que prestigiam pessoas como Alderico Damasceno, Amarílio Carvalho, Nezim Patrício, Huberto Cabral, Lindemberg de Aquino e tantos outros.

Encontro matérias como as do meu colega de Colégio e de Banco Emerson Monteiro. Não é nenhuma surpresa, mas é uma alegria muito grande ler os seus escritos, bem como os de outros excelentes colaboradores .

Parabéns a todos nós cratenses que moramos fora, mas amamos a nossa terra com o mesmo carinho e emoção.

Talvez os mais velhos ainda se lembrem de mim: eu sou Hamilton Lima, filho de Seu Euclides e Dona Neném da A Cratense. O tempo de locutor esportivo da Rádio Jornal do Comércio e da Rádio Clube de Pernambuco já passou. Já se foram os 30 anos no Banco do Brasil. Nos últimos 12 anos dediquei-me à área jurídica, inclusive na Procuradoria Geral do Estado de Pernambuco, em cujos quadros ingressei. Por razões profissionais afastei-me há muito tempo do Crato, mas podem ter certeza de que nem o tempo, esse cruel adversário da lógica, consegue afastar de mim o sentimento de gratidão pela minha terra e tudo o que lhe diga respeito. Rendo as minhas homenagens a todos os que fazem o Blog do Crato, porquanto a sua existência é um constante renovar do espírito cratense que tenho incrustado em meu coração.



Itaytera

Palavra cravada na alma

Pedro de Araújo Bezerra*

Sempre te busquei
e me perdi nos labirintos da frias
e insondáveis madrugadas.

Sempre te busquei
e a tua ausência
fez morada em meu peito.

Desesperadamente te busquei
e por inumeráveis vezes
o silêncio explodiu calado
dentro do meu corpo.

Eu, filho dos enigmas da noite
voei desgarrado feito pássaro sem norte.
E batendo minhas frágeis asas
vi e venci
moinhos, dragões, fronteiras
e intransponíveis muralhas,
mas sempre, sempre te busquei.

Singrando as vastas fronteiras dos céus
descobri muitos sonhos,
complexos mistérios
e feito ensandecido pássaro
voei, voei, voei,
sempre em tua procura.
E no meu imaginário voo de homem
avistei paraísos
e fiz do meu canto
uma palavra cravada na alma.

***Juiz de Direito e Escritor**

Itaytera

George Gardner e o Cariri

Emerson Monteiro

Impossível descrever as delícias que senti ao entrar nesta zona, comparativamente rica e risonha, depois de uma marcha de mais de 300 milhas através de uma região que naquela estação era pouco melhor que um deserto. Com estas palavras, o médico e botânico inglês George Gardner conta a sua chegada às imediações da Vila de Crato, em seu livro *Viagens ao Brasil*, quando esteve aqui, entre 1836 e 1841, onde prossegue: *A tarde era das mais belas que me lembra ter visto, com o sol a sumir-se em grande esplendor por trás da serra de Araripe, longa cadeia de montanhas a cerca de uma légua para o oeste da Vila, com uma frescura ambiente que tirava aos seus raios o ardor que pouco antes do poente é tão opressivo ao viajante das terras baixas.*

Dos primeiros a escrever impressões quanto ao interior do País durante os inícios da presença europeia, Gardner considera: *A população da Vila orça por dois mil habitantes, quase todos índios, puros ou mestiçados.*

Após se deter nos aspectos sociais, registrando modos de relacio-

Itaytera

Lições

Valeska Sampaio

Uma senhora sentada na praça, olhando as pessoas passando, quase correndo, atrasadas ou quase, todas sem tempo. Ela calma, quieta, só olhando...me aproximei e perguntei se podia sentar-me ao seu lado, ela sorriu e disse que sim... sem me olhar começou a falar... nasci há 100 anos, tudo era muito diferente, não havia tanta agitação, o meu tempo era mais tranquilo, se bem que se aqui ainda estou, este também é meu tempo, mas as vezes me sinto um dinossauro, perdi o meu grupo, a minha tribo, vi o tempo levar pessoas que ainda amo, porque você não se engane minha querida, a ausência física não destrói o amor, nem sequer diminui; pois bem, o tempo levou meus pais, meu marido, irmãos, alguns filhos e muitos amigos, é verdade que ele também me trouxe noras, genros, netos e bisnetos que são flores no jardim da minha vida. Olho as pessoas correndo tanto, em busca de ilusões, não adianta querer mostrar isso a elas, elas não têm tempo para

me ouvir, o tempo também leva a nossa credibilidade, fica mais difícil acreditarem na gente sabe? Viver é bom, mas cansa também.

Perguntei a ela, se a senhora pudesse faria algo diferente do que fez e o que seria? Ela me olhou, sorriu e disse assim: faria sim, muita coisa, teria beijado mais e mais bocas também, teria feito mais sexo e sem tantos pudores, teria dito a alguns rapazes que queria ficar com eles, teria até ficado com mais de um sem me policiar tanto, teria brincado mais com a vida, com meus filhos, não reclamaria tanto da vida, teria trabalhado fora, não engoliria sapos e mais sapos do meu finado marido, que Deus o tenha, mas ele não era flor que se cheirasse... teria amado mais, viajado mais, simplificado a vida, carregaria menos bagagem e teria mais lembranças boas. Teria comido e bebido tudo que tivesse vontade, pois você se cuida para envelhecer bem, mas quem disse que envelhecer bem é bom? Quem disse que longevidade é bom? Ficar sozinha, ver os outros partirem e sua hora nunca chegar, porque você não comeu doce, sal, pimenta, não bebeu, não fumou, não passou noites na farra, não transou? E o que diabos você ganhou com isso? Até hoje não como o que quero, me proíbem, não posso mais viver farras, minha coluna e meus movimentos comprometidos me impedem de ter uma boa noite de sexo selvagem....caímos na gargalhada.

Ela ficou um momento em silêncio e depois prosseguiu, não pense que não fui feliz, eu fui, só poderia ter sido mais. Agora vão fazer uma festa para comemorar o meu centenário, combinaram tudo, fotos, roupas, missa e todas as coisas que são necessárias, eu fico imaginando quem será o povo que estará nesta festa, será que conheço pelo menos dez pessoas, além da minha família? O que será que tem para se comemorar em um centenário? Alguém se aproximou e ela ficou bem quietinha, com o comportamento esperado para uma senhora da sua idade. Disse baixinho, não esqueça o que lhe falei, beije mais, transe mais, viva mais, pois esperar ter tempo para fazer o que quer não é um bom negócio, pegou um terço e fez de conta que estava terminando de rezar.

A pessoa que se aproximou, cuidava dela e disse que já estava na

hora de ir embora, olhou pra mim e sorriu, como se estivesse conduzindo uma pessoa que não sabe bem o que diz. Ela me olhou, piscou, sorriu e foi embora... Perguntei: a senhora vem amanhã? E ela respondeu:

Quem Sabe um Dia
Quem sabe um dia
Quem sabe um seremos
Quem sabe um viveremos
Quem sabe um morreremos!

...

Um dia
Um mês
Um ano
Um(a) vida!

...

Sentir primeiro, pensar depois
Perdoar primeiro, julgar depois
Amar primeiro, educar depois
Esquecer primeiro, aprender depois

Mario Quintana

Me senti como se tivesse lido um bom livro, assistido uma linda peça, um belo filme, um lindo espetáculo...



Agradecemos a

MIRIAN SOBREIRA,

*Deputada Estadual e
Secretária Especial de
Políticas Sobre Drogas do
Estado do Ceará, pelo seu
apoio a esta publicação.*

Itaytera

Maioridade penal

Jorge Emicles Pinheiro Paes Barreto

O crescente em progressão geométrica da violência no país, muito notadamente nos maiores centros, porém certamente que também em todos os rincões do território nacional, vem sendo o combustível principal a alimentar o debate sobre a necessidade de modificar a maioridade penal no Brasil, pois sabidamente, aqueles que tenham menos de dezoito anos, contados na data da consumação do delito, não respondem por fato criminoso propriamente dito, mas por mero ato infracional. Em bom português, esta nuance técnica do direito impõe um tratamento extremamente diferenciado quanto à solução que o Estado brasileiro dispensa para a repressão do mesmo fato ilícito, desde que seja cometido por diferentes sujeitos, um menor de dezoito anos e outro maior. Ao adolescente, a lei reserva uma série de medidas sócio-educativas (jamais penas) cuja mais severa consiste no internamento não superior a três anos. Já ao maior de dezoito anos, desde que

considerado cômico do ato ilícito que praticou, se destina um conjunto de penas, cuja mais dura delas é a reclusão de até trinta anos. A brandura da lei quanto aos atos infracionais dos adolescentes e o sabido uso deles por quadrilhas na linha de frente da prática de diversos crimes, os violentos em especial, são a mola da discussão, pois esta tática da marginação conduz não somente à impunidade, como também ao aumento da criminalidade. É um verdadeiro ciclo vicioso, onde a falta de punição efetiva dos marginais menores de dezoito anos alimenta a sensação de insegurança da população, mas também ao descrédito da lei e do Estado (seja o Executivo, seja o Judiciário) como instrumentos confiáveis na garantia da paz da sociedade, o que por sua vez estimula mais ainda os delinquentes a intensificarem seus atos criminosos.

Para a população em geral, este é mais um dos muito hipócritas absurdos do direito brasileiro. Para os penalistas, contudo, tudo parece fazer o mais racional dos sentidos. Essencialmente, os juristas compreendem que somente poderá haver a incidência da lei penal quando o ato afirmado em lei como crime, for cometido com a plena consciência da ilicitude, pois o crime, enquanto ato humano, não pode comportar uma imputação objetiva, factual somente, portanto, mas carece de uma reprobabilidade social, aferível somente a partir de quando for o fato praticado com a consciência, intenção, assunção do risco de produzir o resultado (o que impõe ser o mesmo previsto pelo sujeito do crime) ou excepcionalmente com imperícia, imprudência ou negligência, que são as três formas conhecidas de culpa. É a este conjunto de dados que os juristas chamam de *elemento subjetivo do crime*, que podemos resumir na vontade, consciência ou previsibilidade do resultado. Sem este tal elemento subjetivo, simplesmente não há crime. É a partir desta construção teórica, por exemplo, que os penalistas afirmam categoricamente que um louco (porque não tem consciência da ilicitude de sua ação) não comete crime. Aos inimputáveis em geral (como é bem o caso do louco), não se aplicam penas, mas medidas de segurança nas hipóteses em que o sujeito representar risco à sociedade.

A mesma lógica se desenvolve quanto aos adolescentes, pois segundo o nosso Código Penal (no que é repetido pelo Estatuto da Criança e do Adolescente), presume-se que todas as pessoas com menos que a maioridade penal (dezoito anos) não possuem consciência da reprobabilidade e ilicitude da ação cometida. É diz que a nossa lei penal afirma categoricamente que os latrocidias, desde que menores de dezoito anos, que praticaram bárbaros delitos de morte em busca de minguada compensação financeiras, mas também todos os delinquentes na mesma condição, simplesmente não compreendem que é errado o que fazem, pois não possuem ainda o desenvolvimento mental adequado para compreender a ilicitude de suas ações. Magicamente, continua nossa lei criminal, a partir da zero hora do dia em que completarem dezoito anos, estes mesmos adolescentes incôscios serão agora dotados de pleno discernimento, podendo então ser objeto do castigo da pena. Em essência, é este o âmago do ensinamento dos penalistas, o que inequivocamente é uma arrogante falsidade. Mesmo fugindo um instante apenas do tema, não podemos deixar de perguntar o que merece o legislador e o cientista (os juristas se pretendem cientistas, sim) que fundamentam suas decisões e pontos de vista a partir da mentira. Talvez a punição mais severa devesse ser a deles, não dos adolescentes infratores.

Porém, simplesmente modificar-se a maioridade penal (tema que irrecusavelmente deve ser debatido e revisto pela lei brasileira, não porque a violência esteja em crescente, mas porque a lei não pode ser fonte da mentira, como ricamente encontramos exemplos no ordenamento jurídico brasileiro), definitivamente não resolve o problema. Primeiro que tudo advirta-se francamente que nem as penas nem as medidas sócio-educativas reeducam ninguém. Os estabelecimentos destinados aos menores só não são presídios superlotados, desumanos e qualificados instrumentos do crime organizado na letra da lei, porque na realidade dos fatos acabam sendo muito mais desumanos que os próprios presídios. Tanto os criminosos como os menores infratores majoritariamente

reincidem no crime, de maneira que encarcerá-los é apenas estimulá-los a permanecer na delinquência. Segundo, o direito criminal jamais poderá ser instrumento de freio da violência, pois como argutamente lembra um famoso jurista brasileiro, Luiz Flávio Gomes, o direito penal somente poderá incidir após o crime cometido, ou iniciada sua execução, pois antes deste marco simplesmente a lei não permite a aplicação de qualquer pena (é dizer: o mal intencionado que espera nas sombras a passagem daquele a quem pretende matar de emboscada não está cometendo nenhum crime, senão após o desfecho da primeira facada morticida). Logo, devem ser outros os instrumentos da sociedade que sirvam ao arrefecimento da violência presente.

Neste sentido, é preciso diagnosticar que a causa da violência não está na maldade inata do ser humano, que precisa por isto ser encarcerado e alijado do convívio com seus pares. A teoria maltusiana (que dizia que as pessoas já nascem biologicamente programadas para a delinquência) já restou há mais de cem anos repudiada pela comunidade científica. As causas da violência a encontramos na miséria, na fome, na falta de oportunidade de mobilidade social, no processo sociológico da anomia (que seria um funil social, que alija a grande maioria da população das oportunidades de crescimento material) e, enfim, em todas as espécies de desigualdades que aparentemente transformam alguns homens em pessoas melhores ou mais privilegiadas que outros. Se verdadeiramente quisermos alijar a violência do seio da nossa sociedade, o caminho é o da construção de instrumentos da igualdade e felicidade da população, não o do encrudelecer das penas, que ao final das contas, não resolvem absolutamente nada, pois são incapazes de serenar os corações encharcados pela injustiça e pela revolta.

Não se modifica a realidade social por decreto, como demagogicamente propõem a maioria dos políticos.

Itaytera

Padre Cícero: estudos e ordenação

Ao Eduardo José Pereira de Matos*

Anchieta Martinez de Mont'Alverne

Ocorrida a criação da Diocese do Ceará, com sua consequente desvinculação da Sé de Olinda, pelo Imperador D. Pedro II, por ato da Assembleia Geral, de 10 de agosto de 1853, e confirmada por Sua Santidade o Papa Pio IX, através da Bula *Pro Animarum Salute*, de 6 de junho de 1854, esta área da Federação, à luz dos preceitos canônicos, passou, então, a conduzir o seu próprio rebanho...



Decorridos seis anos – e já que dois outros prelados não aceitaram a indicação para o Ceará, é nomeado para primeiro Bispo da recém-criada Diocese, por Decreto Imperial de 31 de janeiro de 1859, D. Luís Antônio dos Santos, natural de Angra dos Reis, Estado do Rio, onde nasceu em 1817, e ordenado pelo Seminário do Caraça (MG), à época dirigido pelo já famoso padre – e futuro Bispo – D. Antônio Ferreira Viçoso, que lhe concedeu, inclusive, a sagração episcopal aos 14 de abril de 1861.

A propósito, cito o documento abaixo, existente no Seminário de Fortaleza, de inegável valor histórico, em que o Sr. Ministro do Império, Conselheiro José Tomaz Nabuco de Araujo, participa a D. Luís de sua indicação para o Bispado do Ceará:

1ª Secção. Ministério dos Negócios da Justiça – Rio de Janeiro em 8 de fevereiro de 1859

S. M. O Imperador, tomando em consideração as virtudes, letras, e mais partes, que concorrem na pessoa do Sr., há por bem nomeá-lo Bispo do Ceará. O que comunico a V. Revma., para sua inteligência, e bem assim, por esta Secretaria de Estado dos Negócios da Justiça se há de expedir em tempo competente a respectiva Carta de apresentação.

Deus guarde a V. Revma.

José Tomás Nabuco de Araujo.

A Capital do Ceará, quando da chegada do novo Bispo, aos 26 de setembro de 1861, e com entrada solene na Catedral no dia 29 do dito mês, **contava**, então – segundo D. Antônio de Almeida Lustosa, em seu importante trabalho: **O Primeiro Centenário da Arquidiocese de Fortaleza: 1854-1954** – com uma população de 9.000 habitantes, e a Diocese em torno de 650.000.

Como medida prioritária, dentre outras, D. Luís deu ênfase a criação do seminário, sobretudo como medida capaz de preparar novos padres, de forma a suprir suas reais necessidades, como o aprimoramento

na formação intelectual destes, mediante, inclusive, a moralização dos costumes.

Com a construção - reformas e adaptações de alguns prédios -, que teve início em 10 de abril de 1863, em terreno pertencente - mas cedido - a uma Confraria, deu-se a inauguração do Seminário São Vicente de Paulo, em Fortaleza, no dia 18 de outubro de 1864 - historicamente conhecido como Seminário da Prainha - uma vez localizado no outeiro desse nome - por D. Luís, e que constava, de, apenas, 2 (dois) pavimentos, o suficiente, àquele tempo, para abrigar, preliminarmente, cerca de 60 (sessenta) seminaristas, porquanto a obra, que continuaria prosseguindo, gradativamente, só seria concluída ao longo de 18 ou 20 (dezoito) anos.

A criação de um Seminário estava condicionada à existência de uma diocese, porquanto é ao titular desta, que cabe justificar e encaminhar a solução desse pleito, haja vista as determinações oriundas do Concílio de Trento (1545-1563), que *recomendava a criação de seminários apenas nas sedes das Dioceses*.

No quadro, abaixo, mencionaremos as Dioceses e Seminários respectivos do nosso País, existentes até a ereção do da Província do Ceará, e que ensaiaram seus primeiros passos quando do Brasil-Colônia, como é o caso da Bahia, que veio se dá no pontificado do Papa Júlio III, pela Bula *Super specula militantis Ecclesiae*, de 25 de fevereiro de 1551, e que *obteve, inclusive, a honra insigne de ser elevada à categoria de Sé Primacial*, por suas condições estratégicas e **relevâncias históricas fundamentais**, que remontam aos primórdios do descobrimento do Brasil.

» DIOCESES E SEMINÁRIOS DIOCESANOS

Observe-se que os Seminários têm suas datas de criação respectivas mencionadas logo após as das Dioceses, e que se vêem entre parênteses:

DIOCESES	DATA DA CRIAÇÃO	DATA DA CRIAÇÃO DO SEMINÁRIO
São Salvador (Bahia)	25.02.1551	05.04.1815
Rio de Janeiro (RJ)	22.11.1676	05.09.1739
Olinda (PE)	22.11.1676	16.02.1799
São Luís (MA)	30.08.1677	17.04.1838
Belém (PA)	04.03.1719	17.04.1749
São Paulo (SP)	06.12.1745	09.11.1856
Mariana (MG)	06.12.1745	20.12.1750
Cuiabá (MT)	15.07.1826	06.01.1836
Goiás (GO)	15.07.1826	06.01.1872
Porto Alegre (RS)	17.05.1848	03.05.1856
Diamantina (MG)	08.06.1854	1867
Fortaleza (CE)	08.07.1854	18.10.1864

Jovem provido dos rudimentos escolares em sua terra natal, Crato (CE), e, posteriormente, tendo frequentado o destacado Colégio de Cajazeiras, no Estado da Paraíba, do sábio Padre mestre Inácio de Souza Rolim, prosseguiu sua formação no, hoje, vetusto e célebre seminário da Prainha, em Fortaleza, de regulamento e normas disciplinares rigorosos, que ali, sob o olhar vigilante e austero dos padres lazaristas, deu entrada e veio de matricular-se, sob nº 46, no dia 2 de abril de 1865, o clérigo Cícero Romão Batista, nas aulas de teologia e retórica, para só sair, em definitivo, a 30 de novembro de 1870, já ordenado presbítero secular.

O primeiro aluno a matricular-se (digo-o a título de ilustração), sob número 1 (um) naquele educandário, foi o futuro Padre Joaquim Antunes de Oliveira, natural de Aracati (**verdadeiro celeiro de homens vocacionados para o sacerdócio**), aos 18 de outubro de 1864 (data de

inauguração do Seminário), e o menorista Joaquim Romualdo de Holanda, fortalezense, os quais – como veremos – foram ordenados (conjuntamente, e não separados) com o diácono Cícero Romão Batista no dia 30 de novembro de 1870.

Com o falecimento, inesperado, do seu genitor, Joaquim Romão Batista, ocorrido em 20 de junho de 1862, em Crato, e com o retorno, imediato, **daquele** ao Crato, quando estudante no Colégio do Padre Rolim, em Cajazeiras, para cuidar dos negócios da família – à época constituída (esta) de sua mãe, D. Joaquina Vicência Romana (D. Quinou), suas irmãs, Maria Angélica Romana – por alcunha Mariquinha – (24.08.1842 - ... 1878) e Angélica Maria Romana – ou Angélica Vicência Romana, como quer o Padre Cícero – (01.10.1849 – 06.10.1923), como, e além do mais, de uma escrava, Tereza Maria de Jesus (Terezinha do Padre) – é sabido que o Cel. Antônio Luís Alves Pequeno assumiu, por iniciativa própria e de boa vontade, o firme propósito de ajudar o afilhado em seu desejo de estudar, e assim o fez.

Contando, portanto, com apoio do futuro benfeitor do Seminário São José do Crato, Cel. Antônio Luís – que, inclusive, doou o terreno para sua instalação –, padrinho de crisma do **Padre Cícero**, que lhe socorreu com os recursos indispensáveis ao custeio das despesas no Seminário da Prainha, em Fortaleza, a partir do momento em que ali ingressara aos dois (2) de abril de 1865 – por se tratar de um **jovem pobre**, e, por consequência, desprovido dos meios necessários à consecução dos seus objetivos –, veio o futuro Patriarca materializar seus propósitos, quais sejam: estudar e tornar-se padre, servir a Deus e à causa da religião, e do próximo.

Como quer que seja, as despesas decorrentes com os estudos do futuro Patriarca do Juazeiro, não só teve o apoio incontestado do Cel. Antônio Luís, outrossim, contou com o subsídio do Governo Imperial – cuja ajuda nada tinha de humanitária, porquanto provinha do muito que recebia com a arrecadação do dízimos e, destes, pouco fazia retornar ao seio da Igreja – já que, nos termos do Art. 5º da Constituição

do Império (1824) constituiu a *Igreja Católica como religião do Império*, e única mantida por ele, devendo, ressaltar, ademais, que estávamos, sob o regime do padroado.

Com o fluir do tempo, e em decorrência desse dispositivo constitucional, o Governo vem de promulgar, posteriormente, o **Decreto nº 3.073, de 22 de abril de 1963*** - sancionada quase dois anos antes do ingresso do Padre Cícero no Seminário da Prainha - elaborada ao tempo do Gabinete do Marquês de Olinda (Pedro de Araujo Lima), à época (1862-1964) Primeiro Ministro do Império, **que uniformizava os estudos das cadeiras dos Seminários Episcopais**, existentes em todo o País, determinando em seu Art. 1º: *Nos Seminários Episcopais haverá as seguintes cadeiras subsidiadas pelo governo: 1ª) Latim; 2ª) Francês; 3ª) Retórica e Eloquência Sagrada; 4ª) Filosofia Racional e Moral; 5ª) História Sagrada e Eclesiástica; 6ª) Teologia Dogmática; 7ª) Teologia Moral; 8ª) Instituições Canônicas, e 9ª) Liturgia e Canto Gregoriano.*

Com relação às demais matérias - cerca de, mais ou menos, 20% -, seriam estas financiadas pela **Mitra** (parte final do Art. 1º), exceto se já não contassem com o auxílio das **Assembléias Provinciais** respectivas, nos termos preconizado por aquele diploma legal, em seu Art. 16, enquanto as precitadas no Art. 1º, ficariam a cargo da **Nação ex-vilegis**, respondendo, em consequência, o Cel. Antônio Luís - é o que se presume - pelas disciplinas restantes no Seminário de Fortaleza, decorrentes dos gastos com o prócer e futuro Patriarca do Juazeiro, cujo honorário, para cada uma das cadeiras, correspondia a um conto de réis (1.000\$000) o que, em si, já constituía em grande monta, haja vista que os encargos dos professores - que eram nomeados por concurso - eram pagos pelo governo mediante prévia apresentação do atestado de frequência passado pelos Reitores dos Seminários respectivos (Art.11).

Contando o País, ao longo do período de 1815 a 1864, com 10 (dez) seminários, apenas os do Rio de Janeiro e São Paulo não contavam com ajuda do governo, o primeiro, segundo D. Oscar de Oliveira, em sua obra: *Os Dízimos Eclesiásticos do Brasil, edição de 1964, pág.*

159, - que se sustentava do próprio patrimônio e das esmolas dos fiéis, e o de São Paulo, que apenas recebia do **Tesouro provinciano** uma subvenção de quatro contos de réis (4:000\$000), sem contudo aceitar a dura condição do Governo quanto à nomeação de professores e a dotação de compêndios.

Não querendo empanar a realidade - e nem deslustrar da boa vontade do Cel. Antônio Luís - que se houve com desprendimento e espírito humanitário -, é justo que se registre essa parte assistencial em louvor do menorista Cícero Romão Batista, figurante no livro de matrícula da turma inaugural do seminário da Prainha, devendo, entretanto - a bem da verdade - ressaltar que, ao outro lado, achava-se o jovem Cícero seguramente amparado pelo governo, que subsidiava *ex vi legis*, praticamente, 80% (oitenta e cinco por cento) de todo o currículo escolar.

Com o propósito de demonstrar os efeitos práticos do Decreto 3.073, no que respeita a destinação de verbas para os **Seminários Episcopais - o do Ceará, inclusive -**, bastaria atentar, a seguir, para os exemplos esparsos, de algumas leis ou decretos que fixam e orçam a receita geral do império para os exercícios que mencionam:

Lei nº 1.245, de 28.06.1865, exercício 1865-1866. Art. 2º, parágrafo 26 - **Seminários episcopais ...**, 150:000\$000..., e 10:000\$000 para começo do do Ceará; Lei nº 1.507, de 26.05.1867, Bispados e Relação Metropolitana: 1.114.869\$900 e **Seminários Episcopais: 120.000\$000**. Enfim, a Lei nº 1750, de 20.10.1867, *determinando que a Lei nº 1.507, mencionada anteriormente, continue em vigor no exercício de 1869 a 1870, enquanto não for promulgada a respectiva Lei de Orçamento*.

A título de ilustração - e em termos comparativos - fornecemos, a seguir, um demonstrativo das matérias estudadas pelo Padre Cícero e, a seguir, as subsidiadas pelo Governo, renumerada, desta feita, por ordem alfabética para maior clareza e objetividade:

DISCIPLINAS	SUBSIDIADAS	NÃO SUBSIDIADAS
Cantochão		Não
Instituições Canônicas	Sim	
Eloquência	Sim	
Filosofia	Sim	
Francês	Sim	
Geografia		Não
Hermenêutica		Não
História Eclesiástica	Sim	
Latim	Sim	
Liturgia	Sim	
Música de Cantochão	Sim	
Prolegômenos de Teologia		Não
Retórica	Sim	
Teologia Dogmática	Sim	
Teologia Moral	Sim	

» Observações:

a)- Instituições Canônicas referem-se aos prolegômenos de Direito Canônico.

b)- A matéria de Filosofia compreendia a Filosofia Racional e Moral.

c)- História Eclesiástica compreendia História Sagrada e Eclesiástica.

As disciplinas, objeto dos estudos do Pe. Cícero, consegui-as em livro próprio (1864...), existente na Sala de História Eclesiástica do Seminário da Prainha, cujas notas de aproveitamento em todo o período escolar (1865-1870 - inobstante boas - deixo-as de mencionar por des-

necessidade, e, além do mais, não ter, com isso, nada a provar.

Em que pese a expressão *matricula da turma inaugural*, nada tenha a ver com a primeira de presbíteros do Seminário (30.11.1867) de que trata à página 34 do **Álbum Histórico do Seminário Episcopal do Ceará - ano de 1914** -, quando foram ordenados vinte um (21) sacerdotes - 12 (doze) dos quais cearenses e nove (9) outros provenientes das Dioceses de Pernambuco e Minas Gerais, constituía parte daquela turma o futuro Mons. Antônio Alexandrino de Alencar, o mesmo que presidiu o 2º Inquérito dos fatos ocorridos com a Beata Maria de Araujo no ano de 1889 (1º de março), cujas notas foram das melhores daquela Casa de formação religiosa.

Ocorre salientar que, além dessa primeira turma, ocorrida antes da ordenação do Padre Cícero, sucederam-lhe duas outras nos anos de 1868 e 1869, quando concluíram os estudos, respectivamente, 6 e 8 sacerdotes (sem mencionar os de outros Estados da Federação), consoante registra o Barão de Studart, em sua famosa obra **Datas e Fatos para a História do Ceará, edição de 1910**. A quarta Turma, que é de 30.11.1870, da qual fazia parte o Padre Cícero, compunha-se de dezessete (17) neo-sacerdotes (**os primeiros efetivamente matriculados no Livro de Matrículas do Seminário - ano de 1864**), que menciono a seguir por ordem de entrada: Joaquim Antunes de Oliveira (1), Joaquim Rodrigues de Menezes e Silva (7), João Paulo Barbosa (13), Antônio Bezerra de Menezes (17), Joaquim Romualdo de Holanda (19), José Lourenço da Costa Aguiar (30), Cincinato do Carmo Chaves (31), **Cícero Romão Batista (46)**, Raimundo da Costa Moreira (51) e, José Silvino Maria Vasconcelos (60). Os presbíteros acima, **em número de 10**, pertenciam a Diocese do Ceará, enquanto os demais, Sebastião Constantino de Medeiros, José Ferreira da Silva, Francisco Raymundo da Cunha Pedrosa, João Augusto do Nascimento Pereira, Manoel José Martins de Carvalho, Floriano Belmiro da Costa Silva e Veríssimo da Silva Pinheiro, **em número de sete (7)**, pertenciam à de Pernambuco: sendo três (3) daquele Estado (Olinda, Gameleira e Tracunhaém); dois (2) de Penedo-AL, um (1) de

São João do Rio do Peixe-PB e, por último, um (1) de Seridó-RN.

Em solenidade geral – e não isolada, mas bastante concorrida –, recebeu o Padre Cícero o grau de ordem sacerdotal, na antiga Catedral Velha de Fortaleza, em ato presidido pelo Exmo. e Revmo. Sr. D. Luís Antônio dos Santos, primeiro bispo do Ceará.

É o que comprova, em termos oficiais, o **Livro de Ordenação daquele Seminário, nº 164**, onde se acha o assentamento de ordenação do Padre Cícero, na forma como prossegue:

“CÍCERO ROMÃO BAPTISTA, natural e batizado na freguesia do Crato, deste Bispado, filho legítimo de Joaquim Romão Baptista e Dona Joaquina Vicência Romana, da mesma freguesia, recebeu prima tonsura e ordens primeiros graus de ordens menores aos vinte e nove de novembro de 1866, e os dois últimos graus das mesmas ordens a trinta de novembro de mil e oitocentos e sessenta e oito; digo, estas últimas foram tomadas no dia 28 de março de 1868 na Igreja do Seminário; aos vinte e um dias do mês de novembro de mil oitocentos e setenta recebeu o subdiaconato na Capela de Nossa Senhora da Conceição do Seminário aos vinte e sete dias supra declarados, o Diaconato na mesma Capela declarada; finalmente aos trinta dias do mesmo mês e anno supra mencionados, digo, em que ocorreu a festa do Bemaventurado Apóstolo Santo André, em ordenação geral, que teve lugar na Santa Igreja Catedral, foi-lhe conferido o sagrado presbiterato pelo Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor Bispo Diocesano, Dom Luiz Antônio dos Santos.

No que respeita ao Seminário do Crato, inaugurado em 7 de março de 1875, a jurisdição eclesiástica do Bispado do Ceará compreendia toda a área territorial da Província, e a diocese sul cearense só foi criada no dia 20 de outubro de 1914, pela bula *Catholicae Ecclesiae*, de Sua Santidade o Papa Bento XV, com posse do seu primeiro bispo, D. Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva, a 1º de janeiro de 1916, o qual, por uma questão de justiça, foi o primeiro a tomar iniciativa visando

a reabilitação do Padre Cícero perante a Santa Sé – de forma direta e menos burocrática –, nos termos do expediente datado de 9 de novembro de 1920, elaborado quando da passagem de Dom Quintino por Petrópolis, Estado do Rio de Janeiro, e encaminhado a Sua Santidade o Papa Bento XV.

Em vista do exposto – e consoante decisão –, o Santo Ofício lhe absorveu das censuras, retirando, em consequência, o mandado de excomunhão – que nunca chegou a ser executado – nos termos do expediente de 3 de março de 1921. Continuou, entretanto, as irregularidades.

Consequentemente à ereção desta Diocese, e, em seguida, à de Sobral, pela bula *Catholicae Religionis Bonum*, de 10 de outubro de 1915, a Diocese de Fortaleza foi elevada a Arquidiocese, passando as recém-criadas à condição de sufragâneas desta última por esse mesmo ato Pontifício.

É possível que essa decisão do venerando Bispo, tenha suas origens na audiência que manteve com o Dr. Floro Bartolomeu da Costa, em princípios de maio de 1920 – a pedido deste, e que perdurou por 6 (seis) horas –, quando, à luz da objetividade e forte argumentação que lhe eram peculiares, expôs, sem rodeios, os graves problemas lançados contra o venerável sacerdote ao longo de trinta (30) anos, e as consequências que poderiam advir, caso o Pe. Cícero, já carregado em anos, viesse a receber – ou mesmo tomar conhecimento – àquele expediente excomunicatório. D. Quintino, homem prudente, sabia ouvir e decidir com bastante firmeza e independência. E assim o fez. Recebeu de volta o documento, que se achava em poder do Dr. Floro.

Caso singular, o que é de se lamentar, a forma pela qual o documento foi encaminhado ao Padre Cícero – que, à época, contava 77 anos –, não por um mensageiro cauteloso e consciente de uma missão, devidamente instruído e orientado, mas por uma figura anônima: os Correios... Como quem diz: ao receber, ele que se vire...

Caso menos grave – e ainda já bastante jovem (48) – deu-se com

a entrega do documento de suspensão das ordens do Padre Cícero. O Bispo de então, Dom Joaquim José Vieira, estando presente o Mons. Antônio Alexandrino de Alencar, em Fortaleza, vigário do Crato, orientou a este para agir com muita prudência e em local e momento adequados, inclusive fornecendo-lhe um manual de instruções próprio para essas ocasiões. O Monsenhor agiu, conforme orientado. Com a palavra o Mons. Alexandrino: **O Padre apenas recebeu a Portaria de suspensão, ajoelhou-se, beijou o chão depois de haver dito as seguintes palavras: *Eu ofereço tudo a Nosso Senhor.*** Mons. Alexandrino, que havia saído (por meia hora), para batizar uma criança, observou, ao retornar: o Padre Cícero *Levantou-se em seguida..., encontrei-o um pouco agitado. Mostrou os considerandos e disse que não eram verdadeiros.* Carta do Mons. Alexandrino a D. Joaquim José Vieira, datada de 31.08.1892.

Não é concebível que uma autoridade eclesiástica, seja ela qual for, uma vez excomungada continue a celebrar o Santo sacrifício da Missa, e o Padre Cícero continuou a exercê-lo sem interrupção desde a ocorrência dos fatos *miraculosos* em 1º de março (sexta-feira) de 1889, - **nesta urbe inclusive, mas desta feita somente a partir de 1º de Janeiro de 1917, e até 3 de junho de 1921**, consoante autorização de D. Quintino, por ocasião de sua visita pastoral a Juazeiro, ocorrida em 1916, de 22 a 30/12, quando, infelizmente, *lhe não foi mais concedida o uso de ordens nesta Diocese*, consoante determinação intempestiva do antístite de então. Mas aí é outra história...

» BIBLIOGRAFIA:

Alencar, Pe. Carlos Augusto Peixoto de. Roteiro dos Bispos do Brasil. Fortaleza, 1864

Alvarenga, Dr. Manuel de. O Episcopado Brasileiro. São Paulo, 1915

Baratta, Cônego José do Carmo. História Eclesiástica de Pernam-

bucu, 1922

Barbosa, Padre Manoel. A Igreja no Brasil- Notas para a sua História. Rio de Janeiro, 1955.

Camargo, Mons. Paulo Florêncio da Silveira. História Eclesiástica do Brasil. Rio de Janeiro, 1955.

Carreira, Liberato de Castro. História Financeira e Orçamentária do Império do Brasil, 2 Vols. Rio de Janeiro, 1889.

Cava, Halph Della. Milagre em Joaseiro. Rio de Janeiro, 1977.

Ferreira, Tito Lívio. A Ordem de Cristo e o Brasil.

Filho, João Dornas. O Padroado e a Igreja Brasileira. São Paulo, 1938.

Gerson, Brasil. O Regalismo Brasileiro. Rio de Janeiro, 1978.

Lima, Francisco. O Seminário da Prainha, 1982

Maria, Padre Júlio. A Igreja e a República. Rio de Janeiro, 1900.

Menezes, Irmã Áurea Cordeiro. História Eclesiástica de Goiás, 2 Vols. Goiânia-GO, 2011.

Oliveira, Dom Oscar. Os Dízimos Eclesiásticos do Brasil. Minas Gerais, 1964.

Studart, Barão de. Datas e Fatos para a História do Ceará, 3 Vols. Fortaleza, 1910.

Idem - Dicionário Bio-Bibliográfico Cearense, 3 Vols. Fortaleza, 1915.

Albuns (históricos):

Anais Comemorativos do Seminário de Olinda - 1821-1921. Recife-PE, 1921.

Álbum Histórico do Seminário Episcopal do Ceará - 1864-1914. Fortaleza-CE, 1914.

Álbum Histórico do Seminário Episcopal do Crato - 1875-1925. Rio de Janeiro, 1925.

Jornais do Ceará:

Jornal da Fortaleza, (Quarta-Feira), 30 de novembro de 1870

Constituição (Quinta-Feira), 1º de dezembro de 1870

* Antigo funcionário graduado do Banco do Brasil - hoje, aposentado -, a quem devo a cópia do Decreto Imperial nº 3.073, de 22 de abril de 1863, e que, certamente, constitui o objeto central deste despretensioso trabalho.

Posse de Pedro Antônio no ICC

Emerson Monteiro

Pedro Antônio de Lima Santos, Pedro de Lima, Pantônio, ou Pelé, nasceu em Caxias MA, em 29 de junho de 1947, onde, nos anos 1950, estudou nos Grupos Escolares João Lisboa e Gonçalves Dias. Da época, lembra das amizades, das brincadeiras e doutras alegrias de infância.

Veio para Crato em 1960, quando seu pai, João Lima, foi transferido para a agência local do Banco do Brasil. Além dos pais, João Lima e D. Natinha, vieram juntos os irmãos Eline e Danilo, estes já falecidos; Célia, João, Ana, Luís e Raimunda. Outros irmãos seus, Márcia (também falecida), Tasso e Augusto nasceriam em Crato.

Concluiu o segundo grau no Colégio Diocesano do Crato. Ali, fez amigos que ainda guarda na lembrança e no coração. Em Crato, durante os anos 60, no Colégio Diocesano, nas ruas da cidade e nas paisagens da Serra do Araripe e do Vale do Cariri, assentou bases para

a sua formação.

Participou do Grupo de Escoteiros, do Interact Club, da União dos Estudantes do Crato, do Madrigal Intercolegial e do Jogral Pasárgada, desenvolvendo gosto pela poesia e realizando apresentações na cidade e cidades vizinhas.

Na mesma época, trabalhou na Rádio Araripe do Crato e no Jornal A Ação, com outros jovens de quem guarda boas recordações

No Crato, misturando futebol, natação, coral, jogral, teatro, jornal, movimento estudantil, molecagem e boemia, encontrou amigos, escreveu os primeiros versos e fez as primeiras incursões, nem sempre bem sucedidas, segundo diz, nos campos do amor.

Depois, em 1968, seguiu para Brasília, onde iniciou estudos de arquitetura e urbanismo. Aprenderia, então, que cada pessoa tem seu próprio *sonho feliz de cidade*, como diz Caetano Veloso. Em Brasília, entre 1968 e 1974, viveu o sentido da amizade, do companheirismo e da solidariedade na Capital Federal.

No segundo semestre de 1974, foi para Cali, Colômbia, onde se graduou e lecionou na División de Arquitectura da Universidad del Valle. *Lá, vivendo com um povo, uma cultura e uma língua diferentes, confirmei, com os amigos colombianos, minha vocação para a docência, para a democracia e para o respeito à diversidade* - afirma em texto que nos forneceu a título de subsídio para esta apresentação.

Já na segunda metade de 1978, retorna ao Brasil, passando por Brasília e João Pessoa PB, indo se fixar em Natal RN, sendo esta a cidade onde, há 30 anos, reside com sua companheira, Antoniêta Brito.

Cursou o mestrado em Antropologia Social, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (1989) e se doutorou em Estruturas Ambientais Urbanas, na Universidade de São Paulo (1998).

Trabalha na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, no Curso de Arquitetura e Urbanismo, no qual contribuiu para construção e consolidação. Em Natal, nasceram suas filhas Mariana e Joana.

Por vários mandatos, exerceu os cargos de Vice-Chefe e Chefe do

Departamento de Arquitetura da UFRN. Foi por diversas vezes membro do Conselho Superior de Ensino e Pesquisa daquela instituição de ensino superior, e do Conselho do Centro de Tecnologia, além de participar do Conselho Deliberativo da Fundação de Pesquisa e Cultura do Rio Grande do Norte.

Participou ainda do desenvolvimento do cooperativismo na UFRN, especialmente da Cooperativa Cultural Universitária, em que colaborou como Conselheiro, Secretário, Vice-Presidente e Presidente, havendo participado da fundação da Cooperativa de Ensino Superior da UFRN e da Cooperativa de Consumo dos Servidores da UFRN.

Foi Secretário da Associação de Professores da UFRN, Secretário Geral e Diretor de Política Educacional e Científica da Associação de Docentes da UFRN, da qual foi fundador e, recentemente, participou ativamente de sua transformação em Sindicato.

Em Natal, escreveu e publicou os livros: *O mito da fundação de Natal e a construção da cidade moderna*, 2000; *Natal século XX: do urbanismo ao planejamento urbano*, 2001; *Arquitetura no Rio Grande do Norte: uma introdução*, 2002; e *Saneamento e modernização em Natal: Januário Cicco, 1920*, 2003; *Luís da Câmara Cascudo e a questão urbana em Natal*, 2006; *Cidade sempre nova e outros escritos*, 2009; e *Rumo à estação progresso: mito e construção da cidade moderna*.

O Crato comemora 251 anos com várias conquistas.



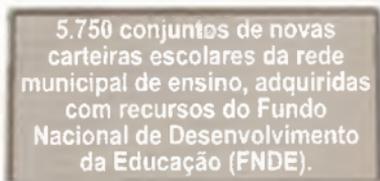
Revitalização do entorno do Estádio Mirandão.

Uma obra em parceria com o Governo do Estado, uma obra que irá oferecer melhor infraestrutura e lazer para a população.



Centro de Referência da Mulher

do município do Crato é inaugurado para o acolhimento à mulher vítima de violência.



5.750 conjuntos de novas carteiras escolares da rede municipal de ensino, adquiridas com recursos do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE).



Inaugurado o novo Centro de Especialidades Odontológicas (CEO)

Municipal, que atende a população em procedimentos de média complexidade.



Construção de 1.578 unidades

habitacionais do Programa Minha Casa Minha Vida no município do Crato, financiadas junto ao Governo Federal, em parceria com o Governo Estadual.

Investimento de mais de R\$ 80 milhões no saneamento e na rede de esgoto do município.

Itaytera

Riacho da Brígida

José Peixoto Júnior

A água das chuvas caídas nas encostas pernambucanas da Chapada do Araripe desce ao rio São Francisco pelo Riacho da Brígida, riacho que influenciou a origem das cidades do Exu, Granito e Parnamirim, as duas primeiras núcleos da circunscrição eclesiástica dirigida pelo Padre Peixoto.

A prenominação do riacho espalhou dúvida quanto à mulher de quem o nome teria sido tomado: se de Brígida Maria das Virgens, ou de outra Brígida.

Terminado o devassamento do Piauí, iniciado em 1674, os irmãos Domingos e Francisco Rodrigues de Carvalho, oficiais nessa *bandeira* com a patente de capitão, retornaram aos seus pagos. Domingos voltou ao sertão de Natuba, na Bahia, e daí ao vale do Pajeú, em Pernambuco, *cujos índios foram reduzidos à impotência*, por ele, diz o Padre Gomes,* e Francisco ficou no vale do *Grande Rio, Opara* dos índios, gerindo área

com *mais de dezesseis léguas de comprido*, extensão de sesmaria, aforada à Casa da Torre, localização das suas fazendas *Contendas e Riacho*, aí encontrado por Frei Martin de Nantes, missionário capuchinho, na recuada década de 70, antes da conquista do Piauí.

Com o falecimento de Francisco Rodrigues de Carvalho coube, por herança, a sua filha Brígida Rodrigues de Abreu, casada com o tenente Manoel da Silva Lima, a fazenda Riacho. Em 1714 o marido pagava foro dessa propriedade ao espólio do Padre Antônio Pereira, da Casa da Torre, terras que o padre obtivera por doação do governador de Pernambuco, André Vidal de Negreiros*.

No que diz respeito à toponímia do riacho, *em 1744 é mencionada a fazenda Casa Nova situada no riacho de Brígida Rodrigues*; o capitão Luis da Costa Agra, nascido em 1716, com residência na fazenda Saco, Leopoldina, atual Parnamirim, *se declara morador no riacho de Brígida Rodrigues*. Por economia vocabular, caiu o sobrenome da denominadora e o nome do riacho restringiu-se a *da Brígida*, constando assim nas cartas geográficas.

F.S.Nascimento* transcreve da *Informação Geral da Capitania de Pernambuco*, que é de 1749, a *Relação dos Rios que regão o Paiz da Capitania de Pernambuco do Cabo de Santo Agostinho para o Sul*, na qual, entre os tributários do São Francisco *pela parte do Norte* consta o *Riacho da Brizida*.

O Barão de Sturdart* dá notícia de mapa de 1754 com traçado e o nome *Riacho da Brizida*.

Fica, portanto, afastada a hipótese do relacionamento entre o topônimo e a *benfeitora de Cabrobó*, na suposição de Pereira da Costa.*.

No sertão de Rodelas várias meninas, que historicamente tornaram-se importantes, foram batizadas com o nome da Virgem e Abadessa padroeira da Irlanda. Algumas delas: Brígida Maria das Virgens, casada com o tenente de mestre geral dos sertões do distrito de Pernambuco, Carlos de Faria Machado, pais de Brígida Rodrigues de Carvalho, solteira em 1777, tia de Brígida Micaela da Costa Agra mãe de Brígida Micaela Granja.* Na atualidade, a arquiteta Brígida de Alencar.

Outra Brígida Maria das Virgens, cognominada *benfeitora de Cabrobó*, irmã do capitão Manoel Nunes de Barros, viúva do piauiense José Francisco Coelho, sem descendência, fez construir a segunda igreja matriz da padroeira de Cabrobó – Nossa Senhora da Conceição.

É curioso, o riacho serviu de nome a fazenda (Fazenda Riacho) e recebeu o nome da proprietária (Riacho da Brígida).

* As referências terão identificação no livro, em preparo, *Padre Joaquim de Alencar Peixoto*. Qualquer informação a respeito desse padre é importante para mim.

DR. AGLÉZIO DE BRITO

ADVOGADO

Itaytera

Professores recebem títulos da Urca

Elizangela Santos

O fundador do Museu de Paleontologia de Santana do Cariri, Plácido Cidade Nuvens, e uma das maiores estudiosas da religiosidade brasileira, além do cangaço, antropóloga Luitgarde de Oliveira Cavalcante Barros, foram agraciados na noite de ontem,

com o título de *Doutor Honoris Causa*, durante solenidade, na Universidade Regional do Cariri (Urca), campus Pimenta, no Crato.

Os professores Luitgarde de Oliveira Cavalcante Barros e Plácido Ci-



dade Nuvens, pelos serviços prestados à ciência e à Região do Cariri, foram agraciados na noite de ontem, com o título de Doutor Honoris Causa FOTO: ELIZANGELA SANTOS

A cerimônia foi presidida pela reitora da Urca, Otonite de Oliveira Cortez. Ela destacou que o título honorífico aos professores foi aprovado pelo Conselho Universitário da Urca, por meio de votação. Os nomes foram levantados pela grande importância que representam para a pesquisa científica, a história, o trabalho voltado para a valorização e o desenvolvimento social e econômico da região, além da literatura. De acordo com a reitora, esse é o maior título ofertado pela Universidade, concedido às pessoas que contribuíram significativamente para o desenvolvimento e o progresso da Universidade, no âmbito das ciências, do ensino ou da extensão, e também para a região e o País.

Nos últimos anos, foi aprovada a concessão de três títulos de *Doutor Honoris Causa*, na instituição, incluindo o ex-reitor, Plácido Cidade Nuvens, e da professora Luitgarde Barros, além de Madre Feitosa. A indicação do Professor Plácido e Madre Feitosa e a defesa dos nomes partiu da própria conselheira, professora Otonite, e a professora do Departamento de História da Universidade, Fátima Pinho, apresentou o nome da Professora Luitgarde, endossado pelas integrantes do conselho e Professoras, Paula Cordeiro e Renata Marinho Paz.

» RECONHECIMENTO

A apresentação de Luitgarde, durante a solenidade, foi realizada por Fátima Pinho, e do professor Plácido, pela professora Edith Meneses. Segundo a professora e historiadora da Urca, Fátima Pinho, para quem reconhece a importância da pesquisa acadêmica, estas são duas grandes personalidades, da mais alta relevância pela contribuição que têm dado ao mundo da ciência. *São duas personalidades intelectuais e merecedoras deste reconhecimento: Plácido e Luitgarde*, ressalta. Ela destaca

a professora Luitgarde Barros, como uma das mais importantes intelectuais do Brasil. Escreveu o livro sobre o Padre Cícero e a devoção popular no Juazeiro, *A terra da mãe de Deus*.

O professor Plácido Cidade Nuvens é doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Santo Tomás de Aquino - Roma, com Mestrado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana - Roma e Especialista em Língua Portuguesa pela Universidade de Lisboa. Foi vice-reitor da Urca entre 1996 e 2003 e eleito reitor na consulta realizada em 24 de maio de 2007 e permaneceu no cargo até 2011. Fundador, ex-diretor e ex-coordenador da Rede de Sustentação Científica do Museu de Paleontologia da Urca, que lhe valeu o Troféu Sereia de Ouro, do Sistema Verdes Mares de Comunicação, em 2001. Membro da equipe de Coordenação do Planejamento Estratégico da Urca- de 1992 a 2002. Foi Diretor do Centro de Ciência e Tecnologia - CCT entre os anos de 1992 e 1993, além de Diretor do Centro de Estudos Sociais Aplicados - Cesa, no ano de 1991.

Prefeito do município de Santana do Cariri entre 1983 e 1989, também foi professor do Curso de Direito desde 1974. Coordenador do Curso de Direito entre 1974-1975. Coordenador da Fundação Padre Ibiapina (1974-1982). Coordenador-Geral do Simpósio Regional de Educação, que definiu a estratégia de criação da Urca, ocorrido em 1975. Também integrante da Equipe de Implantação da Meso-Região da Chapada do Araripe, prestando relevantes serviços ao desenvolvimento regional e divulgação científica, a exemplo das riquezas na área da paleontologia, história e cultura regionais. Atualmente é coordenador do Museu de Paleontologia da Urca, em Santana do Cariri.

» RELEVÂNCIA

A antropóloga Luitgarde Barros por 15 anos lecionou na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), na qual teve suas atividades

acadêmicas encerradas no ano de 2011. É considerada uma das mais importantes intelectuais do Brasil. Nascida em Santana de Ipanema, Alagoas, em 1941, Luitgarde tem um papel importante nos estudos da religiosidade do brasileiro, especificamente na dos moradores da região Nordeste.

Os trabalhos de Luitgarde sempre foram voltados à religião na sociedade brasileira, sobretudo, a da região Nordeste do País. Os estudos dela foram norteados pelos escritos de Antonio Gramsci e divulgados através de livros, como *A Derradeira Gesta: Lampião e Nazarenos Guerreando no Sertão*, cujo texto mostra os caminhos percorridos por Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, o mais famoso cangaceiro do Brasil e do irmão dele, que acabou se tornando religioso. O livro recebeu uma indicação para o prêmio Jabuti de literatura. Nesse trabalho, Luitgarde reúne todos os detalhes para desmistificar Lampião.



Itaytera

Centenário de Vicente Leite

J. Lindemberg de Aquino

Vicente Leite foi uma das glórias nacionais que o Crato deu ao Brasil. Poucos o excederam na sensibilidade, no gosto apurado da estética, no domínio da dosagem das cores, no paisagismo telúrico, na grandiosidade, enfim, da arte da pintura.

De origem humilíssima, foi menino de infância triste. E poucos anos viveu no Crato, com cujos contrerrâneos pouco conviveu ou foi enxergado, pois nascido próximo ao bairro Batateiras - àquele tempo apenas um sítio - , não tinha intimidades com a cidade, sua terra, que era, geograficamente, distante...

A Arte, porém, que lhe era inata, o conduziu ao pedestal da glória. Cem anos são decorridos do seu falecimento, e ele é hoje nome de rua no Crato, em Fortaleza e em outras cidades. Seu nome também está imortalizado na Escola Nacional de Belas Artes e em outros recantos de cultivo das belas artes.

Justa glória de um povo.

VICENTE ROSAL FERREIRA LEITE nasceu numa casa (que não era propriedade dos seus pais) , situada no alto de uma encosta, hoje cruzamento das Avenidas Lavras da Mangabeira e Joaquim Pinheiro Bezerra de Menezes --- um dos chefes de família honrados do Crato e proprietário do imóvel. O pai de Vicente Leite era fogueteiro; fabricante, portanto, de fogos de artifício deve Ter contribuído para a alegria e encantamento das crianças de então. Data do nascimento: 6 (seis) de agosto de 1900. Pais: Félix Ferreira Leite (Félix Fogueteiro) e Maria do Rosal Ferreira Leite, moradores do seu Quinco Pinheiro. A casa pertence, hoje, aos herdeiros do Coronel. Data do felecimento: 14(catorze) de outubro de 1941, no Rio de Janeiro. Apenas quatro décadas de existência. Tão curta vida para uma imortalidade histórica !

Vicente Leite foi , sempre, um menino pobre, sem recursos. Predestinado, porém, para a Arte , notadamente para a pintura, na qual retrataria, em sua breve existência, a natura com sua riqueza infundável e eterna. Começou desenhando em calçadas e paredes; e, também, em papéis, mirando-se nas belezas da terra natal. Jovem ainda, viu espalhar-se a sua fama, que chegou ao conhecimento do nobre Presidente do Ceará, Dr. João Tomé, que lhe concedeu uma pensão para ir estudar no Rio de Janeiro. Ali o ambiente era largo; e propício ao desenvolvimento de sua arte. Inspiração não lhe faltava. Ele a tinha dentro de si, desde os tempos em que, menino, tomava banho nas límpidas águas do Rio Batateira. Tinha, realmente, gloriosa inspiração; e a transmitia em quadros de expressiva beleza, que causavam admiração a todos os que os viam. Era inspiração vinda do seu próprio eu, de sua alma, talvez de doridas lembranças da terra-berço, das paisagens de canaviais, paisagens verdes de esperança; e de felicidade, que ele pouco teve no solo natal ...

Pintava apaixonadamente --- di-lo Bruno Menezes, conterrâneo ilustre, que o conheceu --- , objetivando a perfeição , nos seus trabalhos, nos mínimos detalhes.

No Rio, cursou com brilho a Escola Nacional de Belas Artes, o marco decisivo para o aperfeiçoamento de suas habilidades de paisagista. Um dos seus quadros mais célebres retrata o Ceará dos verdes mares bravios, com as praias rendadas de coqueiros balançando verdes copas à brisa marinha.

Pouco tempo, porém, passou recebendo a pensão que o Ceará lhe dava. Isto, todavia, não o abateu. Enfrentou, com galhardia e coragem, o revés da sorte. No momento em que houve vaga para Professor na ENBA, a ela concorreu, mediante concurso, obtendo, também galhardamente, entre dezenas de candidatos, o primeiro lugar !

Pintou e ensinou ao mesmo tempo, sobressaindo-se nos círculos artísticos do Rio. Começou a expor seus quadros na Mostra Oficial. Impunha-se cada vez mais pela humana beleza e poesia que irradiava a sua pintura, a rara suavidade que seus trabalhos exprimiam. Em 1924, o primeiro prêmio: Menção Honrosa. Em 1926, Medalha de Bronze. Em 1927, Medalha de Prata. Era um contínuo produzir e aperfeiçoar. Em 1935, prêmio de viagem pelo Brasil. Esse ele aproveitou viajando por toda a Pátria, embebendo-se de luzes e cores, de paisagens e de belezas. Seus quadros, dessa longa viagem, foram todos aceitos pelos círculos culturais do País.

Veio o ano de 1940. O seu quadro ENTARDECER teve tão tremendo êxito no Salão Oficial, que Vicente Leite ganhou, com ele, prêmio de viagem ao exterior. Não viajou, todavia, porque o continente europeu ensanguentava-se em guerra. Em 1941, foi membro do júri na exposição daquele ano. Obteve, na época, sucesso absoluto com seus quadros RIBEIRÃO, MINHAS ÁRVORES e PAISAGEM DO CAMPO. Era o fim de sua vida se aproximando. Aquele seria o seu último ano sobre a terra: uma erupção, que lhe havia nascido no rosto, desenvolveu-se, grangrenou, levou-o ao Internamento da Beneficência Portuguesa. Ali, recebeu confortadoras visitas de parentes e amigos, do mundo artístico e de diversas autoridades.

Morreu pobremente na manhã de 14 de outubro de 1941. O seu

enterro foi uma verdadeira consagração.

No Crato existe apenas um quadro de sua autoria, no museu que tem o seu nome. É o RIO TURUMAM-MANAUS, obra ofertada pelo jornalista conterrâneo Bruno de Menezes. Este jornalista foi o autor da ideia de que o Crato deveria erguer um monumento a Vicente Leite... O antigo vereador Aluísio Cavalcante foi o autor do projeto que deu seu nome a uma antiga rua do Crato, a parte alta da Rua dos Cariris.

No Crato existe o MUSEU DE ARTE VICENTE LEITE, reunindo muita coisa linda. Foi criação do ex-prefeito José Miguel Soares.

Vicente Leite foi considerado, por muitos, o maior paisagista brasileiro. Glória de uma gente, que ninguém toma. Na Revista Itaytera (a do ano de 1961) há um estudo sobre Vicente Leite, de minha autoria. Ali está reproduzido o seu retrato no ano de 1941.

(Palestra proferida no Rotary Club do Crato - Centro, em 08.08.2000).



Relação dos presidentes do ICC, de 1953 a 2014

- 1º. - Irineu Nogueira Pinheiro
- 2º. - (Pe.) Antônio Gomes de Araújo
- 3º. - José Alves de Figueiredo Filho
- 4º. - João Lindemberg de Aquino (*)
- 5º. - Jósio de Alencar Araripe
- 6º. - Antônio Nírson Monteiro
- 7º. - Jefferson de Albuquerque e Sousa
- 8º. - Plácido Cidade Nuvens
- 9º. - Raimundo de Oliveira Borges
- 10º.- Manoel Patrício de Aquino
- 11º.- Olival Honor de Brito
- 12º. - José Huberto Tavares de Oliveira
- 13º. - José Emerson Monteiro Lacerda

(*) - Após o falecimento de Figueiredo Filho (29.08.1973), Lindemberg - à época Secretário Geral - assumiu interinamente a Presidência por vários meses, até a posse de Jósio de Alencar Araripe.

J.Lindemberg de Aquino assumiria, depois, a presidência por vários períodos; e por décadas, mercê de seu acendrado amor ao Crato e ao ICC, manteve vivo e pulsante o nosso glorioso Sodalício e a Revista Itaytera.

CAFÉ JOAQUIM PATRÍCIO

Uma forte tradição do Crato

No início, com Seu Joaquim e Dona Rosa, chamava-se *Café Globo* ... e lá se vão mais de 8 décadas!

Hoje, sob o comando de Ana Nery e Filhos, continua do mesmo jeito: emblemático, uma referência no Crato.

- Refeições - Bolos - Doces/salgados - Sorvetes- petiscos - Bebidas -

**Para encomendas e entregas: (88) 3521-0050
Rua Bárbara de Alencar, 936 - (Centro) Crato - CE**

Itaytera

Pedro Patrício, meu amigo

Wellington Alves (Tontom)

A notícia do falecimento de Pedro Patrício me soou dolorosa, infausta, desassossegada, não crendo no primeiro momento, esperando o despertar de um pesadelo. Que ainda permanece e fustiga minha dor e minha memória, minhas lembranças e um tempo que adoleceu em festa.

Pedro Patrício faz parte de um passado saudável, verdadeiramente feliz porque sem maldades e sem malícias, sempre prenhe de um constante otimismo e indisfarçável bom humor. Brincadeiras sem fim, um anedotário que o cotidiano do Crato nos oferecia fartamente. Ele, funcionário da Real, companhia aérea. Eu, instalado no Banco do Brasil. As noites eram terminadas quase sempre no Gaibu (de José Taveira), quando, com outros inesquecíveis amigos - Luciano Lira, Valdesley Alves, Lirismar Macedo e outros - os mesmos assuntos, os mesmos temas eram conjugados num eterno jogar de conversa fora com cuba-

libre, cigarros e um tira-gosto de linguiça e queijo de coalho.

- Tontom, Orlando Silva é o maior cantor do Brasil e não Chico Alves como você acha. Como é que pode um cantor que faz rô rô rô rô (*) ser bom?... E por aí deslizavam os xingamentos de um para o outro, numa mutualidade somente existentes entre os que se amam.

Naquelas noitadas, também declinávamos para as notícias em torno da política brasileira e internacional. A alienação jamais fez parte da nossa adolescência. Sentíamos-nos orgulhosamente politizados. Líamos o Correio da Manhã que *Seu Orestes Costa*, grande guerreiro e imenso ser humano, conseguia *importar* do Rio de Janeiro para o Café Líder. Meu Deus do Céu... eram bons demais aqueles tempos! Éramos esquerdistas dentro das limitações da nossa consciência e sabedoria. O ideário socialista nos chegava pelo O Semanário, jornal editado pelo partido comunista brasileiro. Resolvíamos todos os problemas do Terceiro Mundo quando o rum com coca cola começava a desdobrar seus efeitos etílicos. Fantasticamente idealistas éramos nós, crédulos por um mundo melhor e mais justo, com menos ganância e mais humildade, onde a justiça não tivesse despudoradamente preferência pelos poderosos, brancos e prepotentes, em detrimento dos humildes, descamisados e pretos.

Pedro Patrício e eu, e às vezes Luciano (que era de menor idade), íamos tomar doses de rum nos lupanares da cidade. O gesso geralmente era o ambiente escolhido. Mais fácil. Menos elitizado. E as nossas lucubrações juvenis se manifestavam em comentários jocosos e cheios da inigualável postura espirituosa de Pedro.

Muita saudade eu sinto agora, quando escrevo esta simples crônica em memória do grande amigo. Houve o golpe de 64.e eu fui defenestrado do Banco do Brasil, antes de viver um semestre nas selvas de Boa Vista, terra de muitos rios, floresta e uísque farto. Depois veio o Recife, onde me tornei médico. Mas apesar das distâncias geográficas, eu e Pedro nunca nos dispersamos. Nas férias, no abrigo do (Bar) Alagoano, nosso melhor cantinho na Praça da Sé, eu e meu amigo tomávamos

qualquer coisa alcoólica e deixávamos as novidades em dia.

Nalgum tempo depois, Pedro viajou pras bandas de Goiás, onde viviam alguns do seus irmãos - lembro-me bem de Chevalier, Elias... - Mas continuamos vinculados através de uma correspondência relativamente assídua. Ele me endereçava recortes de jornais, alguns de intensa raridade, e eu narrava as marcas da minha vida para ele. A política e o esquerdismo eram temas recorrentes.

Hoje, é este vácuo estranho que me cerceia a serenidade, inibe meu riso e me transtorna o sono. Não sei se é saudade de Pedro Patrício. Ou a falta dele. Talvez ambas as dores.

Meu irmão, que a terra te seja leve...

(*) Certamente uma referência a *Holandesa*, marchinha carnavalesca do repertório Rei da Voz, onde o grande Chico Viola, animando mais ainda o contagiante ritmo, faz coro em eco quando pronuncia a interjeição *oh!*. (Nota de Manoel Patrício de Aquino).



SEGURO DE
AUTOMÓVEIS

SEGURO
RESIDENCIAL

SEGURO
EMPRESARIAL

SEGURO
DE VIDA

SEGURO?

NÓS TEMOS A SOLUÇÃO.

Solicite já uma cotação
ou faça-nos uma visita.

Diassis Sobreira
88 99921.4407

Fabyano Brito
SUSEP: 10.2025429.6

88 99642.5756 | 98817.7688
fabyano.brito@socredit.com.br

 **Sobreira**
CORRETORA DE SEGUROS

uma empresa do grupo
SOCREDIT

Escritório SOCREDIT - Rua da Conceição, 549
88 2101.4700 - Centro - Juazeiro do Norte - CE
www.sobreiracorretoradeseguros.com.br

Itaytera

O destino acendeu e o tempo apagou

Geraldo Ananias Pinheiro

Sertão do Jenipapo, extremo sul do Ceará, década de 60. Zé de Té, gente do campo que vivia basicamente da agricultura: do cultivo de milho, feijão, fava, mandioca e algodão. Era um homem alto, claro, forte como um touro, olhos azuis. Trabalhava de sol a sol. Casado com Tetê, sete filhos, todos pequenos.

Apesar de trabalhar *de meia* — forma cruel de parceria em que o proprietário da terra arrenda-a pela metade de toda produção que dela o pobre agricultor tirar — e sem contar com o sofrimento da escassez de chuva no sertão, ainda assim, por ser um sertanejo forte e trabalhador, conseguia sobreviver, honrar os compromissos, e até mesmo estocar alguns alimentos.

Enquanto passava os dias na roça, contava com a ajuda da mulher e dos filhos pequenos nos trabalhos domésticos e na criação de alguns animais que representavam importante auxílio para o sustento

da família. Galinhas, capotes e patas forneciam ovos e, eventualmente, carnes para um almoço mais substancioso nos fins de semana; criação de alguns porcos e cabras que, vendidos, garantiam a aquisição de alguma roupa e outros bens de necessidades básicas.

Sabia, como ninguém, extrair dos sofrimentos forças para suportar a vida árdua no tórrido sertão cearense. Não reclamava de nada, apesar da pobreza, do sacrifício e da luta diária pela sobrevivência. Tudo era muito difícil. Às vezes, os potes ficavam vazios, faltava água até mesmo para beber. Mesmo assim, era feliz com a vida que levava e, especialmente, com a família: a mulher e a reca de filhos. O que lhe faltava em bens materiais sobrava-lhe na fé em Deus e no amor à família, alimentos imprescindíveis para a alma.

Seu principal vício era o cigarro bravo de palha — costume de quase todos os trabalhadores braçais da época. Porém havia outro que lhe trazia também algum momento de alegria, principalmente nas noites de lua clara, antes da reza, em família, para dormir: abraçar e tocar a velha harmônica no alpendre de sua casinha de taipa, sempre acompanhado pelo olhar atento e admirado da mulher e dos filhos. Eram momentos especiais de descontração e de alegria, não só dele, mas também de toda a família e, até mesmo, de alguns parentes e amigos vizinhos e que, vez por outra, vinham ouvi-lo puxar a sua sanfona velha de oito baixos. Nessas oportunidades, saboreavam um café caseiro, cheiroso, torrado em casa com rapadura e, algumas vezes, servido com um pedaço de beiju ou tapioca com amendoim, notadamente nos encontros ocorridos em dias de sábado, quando se estendiam um pouco mais.

O repertório quase sempre tirado das inesquecíveis músicas da época, sucesso no rádio, que tocavam fundo na alma do sertanejo. Representavam mais do que um grito de esperança no deserto ensolarado daquela tórrida região. Eram composições bonitas que falavam do amor à terra (*A vida aqui só é ruim, quando não chove no chão...*); da adoração à mulher sertaneja (*Sertaneja se eu pudesse, se Papai do céu me desse, um espaço pra voar...*); do sofrimento por um amor não correspondido

(Quem é que não sofre por alguém? Quem é que não chora...); da solidão e do desencanto (Quando eu morrer, no outro mundo esperarei por ti, aqui na terra, não fui feliz, o destino não quis...); da paixão incontrolável e da amargura da alma (Te amei como pode amar no mundo, amor ingrato, nem por outra meu amor te desprezei...).

Num determinado ano, o inverno veio bom. Cheiro de terra molhada, sertanejo alegre. Zé de Té, animado e cheio de esperança, fez uma grande plantação, a maior de todas, até um pouco além de sua capacidade de trabalho. E, para dar conta da empreitada, passou a trabalhar de sol a sol, inclusive nos fins de semana e feriados. Tão exausto ficava que teve de afastar-se, por alguns dias, de uma das coisas de que mais gostava: de sua querida e inseparável harmônica. Deixou-a guardadinha no baú. Só não sabia que nunca mais a pegaria de novo.

Certo domingo, saiu de madrugada para roça, sem sequer tomar o seu cafezinho com tapioca, como costumeiramente fazia. Ainda estava escuro. Aquele dia viria a se transformar num marco terrível para um grande pesadelo. Ao bater com a enxada numa moita de unha-de-gato, um dos galhos escapuliu e bateu-lhe no rosto. Para sua infelicidade, um dos grandes e agudos espinhos vazou-lhe o olho esquerdo e atingiu um pouco o outro. O desespero tomou conta daquele bravo sertanejo, que acabava de ser ferido da forma mais cruel. Contorcendo-se de dor, voltou para casa chorando, desesperado, não só pelo sofrimento físico, mas por saber que, diante do quadro, por não ter condições de se tratar, certamente teria o seu problema de saúde agravado e dificilmente poderia cuidar de sua plantação. Tudo estaria perdido e, assim, mais cedo ou mais tarde, poderia faltar o pão de cada dia para a sua família.

Procurou, a todo custo, tratar-se com remédios caseiros. Uma semana depois, porém, encontrava-se completamente cego de um olho e com perda parcial da visão no outro. Sofreu dores terríveis, sem a mínima condição de trabalho. Desespero total.

Naquele dia, sua mulher e filhos ficaram até tarde da noite a seu lado. Mesmo sofrendo muito com a difícil situação, tentavam escond-

der a pena que sentiam dele e, com muito esforço, consolá-lo. Aproveitando, porém, um momento na madrugada em que todos, exaustos, dormiam profundamente, Zé se levantou, retirou-se a passos lentos, caminhou com muita dificuldade pelo corredor, destrancou a porta e sumiu rumo a serra.

Ao amanhecer, a notícia de seu sumiço logo se espalhou. Ninguém sabia do paradeiro dele. Procuram-no na roça, em todos os prováveis lugares onde poderia estar, e nada. Os dias se passavam, e a aflição da família e amigos aumentava a cada hora. O que teria acontecido com o querido Zé de Té? Rezas e inúmeras promessas foram feitas para encontra-lo são e salvo.

Certa noite sombria, Tetê colocou a cadeira de balanço na calçada e, chorando, ficou horas e horas olhando no rumo da serra, como se de lá viesse o som choroso da harmônica acompanhando o inseparável tocador a cantar verdadeira oração a Deus, implorando por chuvas. Era como se ouvisse sua voz penosa rogando aos céus, em pedidos de clemência: *Oh, Deus, perdoe esse pobre coitado, que de joelho rezou um bocadinho pedindo pra chuva cair sem parar...*

Dias depois, encontraram o corpo de Zé de Té na serra. Ele havia cometido suicídio. Acabou-se o som da harmônica; acabou-se uma história de amor que *o tempo acendeu e o destino apagou*.

O pé de juazeiro ainda hoje chora a faltadesse valente sertanejo, mormente quando balançado pelo vento uivante que sacode a sua copa. Jamais se esquecerá do Zé, que, acompanhado de sua inseparável harmônica e com sua bela voz, alegrava as noites de luar do serão, pedindo ao céu milhões de estrelas.

Cerca de um ano depois, um parente próximo que vive pras bandas do Sul veio visitar Tetê e os filhos dela. De coração partido, ele contornou a cerca de vara entrançada que ainda hoje rodeia a velha casa. Para não fazer barulho, abriu vagarosamente a cancela. Naquele momento, começou a ouvir uma voz chorosa vinda da cozinha. Abriu a porta da casatambém com cuidado. Dirigiu-se silenciosamente cor-

redor adentro para esse local. Ao chegar lá, presenciou uma cena de cortar o coração. Tetê lavando as panelas de barro, chorando copiosamente e, se lembrando de seu grande amor, cantava, com dor na alma, uma antiga e romântica canção que muito lembrava a paixão de sua vida – *Recordação*:

Nosso amor já morreu, nosso lindo romance acabou. Pouco tempo viveu o amor que tão bem começou. Teve o desprezo de um drama o que entre nós se passou, no esplendor de uma chama que o tempo acendeu e o destino apagou. Às vezes, tenho saudade da felicidade que havia entre nós. Às vezes, tenho desejo de sentir teus beijos ouvir tua voz. Mas quando me vem na lembrança que a minha esperança é uma ilusão. Pra disfarçar o meu tédio procuro remédio na recordação.

Essa música eternizou, para sempre, aquele momento. Foi um grito da alma no silêncio da saudade de alguém que também partiu e já reencontrou o seu grande amor no outro lado da vida. Felizes estão os dois, agora, lá no céu, tendo o seu amor por Deus abençoado.

(gananiaspineiro@gmail.com)

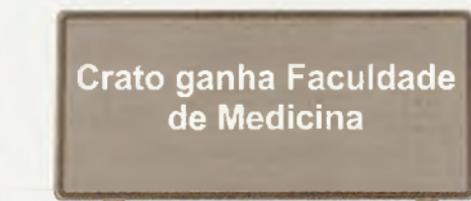


O Crato comemora 251 anos com várias conquistas.



e da Ponte da Vila São Bento, uma obra do Governo Municipal, em parceria com o Governo do Estado.

Lançamento da Cartografia Cultura do Crato, projeto que mapeia as linguagens artísticas, as práticas socioculturais sustentáveis, e o patrimônio material e imaterial do município.



em parceria com o Ministério do Turismo e Governo do Estado.



pelos seus 200 anos, com a outorga do título de Patrimônio Imaterial do Crato.

Implantação do Sistema de Abastecimento de Água no distrito de Monte'Alverne, com um reservatório de 50 mil litros e uma adutora de 2.500 metros.



PREFEITURA DO
CRATO

Mostrando Serviço

Itaytera

Jósio Araripe, meu irmão

Jales de Alencar Araripe

Assumo o devido a propósito do meu irmão Jósio, guardado agora só na memória afetiva, posto, desde uns poucos anos, materialmente ausente. Entendo sua sobrevivência nos limites das nossas lembranças.

Documentá-las, isto é, escrevê-las, será uma pouco de revivescência de suas marcas, notadamente no nosso convívio. Mais velho do que eu uns oito anos, vejo-o aluno do ginásio, então concluído no quinto ano, usando os primeiros ternos, e uns melhores calçados do que as alpercatas de praxe. Embebado, tirava repetidas fotos para o quadro de graduação, a cada vez aparecendo seu rosto pequeno, estranho àquele traje, muito menino, reclamava nossa mãe.

Foi estudar na capital, no Liceu. Mandou suas impressões dos diversos professores em correspondência para o doutor Araripe. Li essa carta nos papéis velhos guardados lá em casa. Inteligentes observações,

especialmente sobre o professor Martins Filho. Tudo num texto correto e bem desenvolvido, raro nos colegiais de hoje, incapazes de transmitir impressões mais complexas, até mesmo por carência delas.

De muita leitura, deixara em casa, no Crato, sobre uma mesinha, pequena estante de verniz escuro, sobre duas gavetas, afora aquela do próprio suporte, mantidas sob chave, pois era extremamente zeloso com suas coisas. Entre estas uma caixinha com moedinhas de tostões, donde uma vez surrupiei umas tinta e três para uma carteira de Continental, eis que começara a aderir ao vício do fumo.

Nessa estante estavam os mais cobiçados tesouros. Livros indexados, fora das recomendações dos nossos professores. Imorais. O mano os franqueou à minha sede de leituras, livrando-me daquelas sugeridas oficialmente pelo colégio de orientação clerical e herança integralista - o fascismo nacional.

Gênio era o Plínio. Bons, os livros de Coelho Neto. De José de Alencar, Lucíola, história de quenga, nem pensar. Júlio Ribeiro, só o nome do livro, *A Carne*, já sugeria o pecado

Meninote de dez a doze anos, mergulhei nos Jorge Amado, nos José Lins do Rego e, paixão das paixões, nos Eça de Queirós. Estavam lá os malditos *O Crime do Padre Amaro*, *O Primo Basílio* e *A Relíquia*.

Inteligente conversador, a todo tempo ia-me abrindo as portas da percepção. Uma vez saímos a caminhar rumo ao Seminário. Ladeira muito íngreme, supúnhamos que nem motorizados a acessassem. E lá fomos na conversa, seguindo a estrada ladeando a longa edificação. Seguiam-se casinhas simples e por fim a estrada para o sítio Misericórdia, quando nos desviamos para a direita, à procura de um célebre Poço do Jatobá, de célebre crônica pela frequência da rapaziada do Crato, enturmada com certo mistério, sob a imagem dos filmes de caubói.

Encantado pelo rico arvoredo do pé de serra, suas altas árvores e a passarada, ficávamos interados naquele ambiente e, sob tais inspirações suggestionado, Jósio passou a falar sobre o teoria da evolução de Darwin.

Culminou a andança com o encontro da estrada do sítio Guariabas, por onde desceríamos até a ladeira da Matança, alcançando por fim o Crato.

Caçador e bom atirador, usava uma espingarda vinte de repetição. Entrava mato adentro no chapadão piauiense na fazenda ancestral, enfrentando a vegetação cerradíssima, especialmente unhas de gato e amorosa. Esta, fazia questão de explicar, os espinhos eram nos dois sentidos. Se recuávamos para nos livrar deles, o agulhão de sentido contrário nos retinha.

Uma vez, lá nesse chapadão, a cachorrada disparou e o guia principal, o vaqueiro Cituba, anunciou tratar-se de um tamanduá bandeira. Arrancamos com todo ímpeto, empolgados e de corações aos saltos para vitimar uma caça grande. Noite escura,

varávamos o espinhal, repuxados nas roupas e, rompendo a resistência do tecido, corríamos com as lanternas, fachos e as armas. Aqui e ali divisávamos apenas o vulto do desesperado. Às menores indicações do perseguido, disparávamos nossas espingardas, eu uma de cartuchos vinte e oito e Jósio, uma vinte e dois de repetição. Enfim, depois de um pipoco da minha arma, o bicho arriou. Notamos, sob a pelagem espinhenta do bicho, as marcas dos chumbinhos dos meus tiros e ficamos certos de que eu o matara.

As extremidades do animal foram amarradas num pau para condução sobre os ombros de dois dos companheiros de caçada, moradores da fazenda. Além do bandeira, levávamos um tatu e um bola.

Em casa, o bicho foi separado do couro. O seu frondoso rabo serviria de espanador. Naquela operação descobrimos que os chumbinhos dos meus rumorosos tiros apenas transpuseram a pele do tamanduá, que morrera mesmo por uma balinha da espingarda de Jósio, que lhe atingira o coração.

Doutra feita, correria risco de vida, quando, com uns tantos da fazenda, perderam-se na chapada – por ali sempre chamada de serra – e ficaram bom tempo sem água, areados naquele matão fechado, uma

planura sem árvores altas e de difícil saída. Mato fechadíssimo, entrançado de cipós e espinhos. Companheiros da aventura caíram com câimbras. Foram ele e Cituba os mais resistentes até que, perscrutando de cima de alguma árvore mais alta, conseguiram situar-se.

Ano desses, em Fortaleza, encontramos e fomos a um centro comercial, bater pernas e conversar. Foram horas e horas. Guerra do Paraguai, um dos temas. É que chegara-me às mãos extenso livro a respeito. Sua mulher, Eneida – companheira de mais de 50 anos – me contaria, depois, que naquele dia ele varara a noite de um sono só, sem levantar-se uma única vez. Estando próximo dos oitenta, o prostatismo nunca lhe permitia um sono seguido.

Última vez que o vi foi na Santa Fé, distrito onde tinha um sítio bem no sopé da Chapada do Araripe, refúgio e sede de trabalhos agradáveis, muito amante que era das coisas da natureza. Esse refúgio o encantava. Sendo dotado de extraordinário tino administrativo, fizera-o economicamente produtivo e ao mesmo tempo otimamente deleitoso.

A mais importante realização de sua vida foi a família formada com Eneida, sua mulher, e os cinco filhos, Tiago, Flamínio, Zínia, Dônia e Leonel, educados sem os rigores do passado, como ele próprio o fora, ressaltaram-se especialmente como intelectuais em setores como publicidade, jornalismo e magistério.

Itaytera

Homenagem póstuma ao Dr. José Gil de Souza Borges

José Hugo de Alencar Linard Filho *

Quando recebi hoje (30/06/2006), inesperadamente, um telefonema de Dona Maria do Carrmo, senhora viúva do saudoso Professor José do Vale, encarecendo-me de, a pedido de Dona Leomar, relembrar por escrito algumas palavras que falei por ocasião da Missa de Corpo Presente do estimado mestre Dr. José Gil de Souza Borges, tendo em vista a aproximação de celebração de 7º. Dia desde o passamento deste, vi-me diante de uma missão que, creio convicto, mais afetuosa e ricamente seria desempenhada pelos parentes próximos do amigo que partiu. Família, aliás, em parte formada por operadores(as) do Direito do melhor naipe, como vem da tradição do seu patriarca, Dr. Raimundo de Oliveira Borges, reunindo --- não só por este aspecto --- todas as qualidades para levar a cabo as homenagens que se pretendem. Por outro lado, sem qualquer desiderato outro que não o de reviver a singela despedida, abracei o ensejo para, de antemão descul-

pando-me pelo *travar de voz* que me impunha a emoção naquele adeus, acrescentar, agora com mais vagar, algumas considerações.

Lanço-me neste preâmbulo para dizer que tive a boa sorte de cumprir estágio de prática forense sob a docência do Dr. Gil, na renomada banca advocatícia dele, chamada *Escritório Borges*, que por vários anos funcionou na Av. Duque de Caxias n.º 714 (Edifício Cícero Araripe), salas 211 e anexa, Centro, em Crato/CE. Quando busquei aquela que julgava a melhor opção de estágio já sabia que aquele recinto profissional --- verdadeiro laboratório jurídico --- fora paulatinamente transformado por seu idealizador numa escola --- quiçá numa universidade paralela --- para acadêmicos e bacharéis ávidos por adquirir experiência sem a qual não poderia medrar na concorrida profissão.

Não custei a perceber que Dr. Gil reunia em si atributos que o elevavam à condição de pessoa extraordinária, exemplo de superação, de personalidade, altivez, dignidade, perseverança e lucidez, virtudes em face das quais sua limitação física-parcial-congênita não ousou abalar. Estava eu, portanto, diante de uma mente privilegiada, rara, sã, o que reforçava a assertiva de que ele era um ser humano admirável, senão vejamos:

Personalidade interdisciplinar, Dr. Gil era um hermeneuta clássico e ao mesmo tempo contemporâneo, pós-moderno. Quando instado a se manifestar sobre temas diversos da Ciência do Direito ou extrajurídicos, viessem da atualidade ou da cronologia histórica; versassem sobre política, sociologia ou outras áreas do conhecimento, o que se ouvia dele eram opiniões abalizadas, posições que exaltavam seu notável saber e dignas de quem não se contentava como superficial. O diálogo do qual ele participava tendia à verticalização dos assuntos, isto é, ao aprofundamento a ponto a ponto de se chegar aos fundamentos do que era colocado em foco. Tais características faziam, dele, um filósofo e, do seu escritório, como corolário, um palco fértil de aprendizado.

Jurista eficiente e respeitado, Dr. Gil Borges era bastante conhecido no meio forense regional. Acompanhando-o entre 1994 e 1997 aos Fóruns das Comarcas de Crato, Juazeiro e Barbalha, mais frequen-

temente perante à Justiça local, por algumas vezes presenciei a aproximação de um ou outro advogado em início de carreira em início de carreira, ou mesmo já com certa experiência, vindo ver de perto a performance de Dr. Gil nas audiências, sob o argumento de que não recusaria oportunidade de aprender com quem já era considerado ícone na seara profissional. Civilista e processualista de vasta erudição, de cultura jurídica imensurável, reafirmo, sem desmerecer a plêiade de grandes nomes da advocacia do Cariri e do Ceará, que foi ele --- Dr. José Gil de Souza Borges --- o maior advogado que já vi em atuação.

Procedendo ao que vem da essência da Defensoria Pública, Dr. Gil, membro desta respeitada instituição, prestou assistência jurídica aos financeiramente pobres na forma da lei, empregando a mesma dedicação com a qual defendia os direitos da clientela particular (vinha ele de uma época em que os defensores não eram impedidos de advogar para quem podia pagar honorários). A lida e o contato diários com as pessoas durante algumas décadas de atividade revelaram também o Dr. Gil mediador e psicólogo, que sem rodeios sabia vislumbrar qualidades e fraquezas do ser humano, propondo aos seus interlocutores as melhores saídas caso-a-caso, mediante palavras verdadeiras e incentivadoras. Não raras vezes o presenciei sendo procurado no escritório por quem necessitava de aconselhamento e queria ouvir sua voz serena.

Uma ou duas páginas não bastariam para discorrer sobre o polivalente Dr. Gil. Seus inquestionáveis dons, desde os de arquiteto empírico, arguto conhecedor da Língua Portuguesa, exímio contador de anedotas, aos que o permitiam trafegar desenvolto pelo terreno da informática, tornavam-no ímpar. Aliás, enquanto a humanidade prende-se a uma corrida desenfreada em prol do progresso tecnológico em tempos de famigerada globalização, Dr. Gil tirava da internet o melhor proveito: ficava em dia com as novidades literárias e do noticiário e, claro, apreciava as artes, principalmente a música. Sem renunciar ao calor dos familiares que o cercavam, incluindo-se, nesta parte, a benfazeja companhia dos netos, o computador parecia afastar a lembrança das

rotinas passadas ou iminentes impostas pelos problemas de saúde.

Impende ressaltar que em nenhum momento Dr. Gil perdeu o encanto pela vida, nem a motivação de contemplar as boas coisas que ela o oferecia, como a aprazível e já destacada companhia da família, a natureza, a cultura nordestina, o futebol. Tinha motivos ele para jactar-se de uma história de vida bem-sucedida, cuja tônica foi o respeito ao próximo, a boa convivência, o amor ao trabalho, o exercício da cidadania, a coragem de não desistir da saúde, a sobreposição do intelecto frente ao elemento força física, paradigmas influenciados pela boa e isonômica educação que recebeu dos seus genitores.

Eis, em pouquíssimas palavras, o Dr. Gil com quem tive a honra de conviver por alguns anos no mesmo ambiente profissional. Quem com ele trabalhou teve a oportunidade de aperfeiçoar-se crítica e eticamente.

Alegre-me o fato de ter dito a ele parte do que ora escrevo, mesmo tendo sido poucas e esporádicas, porém profícuas, as últimas visitas que o fiz.

Certamente este depoimento não apresenta novidades para esposa, os filhos, pai, irmãos sobrinhos e demais parentes do multicitado Dr. Gil, posto que dotados, todos aqueles, de bastante conhecimento de causa a respeito deste. Para os que não conheceram de perto a verve luminar do Dr. Gil, vale a pena lembrar, de sua autoria, o livro *Cachoeira, Canaan e outras saudades*. Por falar em saudade, ele costumava concebê-la como *vontade de ver de novo* e como *aquilo que ficou daquilo que não ficou*. A propósito, em termos materiais pode-se concluir: ficou a presença de espírito de Dr. Gil, plasmada numa história de vida da qual ele foi protagonista.

* **O autor** é delegado de polícia civil, pós-graduado *lato sensu* em Direito Público e em Processo Penal, e mestrando [à época] em Direito Constitucional pela UNIFOR. A fotografia anexa registra o autor ao lado do saudoso Dr. Gil, no Escritório Borges, em 1995.

Itaytera

Aniversário do jornalista J. Lindemberg de Aquino

Cícero Magérbio de Lucena

Hoje, dia 04 de junho, é a data de aniversário do nosso amigo João Lindemberg de Aquino, radialista, jornalista, escritor, lenda viva da cultura do sul do Ceará. Nosso homenageado nasceu na Rua das Laranjeiras, hoje José Carvalho, em Crato, no antigo número 42 - hoje 150 - no ano da graça de 1933, filho do casal Joaquim Patrício de Aquino e Maria Rosa de Aquino .

Ainda adolescente, estudante de Ginásio do Crato, atual Colégio Diocesano, ingressou nas lides da imprensa da sua terra, escrevendo para o semanário **Ecoss da Semana** dirigido por Oswaldo Alves de Sousa e Edízio Abath.

A partir de 25 de abril de 1953, com menos de 20 anos de idade, já editava o seu próprio jornal: Voz do Cariri.

Fundado o Instituto Cultural do Cariri a 17 de outubro de 1953, dia das comemorações do Centenário da cidade do Crato, J. Lindem-

berg de Aquino foi o mais jovem dos seus sócios-fundadores, ao lado de ícones ao lado de ícones da nossa cultura como Irineu Pinheiro, J. de Figueiredo Filho, Pe. Antônio Gomes de Araújo, Bruno Menezes, Antônio de Alencar Araripe, entre outros.

Já em 1955 figurava em sua Diretoria como Secretário, ocupando ainda a Cadeira número um daquela instituição, a qual tem como patrono o Pe. Ibiapina.

Durante os próximos 50 (cinquenta) anos seria o corpo e a alma do Instituto Cultural do Cariri e o coração pulsante da sua publicação oficial, a Revista Itaytera, editada anualmente durante 43 anos, um verdadeiro tesouro em que estão guardadas as joias mais preciosas da nossa cultura e que, certamente, teriam se extraviado não fossem a persistência e o imenso amor às letras do nosso querido conterrâneo.

De sua lavra dois livros excelentes: Vida e Obra do Pe. Ibiapina e Roteiro Biográfico das Ruas do Crato. Centenas, talvez milhares, de outras publicações em inúmeros órgãos da imprensa em todo o país.

Averso às disputas regionais e profundo conhecedor da História do Cariri, foi muito bem recebido em Juazeiro do Norte, inclusive com Cadeira no Instituto Cultural do Vale Caririense, o mesmo acontecendo na Barbalha do Dr. Napoleão Tavares Neves.

Pelo conjunto da obra, considero o jornalista J. Lindemberg de Aquino o mais importante intelectual do sul do Ceará.

Me orgulho de ser seu amigo, seu conterrâneo, seu contemporâneo e espero que esta data se repita ainda por muitos e muitos anos.

Longe de mim a ideia de homenagens póstumas.

Devemos reconhecer e agradecer agora, que todos estamos vivos.

Amigo Lindemberg, obrigado por você existir; meus parabéns e um grande abraço.

Crato, 04 de junho de 2010.

(*) Dr. Cícero Magérbio, médico e escritor, é autoridade no fol-

lore nordestino. Ocupa, no ICC, a Cadeira nº.14 - Secção de Folclore - que tem como Patrono Hilário Lucetti.

»**Nota da redação:**

É frequente a citação incorreta da data de fundação do ICC. A data correta é 04 de outubro de 1953.

A data de 17 de outubro é a data da **instalação** do sodalício, o que se constata pela Ata de Fundação da entidade.

POSTO AVENIDA

FERNANDO LEITE LACERDA
14 Anos Fazendo Amigos!



Qualidade e Serviço

100%  PETROBRAS

Av. Perimetral Dom Francisco, 1020, Santa Luzia
Fone (88) 3521 0668 / Crato-CE

Itaytera

Crato turístico

Roberto Jamararu de Aquino

» OS PORQUÊS DO TURISMO NO CRATO

É com base no conjunto diverso de recursos naturais e estruturais (história, cultura, ciência, educação, urbanismo, economia, fauna, flora, lazer, hospitalidade, entre outros), que a cidade de Crato, de excelente rede hoteleira, vem, através da atual Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e Turismo, divulgando e dando ênfase a essas vertentes promocionais do nosso município, momento em que estimula a exploração de novos segmentos inerentes ao ramo, no caso o Turismo Histórico e Religioso, o ECOTURISMO, o Turismo de Aventura e o Turismo Científico. Conheçamos, pois, um pouco mais do que existe e a importância desses novos investimentos.

» A IDENTIFICAÇÃO DO MUNICÍPIO.

A cidade de Crato, conhecida como o *Oásis do Sertão Nordestino*, é um município cearense com uma população, em 2010, de 121.462 habi-

tantes. Possui área de 1 009,202 km². Altitude de 426m. Pluviosidade e temperatura médias de 1090,9 e 27°. Localiza-se no sopé da Chapada do Araripe, parte extremo-sul do estado, a 567 Km da capital Fortaleza e faz parte da Região Metropolitana do Cariri. É integrada aos principais pontos do país por meios fáceis e rápidos, nos casos a BR 116 e o Aeroporto Regional do Cariri.

Além da sede, o município possui nove distritos: Baixio das Palmeiras, Belmonte, Campo Alegre, Dom Quintino, Monte Alverne, Bela Vista, Ponta da Serra, Santa Fé e Santa Rosa.

Seus principais vultos históricos: Frei Carlos Maria de Ferrara (fundador), Bárbara de Alencar, José Martiniano de Alencar e Tristão Gonçalves (revolucionários pró-república em 1817), Joaquim Pinto Madeira, além do Padre Cícero Romão Batista, natural do município eleito o Cearense do Século XX.

» A CULTURA

A cultura do Crato, oriunda de várias etnias indígenas, como também consequência natural das tradições de seus primeiros colonizadores, se mantém rica e viva por meio de várias manifestações, muitas das quais orquestradas pelas nossas mestras, pelos nossos mestres e demais mentores do nosso folclore.

No aspecto da dança, por exemplo, citamos a do pastoril, a do maneiro pau, a do reisado, a da festa junina, além dos sons e maneios coreográficos executados pelas bandas cabaçais, onde a dos Irmãos Anicetos tem destaque nos cenários local, nacional e internacional.

Na música, seja nos estilos regional (forró, repente, aboio, embo-lada), marcial (bandas de músicas), MPB, POP ou lírico, nossos compositores, músicos, cantores e maestros, do passado e do presente, sempre deram um show de criatividade, harmonia e sonoridade. Representando a categoria citamos: Hugo Linard, Dihelson Mendonça, Divani Cabral, Cleivan, Abidoral e Pachelly Jamacaru entre muitos outros. Uma

menção especial à Orquestra Padre David Moreira, sinfônica reconhecida nacional e internacionalmente, toda ela composta de agricultores sob a regência do Padre Ágio Moreira.

Na literatura, estilos cordel, moderna, histórica ou científica, as obras dos nossos autores, inclusive a Arte de Contar História, têm sido objetos de estudos, premiações, pesquisas e elogios pelo público em geral e por várias Ordens Acadêmicas, sejam estas de dentro ou de fora do Brasil. Nomes representativos: Emerson Monteiro, José Flávio Vieira, Josenir Lacerda, Magnólia Araújo, Olival Honor, entre tantos outros.

São ainda partes ricas e integrantes da nossa cultura as técnicas em relevo da nossa xilogravura e a originalidade das formas e cores do artesanato local. Nome referência: Valderêdo Gonçalves.

Por fim as artes fotográfica, pictórica e cênica. Estas, por meio dos seus renomados fotógrafos, atores, diretores e pintores têm, nas revistas, nos quadros, nas telas e nos painéis, bem como nos espaços físicos do Centro Cultural do Araripe (Largo da RFFSA), do SESC, da Escola Raquel de Queiróz e do Teatro Manuel Salviano, e até mesmo nas amplidões das ruas e praças da nossa cidade, suas galerias e arenas naturais de consagração. Nomes em destaque: Luiz G. de Oliveira, Telma Saraiva, Pachelly Jamacaru, Edilson Rocha, Wilson Bernardo, George Macário, Orleina Moura, Cacá Araújo, Amarílio Carvalho e dezenas de outros nomes mais.

E todas essas nossas manifestações culturais são encontradas e mostradas na Biblioteca Municipal, nos campos das Universidades, nas feiras populares, no SESC e nas demais entidades de ensino da cidade. Em mais lugares: no Espaço Cordel e Arte, na sede da Academia dos Cordelistas do Crato, no Instituto Cultural do Cariri, na Fundação Figueiredo Filho, através das transmissões radiofônicas, das apresentações ao vivo e ao ar livre do Rapadura Culturarte, bem como nos ambientes dos nossos museus, no caso o Museu de Artes Vicente Leite, o Museu Histórico da Cidade, o Museu de Paleontologia e o Memorial da Imagem e do Som.

» A EXPOCRATO

A Exposição agropecuária do Crato - EXPOCRATO é um dos grandes eventos do Nordeste brasileiro. Sua realização acontece anualmente durante oito dias do mês de julho, envolvendo cultura, indústria, comércio, shows e socialização entre os participantes, no caso, os habitantes residentes, os filhos ausentes e toda gama de visitantes vinda de várias partes do país para a cidade de Crato nessa época. Nos estandes do SEBRAE, dos bancos, da indústria e do comércio são divulgados e negociados produtos e serviços de diversos portes e marcas. Já nos casos da URCA, do Estado e da Prefeitura Municipal, a vitrine fica por conta da divulgação da pesquisa científica e das publicações dos serviços realizados pelas respectivas administrações. No quesito pecuária, sempre com as participações da Associação dos Criadores do Crato, das Secretarias do Estado e dos bancos presentes, são promovidas vendas diretas, leilões e incentivo à melhoria genética do gado em exposição, no caso equino, suíno, bovino, ovino e caprino, incluindo-se aí diferentes espécies de animais, entre elas a de cães e a de aves. Na agricultura, sempre com as orientações da EMATERCE, os ensinamentos sobre a melhoria do plantio, da colheita, do estoque e da venda dos produtos, garantem ao expositor e comprador melhores condições de crescimento nos seus lucros. Nos inúmeros estantes restantes espalhados pelo Parque, as divulgações e vendas do artesanato, das comidas e das bebidas típicas misturam-se aos shows artísticos programados dando um brilho maior à festa. Antes, durante e depois da realização desse megaevento, é de suma importância destacar o apoio publicitário dado pela mídia regional e estadual (, blogs, rádio, TV, revista e Jornal) que, divulgando o evento, consegue torná-lo mais regionalizado, bem mais nacionalizado e gradativamente mais universalizado.

» TURISMO HISTÓRICO E RELIGIOSO

Representando o lado histórico, a cidade de Crato possui, no prédio da chamada Casa de Câmara e Cadeia, situado na Praça da Sé, o Museu Histórico no qual estão expostos artefatos indígenas, documentos e imagens coloniais, inclusive memória do cangaço. Nesse mesmo prédio funciona o Museu de Arte do Crato Vicente Leite que, conforme o renomado historiador cratense Armando Rafael, nele são encontradas: *obras de arte de valores incalculáveis, a exemplo da escultura em gesso de Celita Vaccani denominada Venite ad me omnes, uma imagem de Jesus Cristo de grande beleza e ainda vinte e duas telas da pintora Sinhá D'Amora, alta e marcante expressão entre os artistas de sua geração.*

Uma nova instituição de conservação e estudo, denominada de Memorial da Imagem e do Som do Cariri, foi criada na cidade de Crato pelo cineasta Jackson Oliveira Bantim (Bola). Em seu acervo encontramos peças histórica-culturais relacionadas à fotografia, à filmagem, à música, além de outras ligadas ao contexto geral do nosso folclore. Situa-se na Sede do Instituto Cultural do Cariri, Praça Filemon Teles, frente às dependências da EXPOCRATO.

No aspecto religioso, a cidade de Crato dispõe, como centro de visitação, a Sé Catedral, onde se encontra a pia batismal na qual foi ungida a criança Cícero Romão Batista, o Padre Cícero. Dispõe ainda do Seminário São José, do Palácio Episcopal, este destinado a ser sede do Memorial da Diocese do Crato. Dispõe também da Cruz do Século, um tosco monumento de madeira colocado pela população cratense na primeira hora do Século XX, significando a transição deste, coincidentemente o mesmo local onde foi morto, com tiros de arcabuz, o personagem histórico de nossa cidade de nome Joaquim Pinto Madeira.

Dispõe mais: dos rituais e quermesses da Festa de Nossa Senhora da Penha, a Padroeira da cidade de Crato, do manifesto da Festa da Santa Cruz da Baixa Rasa (Homenagem a um vaqueiro encontrado morto na Chapada do Araripe), da Comunidade do Caldeirão, esta re-

lacionada ao experimento comunitário, sócio-religioso, do Beato José Lourenço e, em breve, de um amplo centro devoto no qual está sendo erigida uma estátua, de 35 metros de altura, em homenagem à Virgem de Fátima.

» ECOTURISMO E TURISMO DE AVENTURA

Nesses casos o leque das atrações é diversificado. Por meio das trilhas da Floresta do Araripe, das estradas vicinais, das CEs ou mesmo dos espaços criados, as práticas dos esportes simples e radicais, como caminhadas, corridas, enduros de *mountain bike*, *rallys* de moto ou de jipe, entre tantos outros, estão frequentemente acontecendo. Registre-se que, em algumas modalidades, determinadas etapas dos circuitos estadual e nacional já foram praticadas aqui e exibidas na mídia para todo o país.

» TURISMO CIENTÍFICO

Além da rica biodiversidade da fauna e da flora encontrada no mosaico da Chapada do Araripe, administrada pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio, incluindo-se aí nessa estrutura de apoio o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente - IBAMA, a cidade de Crato concentra, na sede do Instituto Cultural do Cariri, o Projeto Soldadinho-do-Araripe, ave adotada pela sociedade com um símbolo da conservação da natureza, no caso o solo, as águas, os animais e as matas do Vale do Cariri. Concentra também, na Praça da Sé, o Centro de Pesquisas Paleontológicas da Chapada do Araripe, que é um Departamento Paleontológico instalado na antiga "Casa do Júri - Local no qual foi julgado o personagem histórico Joaquim Pinto Madeira. Concentra mais: a sede do GEOPARK ARARIPE, este representado pelas áreas de seis municípios do Sul do Ceará: Crato, Nova Olinda, Santana do Cariri, Barbalha, Missão Velha e Juazeiro do Norte,

totalizando 3.441 km², apresentando um vasto patrimônio biológico, geológico e paleontológico em nosso país.

Em exposição nesses dois últimos espaços preservativos encontramos, extraído da Bacia Sedimentar do Araripe (área onde se encontram dois dos principais depósitos fossilíferos do planeta, no caso as formações Crato e Romualdo), um dos maiores acervos do período cretáceo do Brasil e do mundo. São exemplares como peixes marinhos, algas, árvores, insetos, pterossauros, dinossauros, preguiça gigante e outros mais com idades estimadas entre 70 milhões a 120 milhões de anos.

» TURISMO URBANO E SUA INFRAESTRUTURA

Por fim, no centro, nos bairros e nas adjacências da chamada Princesa do Cariri, o calor humano de seus habitantes, somado à boa infraestrutura representada pelas ruas, praças, comércio, bancos, hospitais, restaurantes, bares, lanchonetes, casas noturnas, rede hoteleira, clubes recreativos, balneários, arenas culturais (Teatros, Institutos, Museus e espaços similares), incluindo-se nesse contexto os diferenciais incomparáveis da água e do clima da cidade, tudo isso, junto ou isolado, vem garantir ao visitante não só o prazer de uma visita informativa, cheia de atrações, segura e feliz. Garante e afiança nele, sobretudo, o desejo incontido de um breve retorno a fim de gozar, mais uma vez, dos eternos e inesquecíveis momentos da vida em solo cratense... Coisas raras, lúdicas e sonhadoras só encontradas no país lendário e mágico chamado de *Cratinho de Açúcar!*

r.jamacaru@hotmail.com

Sócios Beneméritos em 2013

Por ocasião das comemorações alusivas aos 60 anos de fundação do Instituto Cultural do Cariri, foram escolhidas para Sócios Beneméritos pessoas que se destacaram em seus esforços junto ao Sodalício quando da construção de nossa sede própria que recebe o nome de Edifício Dr. Raimundo de Oliveira Borges. Seguem abaixo resumos biográficos dessas personalidades:

» RONALDO GOMES DE MATTOS

Ronaldo Sampaio Gomes de Mattos nasceu em Crato CE no dia 08 de fevereiro de 1966, filho de Aldegundes Gomes de Mattos e Neuma Muniz Gomes de Mattos. Seu genitor foi vereador e Presidente da Câmara Municipal do Crato, tendo exercido interinamente as funções de Prefeito Municipal.

Estudou no Colégio Diocesano do Crato, onde concluiu o Ensino Médio. Na Capital do Estado, na Universidade de Fortaleza – UNIFOR, ano de 1989, se graduou em Geologia, área de estudos que, mais adiante, definiria sua carreira empresarial. Ao retornar a sua terra natal, juntamente com seus irmãos, criaria a Cerâmica Gomes de Mattos (CGM), empresa reconhecida por certificação internacional pela atuação ecológica correta, sendo responsável por gerar renda através das centenas de empregos diretos e indiretos que propicia.

É casado com Gilvânia, mãe dos seus filhos Iane e Hugo. Exerce na atualidade o mandato de Prefeito Municipal do Crato, pelo período de 2013 a 2016.

No seu relacionamento com o Instituto Cultural do Cariri, a exemplo de outros próceres da família, quais Raimundo Gomes de Mattos (o Gomez, jornalista e catedrático em direito), Pedro Gomes de Mattos (escritor com mais de 20 obras publicadas), Celso Gomes de

Mattos (jornalista combativo, sempre radicado no Crato) e outros, vem demonstrando identidade com os objetivos de preservação dos valores culturais da Região, assegurando as assinatura de convênio de cooperação com a Entidade, além de haver desenvolvido importantes gestões na regularização da posse definitiva de nosso prédio sede.

» ELI MENESES

Francisco Eli de Meneses nasceu em Cajazeiras PB, filho de José Lira de Meneses e Silvana Maria de Lira, sendo casado com Maria de Magdala Linhares Meneses. Coursou os primeiros estudos na Paraíba e o segundo grau em Recife PE. Radicou-se no Crato, aqui constituindo sua família e concluindo os estudos acadêmicos em Ciências Econômicas e Biologia. Especialista em Economia pela Universidade Federal do Ceará, e em Biologia pelo Ministério da Educação e Cultura.

Foi professor fundador da Escola Agrotécnica Federal em Crato, onde exerceu o cargo de Diretor. Professor fundador de escolas municipais da Sede e do Distrito de Ponta da Serra. Professor fundador da Universidade Regional do Cariri, tendo sido também Diretor do Curso de Ciências Econômicas.

Incansável articulador e defensor do desenvolvimento educacional e cultural de Crato, com larga folha de serviços prestados nessa área, recebeu, em reconhecimento, o título de Cidadão do Crato.

O Prof. Eli Meneses é amigo e benfeitor do Instituto Cultural do Cariri, se destacando por doação de livros e revistas à Biblioteca Antônio de Alencar Araripe.

» SAMUEL MACEDO LOBO

Samuel Macedo Lobo é filho de Geraldo Macedo Lobo e Adimir Macedo Lobo, natural de Crato CE, onde nasceu em 18 de julho de 1949. Casado com Marinila Calderaro Munguba Macedo (médica). Fi-

Ihos: Geraldo Munguba Macedo (médico), casado com Rejane Belchior Macedo (médica), pais de Júlia Belchior Macedo e Guilherme Belchior Macedo; e Samuel Munguba Macedo (bacharel em Direito).

Dr. Samuel Macedo é graduado em Química Industrial e em Engenharia Química, pela Universidade Federal do Ceará - UFC.

Bacharel em Direito pela Universidade Regional do Cariri - URCA.

Curso de Liderança Avançada, pelo Instituto Haggai, Maui - Havaí - Estados Unidos (2007). Mestrado e doutorado em Aconselhamento Pastoral pela Universidade Cristã da Florida - Orlando - Estados Unidos (2009).

Tabelião Substituto do Cartório do 2º Ofício da Comarca de Crato - Cartório G. Lobo (desde 1985). Pastor Presidente da Primeira Igreja Batista do Crato (1996). Presidente da Associação Cristã Esperança e Vida - ACEB.

O Dr. Samuel Macedo emvidou os maiores esforços no sentido da regularização da posse do Edifício Sede do Instituto Cultural do Cariri, orientando seus diretores no cumprimento das obrigações legais e fornecimento da documentação necessária.

» **CAPITÃO ARIIVALDO CARVALHO**

Filho de Antônio Carvalho e Isaura Linhares de Carvalho, Ariivaldo Carvalho nasceu em Jardim CE, aos 24 de agosto de 1929. Casado com Aglaís Pereira Carvalho, é o pai de Vitória Isaura, Valêncio, Higino Neto e Viviane. Agropecuarista, seguiu na mocidade a carreira militar através da Escola Militar de Realengo RJ, influenciado pelo tio Joaquim Carvalho, tenente coronel.

Funções exercidas: Instrutor do Tiro de Guerra, Delegado do Serviço Militar, Subdiretor do Ensino do Exército e auxiliar de Instrução no Colégio Militar do Rio de Janeiro. Serviu na Escola Preparatória de Cadetes, onde trabalhou com o marechal Humberto de Alencar Castelo

Branco, no quartel da 10ª. Região Militar, em Fortaleza. No desempenho da carreira militar, se voltou à educação dos jovens brasileiros na prática da moral e do civismo.

Exerceu o mandato de Prefeito Municipal do Crato de 1977 a 1982. Foi também Diretor de Crédito Especial junto ao Banco de Desenvolvimento do Ceará. Criou com outros companheiros o Lions Club do Crato - Siqueira Campos, em 1966. Sócio honorário do Rotary Club do Crato.

Sempre pugnou pelo progresso do município do Crato e desenvolveu administração dinâmica, honesta e produtiva. Foi selecionado entre os melhores prefeitos do Ceará. Presidiu a Associação dos Criadores do Crato, sendo um dos grandes baluartes pela renovação da genética dos rebanhos caririenses através dos esforços pela preservação da ExpoCrato.

Em atenção ao grande sonho do Instituto Cultural do Cariri, foi responsável pela doação do terreno sobre que ora se ergue o Edifício Raimundo de Oliveira Borges, nossa sede.

» ANTÔNIO FRANCISCO DO NASCIMENTO

Antônio Francisco do Nascimento, conhecido por Antônio Li-mão, nasceu em Crato CE em 16 de janeiro de 1934, filho de José do Nascimento e Maria Antônia da Conceição. Reside à Rua Diógenes Frazão, 166, bairro do Seminário, em Crato. Já construiu dezenas de residências. É chefe de numerosa família, sendo alguns de filhos e netos trabalhadores da construção civil. Destacou-se como o mestre de obras da construção do edifício sede do Instituto do Cariri, realizando trabalho de excepcional qualidade na obra e, por diversas vezes, quando as verbas esgotavam ele deva dias inteiros de serviço, voluntariamente, na intenção de aproveitar o restante de material ainda existente, a fim de evitar desperdício.

» JOÃO FERNANDES LIMA

João Fernandes Lima nasceu em Crato CE, filho de Francisco Fernandes de Lima e Maria Estelita Rafael de Lima. Casado com a contadora Antônia Vilma Alexandre Pereira Fernandes, sendo proprietários do escritório Vilalta Contabilidade, localizado à Rua Getúlio Vargas, 415, no Bairro Vilalta, em Crato.

Desde o início da construção do Edifício Sede do Instituto Cultural do Cariri, na década de 1990, que João Fernandes Lima (Joãozinho) vem prestando serviços contábeis ao nosso Sodalício, numa relação profissional da melhor qualidade, disponível a todos os trâmites da função, isto sem nenhum custo para os cofres da Instituição.

» JOSÉ MARIA SARTO CABRAL (in memoriam)

Projetista arquitetônico nascido em Crato CE em 16 de novembro de 1929, filho do casal José Leite Álvares Cabral e Pia Esmeraldo Cabral. Estudou no Colégio Santa Inês e na Escola Apostólica dos Padres Jesuítas em Baturité CE. Foi Secretário do Colégio Diocesano. Tesoureiro da Sociedade de Cultura Artística do Crato. Membro do Rotary Clube do Crato, do Grupo de Ação Comunitária. Projetista da Prefeitura Municipal do Crato. Membro do Coral da Sociedade de Cultura Artística do Crato. E formou-se como projetista arquitetônico pelo Instituto Universal de São Paulo. Dentre os seus projetos construídos podemos destacar o Centro de Expansão da Diocese do Crato, o Colégio Madre Ana Couto, Rádio Educadora do Cariri, Edifício Nossa Senhora da Penha, Ginásio Poliesportivo da Universidade Regional do Cariri e o edifício sede do Instituto Cultural do Cariri. Foi ocupante de uma cadeira do Instituto Cultural do Cariri.

Era casado com Maria Consuelo Albuquerque Santos Cabral, com quem teve quatro filhos: Eugênia, Inês, Inácio e Monica.

» FABÍOLA ALENCAR DE BISCUCCIA

Filha de Francisco das Chagas Alencar e Maria Matutina de Alencar Filha, casada com o empresário Ricardo Macedo de Biscuccia e mãe de Leonardo, Sílvia e Ricardo Filho. Diplomou-se em Fisioterapia pela Universidade Federal de Pernambuco em 1980. Professora colaboradora da Universidade Regional do Cariri. Eleita deputada estadual em 1998, desempenhou entre 2002 e 2003 o cargo de Secretária de Estado da Ouvidoria Geral e Meio Ambiente. Presidente do Conselho Estadual do Meio Ambiente. Presidente da Agência Reguladora de Serviços Públicos e Delegados do Estado do Ceará. Presidente do Conselho dos Direitos Humanos. Nomeada em 2003, pelo Governador do Estado do Ceará, para constituir a formação do Conselho Estadual para os Portadores de Necessidades Especiais. Vice Prefeita do Crato em 2004. Em 2005, foi nomeada Secretária de Educação do Crato. Atualmente é Diretora do Hemocentro Regional do Crato - HEMOCE. Dra. Fabíola Alencar, quando deputada estadual, dedicou-se também aos interesses do Instituto Cultural do Cariri, desenvolvendo esforços junto a Secretária da Cultura do Estado do Ceará no sentido de obter verbas para a construção de nosso edifício sede.

Farmácia Vasconcelos

Ética e Compromisso com sua Saúde

Laércio Vasconcelos

Diretor Comercial

Tels.: 88 3521.1717 / 3521.2016

Cel.: 88 99975.1241

farmacia_vasconcelos@hotmail.com

Rua Bárbara de Alencar, 901

CEP.: 63100-340

Centro - Crato - Ceará.

Itaytera

Presença do Cariri ⁽¹⁾

Melquíades Pinto Paiva ⁽²⁾

Ninguém mata as saudades da heráldica cidade do Crato e da região do Cariri - sul do Ceará. Quando muito, há uma redução da carga sentimental em relação ao espaço modificado pelo progresso, mas as reminiscências dos dias antigos aumentam de poder, à medida que deles nos afastamos no correr da velha vida.

Estes pensamentos se apoderam de mim, quando aqui me encontro para receber o nobre título de sócio efetivo do Instituto Cultural do Cariri.

Bem sei que muito devo à generosidade do meu padrinho e querido amigo de longa data, Napoleão Tavares Neves, caririense de história e de cultura amplas, que lhe conferem invulgar projeção, além de ter elevadas qualidades como cidadão e médico.

⁽¹⁾ Discurso pronunciado no Instituto Cultural do Cariri (Crato - CE - Brasil), na solenidade de posse como sócio da instituição na noite de 21 de outubro de 2011.

⁽²⁾ Professor Emérito da Universidade Federal do Ceará, sócio efetivo do Instituto do Ceará e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sócio titular de Instituto Cultural do Cariri.

Em verdade, os meus méritos para justificar tal eleição são modestos. Conheço os estudos pioneiros sobre a natureza do Cariri, tais como os de George Gardner (1812 - 1849), Francisco Freire Allemão (1797 - 1874), Alberto Lofgren (1854 - 1918), John Casper Branner (1850 - 1922) e Philipp von Luetzelburg (1876 - 1948) entre alguns outros. Suas pesquisas regionais, abrangendo a chapada do Araripe e a planície cearense que lhe é adjacente, são fundamentais, e os tenho consultado durante a elaboração de textos regionais de própria lavra.

Por outro lado, lhes digo que sou sertanejo, com sangue dos valentes índios Cariris, que tanto lutaram contra os colonos, na expansão curraleira no nordeste do Brasil. Um dos meus trisavôs paternos, padre José Tavares Teixeira, era caririense, do Crato ou de Santana do Cariri (CE), filho de Antônio Luís Alves Pequeno (o primeiro) e de Francisca Rita Tavares, portanto, irmão de Antônio Luís Alves Pequeno (o segundo). Além disto, sou parente de Irineu Nogueira Pinheiro, ilustre cidadão e brilhante intelectual no Cariri, pois ele era neto materno de Antônio Luís Alves Pequeno (o segundo) e Maria Pinto Nogueira, gente de Icó (CE), filha de Vitorino Pinto Nogueira, este tio materno do meu bisavô João Pinto Nogueira. Antonio Luís Alves Pequeno (o terceiro), foi duplamente meu aparentado, por ser filho do segundo, com o acréscimo da descendência materna.

Nascido em Lavras da Mangabeira (CE), tenho a infância e parte da adolescência banhadas na águas do rio Salgado, vindas do Cariri. Não conheci pessoalmente o padre Cícero Romão Baptista, mas recorde as sucessivas romarias que passavam pela minha cidade em busca de Juazeiro do Norte (CE). Como menino, muito esperava a chegada do *trem da feira do Crato*, nas noites das segundas-feiras, trazendo as almeçadas macaúbas. Como intelectual, louvo o passado revolucionário do Cariri, na pessoa do maior mártir cearense - Tristão Gonçalves de Alencar Araripe (1790 - 1817).

Estes motivos são mais que suficientes para explicar a minha alegria nesta noite, aumentada com recordações do velho Ginásio Dioce-

sano do Crato, onde estudei em 1944. Assim, tenho real *cultura caririense*, com forte amor telúrico que o tempo não esmaece. Aqui vos fala o ex-integrante da banda de música escolar do maestro Pathápio Benício e o cientista homenageado pela Faculdade de Filosofia do Crato, no dia 09 de abril de 1970, inaugurando o Programa Encontro com o Cientista, graças à bondade de José Newton Alves de Souza, felizmente vivo em Salvador (BA).

Não preciso enaltecer o Instituto Cultural do Cariri, fundado em 04 de outubro de 1953, na cidade do Crato. Na hipótese maluca de nada haver produzido neste caldeirão cultural, é somente necessário contraditar com a revista Itaytera agora com 44 volumes publicados (1955 - 2000). Eu me sinto honrado em passar a pertencer a esta instituição benemérita, na companhia de ilustres confrades, aqui calorosamente homenageados.

Embora fugindo de destacar personalidades fundadoras do Instituto, por medo de cometer injustiça, não escapo de lembrar quatro nomes tutelares:

- Irineu Nogueira Pinheiro, que não conheci pessoalmente, mas que nos deixou obras históricas de valor imorredouro, tais como *O Cariri* (1950) e *Efemérides do Cariri* (1963) - primeiro presidente do Instituto Cultural do Cariri;

- Antônio Gomes de Araújo, meu professor no Crato (1944), que vi varando noites nas suas pesquisas históricas, e que me ensinou o justo comportamento dos pesquisadores buscando as suas verdades - nos deixou livros do grosso valor de *A cidade de frei Carlos* (1971) e *Povoamento do Cariri* (1973).

- José Alves de Figueiredo Filho, o encontrei em poucas ocasiões, a primeira delas invadindo a sua residência para solicitar que escrevesse um livro sobre Antônio Gonçalves da Silva, o Patativa do Assaré, o que ele prontamente atendeu, disto resultando texto publicado pela Universidade Federal do Ceará (1970) - sua obra maior é *História do Cariri* (1964 - 1968);

- João Lindemberg de Aquino, velho jornalista que permanece vivo, com artigos dispersos nos mais diversos jornais, meu querido amigo de longa estrada, bom como rapadura do Cariri.

Para completar as emoções desta noite, apareço como fundador da cadeira 2 da Seção de Ciências deste Instituto, tendo como patrono João Gonçalves de Souza (1913 - 1979). Ele foi meu conterrâneo de Lavras da Mangabeira, nascido pobre no distrito de Mangabeira, amigo de tios maternos e de mim próprio. Conheci-o bem, colega engenheiro-agrônomo. Passou por inúmeros cargos e missões nacionais e internacionais, tendo chegado à superintendência da Sudene (1964 - 1966) e ministro do Interior (1966 - 1967). O principal livro por ele escrito é seminal, intitulado *O nordeste brasileiro: uma experiência de desenvolvimento regional* (1979).

Antes de encerrar estas despreziosas palavras, expresso fundos agradecimentos ao corpo de sócios desta Instituição, destacando a pessoa do seu atual presidente - Manoel Patrício de Aquino. Também, agradeço as presenças de familiares e amigos. Esta noite torna-se marcante em minha vida. Muito obrigado a todos!

» BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ALLEMÃO, F. F. - (1859 - 1860) 2006 - *Diário de viagem de Francisco Freire Alemão* (Fortaleza - Crato, 1859). Museu do Ceará, 236 pp., [4] figs., Fortaleza.

AQUINO, J. L. - 1981 - Centenário de Irineu Pinheiro. O Povo/Literatura, ed. 04/01/1981 : 5.

AQUINO, J. L. - 2005 - Nossos Presidentes - Irineu Nogueira Pinheiro. *Informativo Interno do Rotary Club de Crato*, Crato, (junho) : 3, 1 fig.

ARAÚJO, A. G. - 1971 - *A cidade de frei Carlos*. Faculdade de Filosofia do Crato, 171 pp., Crato.

ARAÚJO, A. G. - 1973 - *Povoamento do Cariri*. Faculdade de Filosofia do Crato, 143 pp., Crato.

BARROSO, G. - 1948 - Guerras de corso e de morte. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, ed. 18/12/1948 : 29, 34 e 116, [4] figs.

FIGUEIREDO FILHO, J. - (1970) 2005 - *Patativa do Assaré*. Universidade Regional do Cariri, 2ª ed., 156 pp., Fortaleza.

FIGUEIREDO FILHO, J. - (1948) 1996 - *Meu mundo é uma farmácia*. UFC - Casa de José de Alencar, 2ª ed., 187 pp., Fortaleza.

FIGUEIREDO FILHO, J. - 1964 - *História do Cariri*. Faculdade de Filosofia do Crato, volume 1, 114 pp., Crato

FIGUEIREDO FILHO, J. - 1964 - *História do Cariri*. Faculdade de Filosofia do Crato, volume 2, 111 pp., Crato.

FIGUEIREDO FILHO, J. - 1966 - *História do Cariri*. Faculdade de Filosofia do Crato, volume 3, 151 pp., Crato.

FIGUEIREDO FILHO, J. - 1968 - *História do Cariri*. Faculdade de Filosofia do Crato, volume IV, 140 pp., Crato.

FIGUEIREDO FILHO, J. & PINHEIRO, I. [N.] - 1955 - *Cidade do Crato*. Ministério de Educação e Cultura, 132 pp., [24] figs., [II] ests., Rio de Janeiro.

GARDNER, G. - (1846) 1942 - *Viagens no Brasil, principalmente nas províncias do norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836 - 1841*. Companhia Editora Nacional, X + 467 pp., São Paulo.

JORDAN, D. S. & BRANNER, J. C. - 1908 - The cretaceous fishes of Ceará, Brazil. *Smithsonian Miscellaneous Collections*, Washington, 52 (I) : 1 - 29, 22 figs., VIII ests.

LOFGREN, A. - (1910) 1923 - *Notas botânicas (Ceará)*. Inspectoria de Obras Contra as Seccas, XLII + 35 + [24] pp., 48 figs., Rio de Janeiro. Obra completada por mapa botânico publicado em separado no ano de 1910.

LUETZELBURG, Ph. v. - 1922/1923 - *Estudo Botânico do Nordeste*. Inspectoria Federal de Obras Contradas as Seccas, série I - A / publicação número 57, Rio de Janeiro. Volume primeiro: [VIII] + 108 pp., 92 figs. (em páginas não numeradas). Volume segundo: [VIII] + 126 pp., 84 figs. (em páginas não numeradas). Volume terceiro: XVI + 285 pp., [II] + 501

figs. (em páginas não numeradas).

LUETZELBURG, Ph. v. - 1938 - Dados básicos para o reflorestamento do Nordeste brasileiro. *Bol. Insp. Fed. Obr. Contr. Sec.*, Rio de Janeiro, 9 (1) : 9 - 68, 60 figs. (em páginas não numeradas).

PAIVA, M. P. - 1996 - *Memorial do centenário: José Rodrigues Tavares Paiva (1896 - 1996)*. Casa do Ceará Editora, 79 pp., [14] documentos, [13] figs., Rio de Janeiro.

PAIVA, M. P. - 2002 - *Os Naturalistas e o Ceará*. Instituto do Ceará, 354 pp., [1] + 2 figs., Fortaleza.

PAIVA, M. P. - 2010 - *Breves memórias do espaço e do tempo*. Edições Livro Técnico, 349 pp., 80 figs., Fortaleza.

PINHEIRO, I. [N.] - 1950 - *O Cariri*. Edição do Autor, 288 pp., Fortaleza.

PINHEIRO, I. [N.] - 1963 - *Efemérides do Cariri*. Imprensa Universitária do Ceará, 555 pp., Fortaleza.

SMALL, H. L. - (1913) 1923 - *Geologia e suprimento d'água subterrânea no Ceará e parte do Piauí*. Publicação 25 - série I, D. - Geologia, 2ª ed. Inspectoria de Obras Contra as Secças, 81 pp., 63 fotografias em páginas não numeradas, 22 secções e V mapas em páginas não numeradas, Rio de Janeiro.

SOUZA, J. G. - 1979 - *O nordeste brasileiro: uma experiência de desenvolvimento regional*; Banco do Nordeste do Brasil S. A., XXII + 410 pp., Fortaleza.

Itaytera

Três crônicas de Francisco Silvino

» UM PASSARINHO CANTOU

Um passarinho canta, em meu terraço, todas as tardes. Às vezes vou à janela, de mansinho, para ver de que tipo é. Normalmente é um *Jesus meu Deus*, como é chamado por aqui (descobri que é o mesmo Tico-Tico).

Canta o passarinho, e me pergunto: o que será que ele quer me dizer? Se é que ele quer me dizer alguma coisa, ou se eu é que quero ouvir alguma coisa que, porventura, ele tenha a me dizer. (já ouvi falar de gente que entende a língua dos pássaros).

E o passarinho canta, e o seu canto ecoa lá dentro de mim. Nem dá prá lembrar de coisas tristes ou desencantos. Com a leve brisa que sopra, vem, ao pensamento, recordações, de outrora e de hoje mesmo, quase agora. E lembro que sou feliz.

- Mas como não sê-lo? (é meio dia e meia, e o passarinho já chegou, e canta).

- E esse passarinho que canta, e essa brisa leve que sopra ... ?

Mas, e a miséria que me cerca, a poluição, a corrupção, o imperia-

lismo, o consumismo, o degredo do individualismo, a solidão?

Lembro do velho Pangloss, mestre de Cândido, que dizia:

... as coisas não podem ser de outro modo: pois, como tudo foi criado para uma finalidade, tudo está necessariamente destinado à melhor finalidade.

E a vida segue, nessa tarde que começa, clara e ensolarada. E penso, eu:

- Diante dessa claridade imensa do dia, há tristeza possível?

E eu mesmo me respondo: sim. Dentro do meu coração.

Mas de novo o passarinho canta, e canta, e canta. E a brisa sopra, leve, pela janela.

E a tristeza se despede, encabulada: *até outro dia, quando não houver mais passarinhos que cantem, ou quando nenhuma leve brisa mais soprar por aqui.*

E eu nem lembrei de lhe responder que *estou de malas prontas, que hoje a poesia veio ao meu encontro, que já raiou o dia e vamos viajar.*

» CHUVA

A chuva traz, com ela, lembranças. Molha, também, a memória e reaviva cheiros, sentimentos e sensações. Recordações.

Chuva miúda, lá fora. Chuva grossa, torrencial. Os respingos penetrando pelas frestas das telhas e grudando no morno dos lençóis.

E a chuva me trouxe à lembrança, Fernando Pessoa e o seu *Guardador de Rebanhos*, Alberto Caeiro.

Caminhando pela Rua do Imperador, lembrei do Alberto Caeiro. Eu tinha, na ocasião, 10 anos de idade. Ia para o Grupo Municipal Duque de Caxias, onde fazia o 4o ano primário. Nessa época, minha família morava na Rua Carapinima, próximo à Domingos Olímpio. O Grupo ficava na Rua Clarindo de Queirós, já chegando no mercado São Sebastião.

Aquele foi um ano chuvoso. Devia ser no mês de abril, esse momento. A rua molhada, bonita e tranquila, com suas árvores, suas cal-

çadas e seu calçamento de pedra.

Eu caminhava na chuva e rememorava o *Guardador de Rebanhos*, que só vim a ler, muitos anos depois, quando já fazia o 1o ano do segundo grau.

Coisas de dia chuvoso. O de hoje, e o de outrora.

Memória molhada, brincando com o tempo.

» O PECADOR É O ELEITOR? (OU, O ANALFABETO POLÍTICO)

Certa ocasião, perguntaram para o Padre Cícero, se os comerciantes que aumentavam demais o preço das mercadorias, em busca de lucro fácil, estavam pecando. Ao que ele respondeu:

- pecando está, é aquele que compra aquela mercadoria.

Ao ouvir tal *causo*, fiquei a matutar com meus botões, fazendo uma reflexão acerca do momento por que passa a sociedade brasileira, no que diz respeito à qualidade de seus parlamentares.

Na verdade, o início da conversa, que trouxe à baila o ensino do Padre Cícero, foi um acalorado debate a respeito das causas e soluções para o problema do canal do Rio Granjeiro. Inevitavelmente, como é comum acontecer, naquele momento, a culpa, também, foi atribuída aos políticos.

Parcela da nossa população, já não quer mais votar, por não mais acreditar nos políticos. Outros tantos, vendem o voto. Outros, ainda, votam por amizade, por conveniência, por promessa de emprego e por muitos outros motivos mais. Motivos até, *apolíticos*.

Quem, afinal, é o responsável, ou quem são os responsáveis por toda essa crise ética e moral que assola nossas casas legislativas, por esse Brasilão de meu Deus?

Sinceramente, depois de ouvir as palavras do Padre Cícero, faço meu *mea culpa*. É uma reflexão minha, não estou aqui a querer distribuir responsabilidades.

Nesse momento, relembro o poema *O analfabeto político*, de Ber-

thold Brecht, e coloco, em minha consciência, uma carapuça proporcional ao tamanho da minha inação política perante o meio em que convivo, e que está ao meu alcance transformar.

Será que, como eleitor, também sou um pecador?

Francisco Silvano: *professor do Curso de Direito da Universidade Regional do Cariri – URCA, compositor, músico (toca gaita/realejo), poeta. Natural de Fortaleza, mora no Crato há 25 anos.*

Itaytera

Ronaldo Gomes de Mattos

José Huberto Tavares de Oliveira

Assisti, recentemente, a grande e merecida homenagem que o povo do Crato prestou ao Dr. Ronaldo Gomes de Mattos, eleito com uma grande maioria de votos para governar o Município no período de 2013 a 2016. Foi uma vitória oportuna e justa, e, sobretudo, demonstrando o sentimento de esperança do povo desta terra a um jovem líder, de família tradicional, os Gomes de Mattos, que desponta no cenário político do nosso município.

Os Gomes de Mattos pertencem a uma estirpe valiosa, que há cinco gerações engrandece, dignifica e honra a nossa terra. São eles, nascidos ou não no Crato, homens e mulheres de elevado valor moral e cívico que há muito honraram e enobrecem o Ceará. Poderia citar muitos, mas prefiro destacar os mais próximos do novo prefeito Ronaldo Gomes de Mattos. Destacaria o Dr. Raimundo Gomes de Mattos, o Gomez - que marcou época na vida jurídica do Estado, participando

e enriquecendo o júri e a Lei com sua verve privilegiada. Por mais de 10 anos, foi diretor, professor e catedrático da Faculdade de Direito de Fortaleza, sendo jornalista, grande orador e deputado federal por várias legislaturas.

Importante também foi o jornalista Celso Gomes de Mattos, que sempre residiu no Crato e teve bela carreira em jornais e revistas cearenses.

Outro foi Deodoro Gomes de Mattos, compositor e empresário de grande destaque nos movimentos sociais da cidade. Outro, Eduardo Gomes de Mattos, emérito professor universitário no sul do País, publicitário e membro de diversas instituições literárias. Pedro Gomes de Mattos, farmacêutico e historiador, autor de uma biografia sobre Capistrano de Abreu, que foi premiada pela Academia Brasileira de Letras. Este cratense teve mais de 20 obras publicadas. Foi membro de diversas instituições literárias no Brasil e no exterior. É o genitor do atual deputado federal Raimundo Gomes de Mattos, a quem o Crato deve inúmeras verbas e recursos para o canal do rio Grangeiro, para praças e outros benefícios comunitários.

Não poderíamos esquecer Pedro Gomes de Mattos Neto, brilhante jornalista da nova geração, residente em Fortaleza.

Vale lembrar que compõem a estirpe respeitável os nomes do Dr. Antenor Gomes de Mattos e sua esposa dona Maria Muniz Gomes de Mattos, que desse enlace legaram ao Crato filhos ilustres, os quais, hodiernamente, enriquecem e honram sua terra: Alcides, Carlos, Heitor, Antenor e José Aldegundes Gomes de Mattos, que foi o prefeito do Crato de 1989 a 1992.

Por fim, quero manifestar meus sentimentos de esperança ao Dr. Ronaldo Gomes de Mattos, filho de Aldegundes Gomes de Mattos e dona Neuma Muniz Sampaio Gomes de Mattos, na importante missão à frente do Município cratense.

Itaytera

Inauguração da nova sede do ICC

Antônio Vicelmo

Com o hasteamento de bandeiras, foi inaugurada a nova sede do Instituto Cultural do Cariri (ICC), localizada na Praça Filemon Teles, em frente ao Parque de Exposições Pedro Felício Cavalcanti, em Crato. A solenidade contou com a presença da secretária de Cultura do Estado do Ceará, Cláudia Leitão, que destacou o empenho do Governo do Estado no sentido de liberar os recursos para a execução do projeto.

O Instituto Cultural do Cariri foi fundado em 04 de outubro de 1953 com a finalidade de cultivar letras históricas, estudar costumes e folclore, averiguando as origens de nossa gente, disse o atual Presidente do ICC, Manoel Patrício de Aquino (Nezim), ao agradecer o apoio do Governo.

Na última terça-feira à tarde, a secretária Cláudia Leitão assinou convênio entre a Universidade Regional do Cariri (Urca) e a Secretaria da Cultura do Estado (Secult) para implantação do Arquivo Público Regional do Cariri. O escritório funcionará na cidade do Crato e pro-

porcionará aos artistas e demais pessoas ligadas à produção da cultura uma intermediação mais eficaz entre estes e as instituições públicas, objetivando novos negócios culturais.

Dentro da programação foi inaugurado também Escritório de Empreendedorismo Cultural, que funcionará numa das salas do Sebrae, em frente à Praça Siqueira Campos, no Crato. Na oportunidade, a Secretária fez a apresentação do Plano de Ação Cultural da Bacia do Araripe.

(Diário do Nordeste - Caderno Regional (21.09.2006).

Itaytera

Barbalha de ontem e de hoje

Enéas Athanázio

O pensador Gilberto de Mello Kujawski anotou, com o costumeiro acerto, *a plenitude da Instalação do homem nordestino no seu ambiente, ou melhor, no conjunto de sua circunstância histórica, filosófica e social*. Desde que a li pela primeira vez, essa ideia se materializa num exemplo evidente, desses que saltam aos olhos e que parecem ter inspirado aquela tese. Refiro-me a Napoleão Tavares Neves e sua total identificação com o Nordeste, em geral, e com Barbalha, em particular. Sua instalação ali é tão perfeita como a do beduíno no deserto ou a do gaúcho no pampa, tanto no bem-estar físico como na interação histórica, filosófica e social.

Com efeito, desde que conheci Barbalha e Napoleão, por ocasião de minha primeira visita, entendi de pronto que ali estava um homem aclimatado, como profissional, historiador e cidadão, de tal forma que ele respira sua terra e esta se expressa através dele.

E desde então Barbalha e Napoleão formaram dentro de mim tal simbiose que a lembrança da cidade me evoca o homem e vice-versa. Napoleão, para mim, é a Barbalha que fala, escreve, discursa, mantém correspondência, diz presente, enfim. E ambos se entendem, confabulam, confiam-se segredos mútuos e se confessam sem reservas. Quando o imagino percorrendo a Rua do Vidéo, contemplando com olhos gulosos os verdejantes canaviais, as majestosas árvores centenárias, o casario colonial, as praças e os jardins, o ficcionista que existe dentro de mim logo se põe a reconstituir os diálogos entre eles e as Juras que trocam. De fato, esse é um caso de amor sem remédio, ainda que não desperte os ciúmes de D. Socorro porque é de outra natureza.

Esse amor do homem pela região e pela cidade não se comprova apenas pelos anos e anos de serviços prestados como médico, professor e cidadão engajado, mas também falando nas mais variadas ocasiões, sem perder Jamais a oportunidade de louvar sua Barbalha, o Cariri, a Chapada do Araripe, pela qual tem justa veneração, e a região como um todo geo-político-cultural. Não satisfeito, tem trilhado os caminhos pela história regional, buscando reconstituir o passado, os feitos e os vultos que erigiram o seu chão.

Exemplo bem significativo é o seu recente livro *Barbalha Cultural* (1993/2000), em cujas páginas reuniu múltiplas e variadas informações sobre a cidade e seu percurso no correr do tempo, o povo que a habita, as instituições e movimentos, alguns jornais locais através dos tempos, os colégios de ontem e de hoje, dados biográficos dos intelectuais barbalhenses, natos ou adotados, capítulo que surpreende pela quantidade de seus integrantes e pela Variedade de suas especialidades. Focaliza, em seguida, com abundância de elementos informativos, as instituições cívicas e culturais do município e fornece a cronologia administrativa/legislativa com nomes e efemérides importantes. O volume se fecha com algumas palestras do autor, proferidas em oportunidades diversas* enfocando figuras e fatos do Cariri e de Barbalha. Enriquecem o livro muitas fotos de logradouros e da arquitetura da cidade, comple-

mentando a vasta gama de informes contida. Trata-se, enfim, de um curso introdutório ao conhecimento de Barbalha, sua gente, seus recantos e seus mistérios, entre eles esse visgo que tanto prende os nativos como os visitantes pela sinceridade da afeição.

Balneário Camburiú SC, 17 de setembro de 2000, data dos 70 anos de Napoleão Tavares Neves.

H C

ADVOGADOS ASSOCIADOS

DR. HEITOR

FEITOSA MACÊDO

(88) 9951.4600

DRA. CLARISSA

MIRANDA NORÕES

(88) 9907.7895

Itaytera

O calvário de Manoel Vieira

Tadeu Alencar

Duas mortes levaram-me a percorrer o labirinto familiar: a de Manoel Vieira e a de Bazin.

Nada tiveram em comum as duas mortes senão o luto fechado de uma cidade açoitada pelo vento, como em nenhum outro lugar, frio e seco.

A de Manoel Vieira foi - como poucas - uma morte bela. Foi uma morte negra, de capa negra, de laço negro! Uma morte elegante, silenciosa e ensurdecadora como a mais torrencial das óperas de Wagner. Sua morte não quis público. Não causou alarido, pânico, desmaios.

Convidado pelo pressentimento de que ainda antes da aurora uma revoada de corujas anunciaria o seu impávido passamento - Manoel Vieira sentou-se à cama.

Não tinha o olhar transido dos condenados à morte, olho de pei-

xe vivo, olho de peixe morto.

Coçou o rosário de osso no bolso do camisão a buscar refúgio numa fé que não tinha.

Consultou a madrugada lançando à casa um olhar de quem se despede: deteve-se no cedro das ripas, nos tachos de ferro onde a cabroeira do cangaço se lambuzara de coalhada, no relógio torto da parede, prestes a esfacular sua última fração de tempo...

Não desgrudou do relógio, viu-o extinguindo o último ânimo de sua engrenagem, como se uma mola distendesse ao extremo, à imobilidade mais absoluta e fiel.

O cuco mudo para sempre, vaticinando - com seu silêncio - a recolhida glória do último suspiro de um homem desesperado à sua maneira.

1920!

Um segredo incômodo, uma revelação! Um relógio penso na parede. Um relógio caindo da parede. Um homem prisioneiro do dia da sua morte. Encurralado pelo seu destino, no cedro vigoroso daquelas toras de madeiras.

Fechando a porta dos fundos, reteve a noite, Manoel Vieira. Pôs a capa negra, as botas, o chapéu.

Foi ao encontro da morte como aos braços de uma mulher: preparou-se para o apertado enlace com uma fêmea a quem jamais vira - de tão singular - mas de todos conhecida - de tão vadia!

Andou na rua, as botas emitindo o som metálico de um punhal na pedra furando a água, de tão insistente.

Sentiu um arrepio quando o vento cortante arreganhou a copa do ficus plantado no meio da rua e a solidão cobriu seu rosto, pela última vez anuviado.

Não sentiu medo, mas um calafrio, valei-me!!!

Não havia réstia de horizonte, só o negrume da noite tomando a sua alma...

A névoa e a noite bailando com a sua inescapável solidão.

Manoel Vieira sabia que aquela morte, não sendo a primeira, não poderia ser a última e isto o angustiou...

Mas enfrentaria o seu touro na arena e o venceria com o punho de dupla cana, abrindo-lhe uma fenda na testa assassina, porém, inutilmente. O seu prazer era ver também padecer o touro, enjaulado num indeclinável propósito.

Sangue purgando sangue!

Muitas lutas sangrentas mediariam o espaço entre as duas mortes, a de Manoel Vieira e a de Bazin, quarenta e seis anos após. Cobertas pela miopia das gerações as pegadas de Manoel Vieira se punham ao perigoso alcance do esquecimento; ignorado o seu desejo irrefragável na madrugada de negro cetim, esquecidas a elegância, as luvas, a capa...

Quase de nenhuma valia o arrojado gesto senão para abrir uma ferida na história e fincar um marco que permitisse ao futuro e, por extensão, ao passado, penetrar no intrincado caleidoscópio familiar.

Possivelmente, a Manoel Vieira, quando o arrepio atravessou todos os arcos de sua espinha e sentiu-se como um cão no limite do medo, possivelmente, não lhe foi possível apreender tal serventia em certos gestos, como a de autorizar - pelo seu impacto, pela sua rudeza - a violação por nós da tranquilidade dos mortos e de seus incontáveis segredos, nós, que tantas vezes nos veremos violados, quem sabe impudicamente.

Foi pensando nas razões que levaram Manoel Vieira a tomar dos arreios de sola nova, pendurados no armazém e envolver o próprio pescoço com as tiras grossas de couro, com solene calma, com quase desleixo, mas firmemente, e sentir o nó roubar-lhe a vista; foi pensando na vertigem que sentiu Manoel Vieira quando saltou - com olho de peixe morto - para o nitrogênio do nada, o mundo ali embaixo, visto de cima pela última vez, foi pensando na fresta de luz que banhou o seu rosto aliviado na descontrolada hora, que corri a destrinçar esse novelo infundável da memória, de grosso calibre.

Manoel Vieira foi o estopim que liberou a navegação em todos os rios do meu peito, cheio de igarapés. Na morte premiou-se com o recolhimento, gozando da quietude de sua própria morte, notado que foi - tão-somente -, pelo sol alto das nove horas.

Um banco caído, um homem vestido de preto, de luvas pretas, de capa preta, de máscara, fruindo o seu indelicado gesto! A porta entreaberta deixa entrever ovelhas que passam com seus guizos, desatentas.

Alguém passa na rua fumando um cigarro de palha, indiferente às corujas bisbilhotando das janelas, insones, em festa!

Manoel Vieira fecha os olhos quando invadem o armazém e a fúnebre notícia já invadira a praça no cheiro meio-doce de sensíveis alfazemas (??), de todos logo pressentido.

Essas duas mortes selaram o meu destino; Manoel Vieira e Bazin.

E me obrigaram a um vôo sem proteção sobre o pátio das eras, onde dormem todas as paisagens e todos os riscos.

Um, meu bisavô materno, do Icó, Manuel Vieira de Albuquerque, o outro, Bazin, Padim Vovô, criou meu pai, meu primo, chamado Sebastião Afonso de Alencar, filho de Tia Liu.



Itaytera

Chapada do Araripe

Ebert Telles

Vasta extensão de terra plana,
com árvores frutíferas e florais,
onde arbustos se entrelaçam,
fazendo sombra na vegetação rasteira.

A fauna silvestre densa com aves
de diferentes nomes esvoaçam cantando,
tecendo ninhos e procura de alimentos,
no embalo contínuo de aflições diários.

No entrelaçamento do matagal, no solo,
viverem serpentes, camaleões, tatus,
onças, veados e demais convivas,
na disputa contínua de sobrevivência.

Na estação pluviométrica, a água absorvida é filtrada e enviada às centenas de nascentes do Cariri, dessedentando os habitantes do vale...

Além de ser agropastoril, a chapada é reserva arqueológica, com sede em museus de Crato, Santana do Cariri, de frequentes visitas e estudos.

De clima ameno nas estações do ano e perfumado na época de florescência, é local preferido às significativas comemorações de festas de amizades.



Itaytera

Golpe militar de 1964 visto por quem estava dentro do Palácio do Governo ao lado de Miguel Arraes

Ivan Rodrigues

Depoimento de uma testemunha ocular dos últimos momentos do Governador Miguel Arraes no Palácio das Princesas antes de ser deposto pelos militares que aplicaram o golpe de março de 1964. O advogado Ivan Rodrigues é um dos poucos sobreviventes entre os assessores do primeiro governo Arraes:

Desde a véspera, 31 de março, surgiam boatos desencontrados e realçados pela precariedade dos noticiários existentes, como sempre arrebanhando a opinião pública através de uma imprensa predisposta a servir ao poder dominante, ao sabor de suas conveniê-

cias. As conversas se prolongavam, em ritmo sempre vibrante e variado, sobre revolução, contra-revolução, golpes de estado, participação *yankee*, disposição de lutas, covardias e empáfias.

Começo a perceber gente arrumando malas e víveres em seus carros e saindo como apressados viajores. Imagino que devo fazer alguma coisa, tomar alguma atitude, romper uma passividade que me incomodava. Passei na empresa que dirigia, assinei alguns papéis mais urgentes e dirigi-me de imediato ao Palácio do Campo das Princesas.

Percebo logo uma intensa movimentação de tropas militares em seu entorno, sem interferirem, entretanto, no ingresso das pessoas ao Palácio. Até aquela hora todo mundo entrava ou saía sem dificuldades, e ali encontro centenas de pessoas que não mais consigo relembrar com segurança e não quero cometer a injustiça de omiti-los.

Assisto à chegada do Comandante do Distrito Naval, Almirante Dias Fernandes, que, trancado com Dr. Arraes no seu gabinete juntamente com Pelópidas Silveira e Celso Furtado, trazia uma proposta indecorosa em nome de um suposto Comando, que asseguraria a permanência do Governador à frente do Executivo desde que manifestasse apoio irrestrito à quartelada que já se anunciava. Proposta recusada, como todos sabem. Porém, enquanto se realizava a reunião, as tropas do Exército ocuparam a Praça da República com ninhos de metralhadoras estrategicamente colocadas visando o Palácio e sustando a entrada de qualquer pessoa daquela hora em diante. Depois, as comunicações foram cortadas e fomos desligados do mundo exterior. O corpo da guarda palaciana foi ocupado pelo Exército e ninguém mais saía do Palácio.

A certa altura, aproxima-se, pelo terraço dos fundos, o Coronel Dutra de Castilho, até então Comandante do 14.º Regimento de Infantaria, e manifesta a intenção de falar pessoalmente com o Governador.

Dr. Arraes desce do primeiro andar e vai ao encontro do Coronel, nos limites do terraço dos fundos. Com uma inevitável curiosidade, fico junto e acompanhei o incidente em todos os seus detalhes. Estabelece-

se então o diálogo, surrealista para os dias de hoje, mas que considero definidor, com extrema clareza, da situação vivenciada pelos interlocutores e de suas posições antagônicas.

Não conseguiria transcrever literalmente, mas vou tentar reproduzi-lo com a máxima fidelidade possível, sendo de notar que, em um fim de noite após o cumprimento de sua exaustiva agenda, quando ficávamos prosando até tarde, conferi com Dr. Arraes todos os detalhes.

Inicia-se a conversa e percebia-se, com absoluta nitidez, que o Coronel estava visivelmente emocionado e, em nenhum momento, deixou de tratar Dr. Arraes por *Excelência*. Diz o Coronel:

- Venho comunicar que V. Excelência está deposto.

Responde Dr. Arraes:

- O senhor não tem autoridade para me depor. Sou Governador do Estado eleito pelo povo de Pernambuco e somente ele pode me depor. Ou, então, o senhor quer dizer que estou preso e isso o senhor pode fazer pela força.

Retruca o Coronel:

- De forma alguma, Excelência. Pelo contrário, lhe daremos todas as garantias cabíveis.

E aí Dr. Arraes lhe responde, serenamente e de forma profética:

- Não preciso de suas garantias. Sou o Governador de Pernambuco e exercerei o meu mandato até o último dia, esteja onde estiver.

Feito e dito isso, Dr. Arraes encerrou o episódio e retornou ao Palácio. Este diálogo não necessita explicação, nem exige analista ou cientista político para interpretá-lo. De um lado, o poder da força, da imposição, da tutela, sedimentado em especulações delirantes dos militares sequiosos de poder.

De outro lado, a afirmação democrática de um governante altivo, impávido, destemido e legitimado por uma eleição submetida às regras republicanas e reagindo às demonstrações de força, comandadas pelas corporações obscurantistas, politicamente orientadas por um *udenismo* desesperado diante das sucessivas derrotas eleitorais.

Pouco tempo depois, subiu ao primeiro andar um capitão do Exército (vejam como a patente foi baixando), determinando que, daquela hora em diante, somente permaneceriam no Palácio o Governador e os seus familiares. Os demais teriam um pequeno prazo para deixar o prédio.

Aí acontece a parte mais constrangedora do episódio: O governador Miguel Arraes, postado em frente do elevador do primeiro andar, despede-se e aperta a mão, um a um, de todos os presentes que foram obrigados a se retirar do Palácio naquele momento.

Ainda outro acontecimento importante deve ser destacado, pois, a despeito de ter ocorrido antes de 1964, foi fator determinante para a eclosão do Golpe de 1964: Assisti, em novembro de 1963, no Salão das Bandeiras, do Palácio do Campo das Princesas, naquela longa mesa que ainda hoje existe, a assinatura do famoso Acordo do Campo. De um lado da mesa, os usineiros e senhores de engenho (hoje denominados plantadores de cana) e do outro lado os camponeses maltrapilhos, com Dr. Arraes sentado à cabeceira da mesa, dirigindo os trabalhos. Esse acordo, que completou 50 anos recentemente, de forma lamentável sem qualquer registro ou comemoração por iniciativa dos sindicatos e centrais sindicais rurais, foi um marco regulatório nas relações de trabalho no campo, com repercussão no Brasil e cultuado no mundo inteiro pelas instituições trabalhistas.

Dr. Arraes nunca foi perdoado pelos patrões, não pelas razões econômicas que lhes foram favoráveis, mas por terem de sentar à mesma mesa com os trabalhadores, fato sociologicamente inadmissível para eles, que consideravam o evento uma suprema humilhação.

E tanto foi assim que, após a tramitação das ocorrências descritas e verificadas no Palácio, no dia 1º de abril, fui conduzido ao Quartel General do Exército com outros companheiros e, recebido pelo Cel. Bandeira, encaminhado preso para o 7.º R. O., em Olinda, numa operação de remoção comandada pelo usineiro José Lopes de Siqueira Santos, da Usina Estreliana, com uma metralhadora à tiracolo e dando ordens aos

militares do Exército.

O incidente reflete verdadeiramente a autoria da inspiração, das manobras e da execução do golpe militar. Pelos antecedentes do aludido usineiro e pela autoridade que ostentava no comando da operação, imaginei que não chegaríamos ao destino previsto e quando fomos enfileirados no Corpo da Guarda daquela unidade militar, raciocinei: *Graças a Deus estamos presos.*

Costumo dizer que sou um privilegiado na medida em que fui distinguido pela oportunidade de testemunhar episódios que registram a marca de um grande patriota e líder político brasileiro. A sua história e grandeza precisam ser conservadas para exemplo das gerações que o sucederem. Estou aqui cumprindo um dever que considero fundamental para esse registro, antes que a traiçoeria me arrebate desse convívio.

Sinto, também, necessidade de registrar algumas lições que recebi do Dr. Arraes, que marcam a sua personalidade singular. Coordenei, com muito orgulho, o programa de eletrificação rural nos dois governos de Arraes, depois reconhecido como o maior programa da América Latina. Criticado por seus adversários sob a alegação de que suas iniciativas não eram estruturadoras para o desenvolvimento do Estado e sua população, Dr. Arraes respondia com muita sabedoria: *Não conheço nada mais estruturador para uma pessoa do que uma caneca de água limpa para beber e um bico de luz para alumiar a escuridão.*

Por isso mesmo, peço permissão para quebrar o protocolo e fazer uma digressão que talvez desvirtue o sentido deste evento. São episódios pessoais, mas estreitamente ligados a Dr. Arraes: Sou um velho já meio cansado que nunca amealhou riquezas, nem colecionou comendas. Não guardo rancores, nem alimento ressentimentos. Mais de 80 anos de vida dura e difícil - sabe Deus como! - alternando temporais e bonanças, mas sempre adorando a vida que, por vezes, é gratificante. Sempre tive lado e costumo dizer que *a coerência é o caminho mais espinhoso da política*".

Tive dois grandes Mestres na vida: o meu velho pai, Zébatatinha, que me ensinou o roteiro da dignidade, da cidadania e do apreço à família, e Dr. Miguel Arraes – meu líder político e amigo durante mais de 40 anos – que traduziu para mim o dever de servir à população com honradez e espírito público.



Itaytera

Instituto Cultural do Cariri - Cadeira Delmiro Gouveia

Discurso de posse de Luiz Gastão Bittencourt

Gostaria de começar por cumprimentar a todas as autoridades e amigos aqui presentes, e dizer de público do quanto me sinto honrado com o convite que me foi dirigido pelos dirigentes e integrantes desta Casa - o importante INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI - para que tomasse assento na Cadeira que leva o nome de Delmiro Augusto da Cruz Gouveia.

» **TENHO DUPLA RAZÃO PARA ME SENTIR HONRADO E FELIZ.**

Em primeiro lugar, por saber que esta cerimônia simboliza um inesperado reconhecimento, quanto ao meu papel como homem, cidadão, empresário e dirigente do SISTEMA FECOMERCIO e Presidente do SESC no Ceará, responsável por um programa de ação comunitária nesta região e organização do evento MOSTRA SESC CARIRI - do qual

muito nos orgulhamos, e que, neste ano, se encontra em sua 16 edição - com o objetivo maior de valorização das artes e culturas tradicionais e contemporâneas regionais e nacionais.

Vestir essa pelerine, que me distingue como membro do ilustre Instituto Cultural do Cariri, levou-me de volta ao tempo em que eu descobria super-heróis de quadrinhos e filmes, admirado com seus poderes e capacidades sobre-humanas, suas capas voadoras e disposição de combate ao mal. Posso dizer que, como homem, hoje, sinto-me fortalecido, por estar imbuído de novas responsabilidades, trajando aqui nesta cerimônia a pelerine que lembra-me as capas dos heróis imortais. Em nossa missão, teremos que ser, todos nós - unidos pelos mesmos ideais, defensores da cultura e das artes do povo brasileiro.

Em segundo lugar, por ocupar, neste importante Instituto Cultural, a cadeira que leva o nome de um cearense memorável, que viveu entre a segunda metade do século XIX e as duas primeiras décadas do século XX, e transitou em vida entre o Império e a República.

Nascido no Ipu, numa fazenda na Serra da Ibiapaba, em 1863, Delmiro Gouveia viveu na infância a agrura de perder cedo pai e mãe, ficando na orfandade e sendo obrigado a trabalhar ainda rapazinho de 15 anos de idade.

Com a família fora levado ainda menino para Pernambuco, onde começa a sua labuta e é movido por sua força de vontade e inegável criatividade, como comerciante de peles e couros, aos 20 anos de idade.

Trabalha inicialmente para os outros, até conseguir fundar a sua própria empresa - A Delmiro Gouveia & Companhia, no ano de 1896.

Atento aos negócios e feiras internacionais naquele final de século, inaugura um moderno centro comercial no Recife - o complexo Hotel e Mercado do Derby, que é considerado pelos historiadores o primeiro shopping center do Brasil, para o qual milhares de pessoas eram atraídas, provocando algum incômodo por seu sucesso e ousadia.

Tanto que acabou sendo alvo de uma tragédia, ao ser, aquilo tudo, incendiado supostamente por seus opositores.

Esse sinistro, segundo seus dados biográficos, somado à sua paixão por uma moça filha do governador de Pernambuco, são fatos que o colocam sob risco de vida.

Delmiro decide, em 1913, partir para o sertão de Alagoas, onde se estabelece, após a compra de uma fazenda, na localidade de Pedra, hoje chamada de Delmiro Gouveia, em sua homenagem pelo homem empreendedor que foi ali e por inúmeros benefícios que trouxe à essa zona sertaneja do rio São Francisco. Ali ele persevera na produção e comércio de couro para exportação.

Em 1912 instala uma Fábrica de linhas “Estrela” e Vila Operária, entrando em concorrência com o monopólio inglês nesse ramo em toda a América Latina. Assume ser um agente modernizador, abre estradas e explora como pioneiro a energia elétrica de Paulo Afonso. Recebe proposta de venda da sua empresa em 1916 da concorrente estrangeira e não aceita. Tem espírito nacionalista e sonha em criar ali um polo industrial em plena Primeira República, quando há predominância entre as elites nacionais das lides agrárias.

O seu modo decidido e arrojado de cuidar dos seus negócios e se antecipar aos demais, quanto aos seus empreendimentos geram inimizades, forças contrárias e perseguições, tanto por parte da elite interna, quanto de setores externos da economia. Impetuoso, casou por 3 vezes e levou uma vida de grandes paixões.

Dizem os historiadores que terá sido em função disso tudo, que ele foi assassinado, covardemente, por pistoleiros, na varanda de sua casa, quando lia distraído o seu jornal a noite.

Por ironia do destino, pois podemos pensar que, sem a lâmpada que iluminava a sua leitura do jornal, ele não seria também visto pelo pistoleiro que o baleou. O homem que levava energia elétrica àquela localidade, acabou, por assim dizer, sendo vítima de uma claridade por ela permitida.

Corria o ano de 1917 e Delmiro Gouveia contava com 54 anos de idade.

Com a morte dele, seria desmontado um projeto de desenvolvimento industrial e comercial para o sertão nordestino, quando o Brasil ainda nem sonhava com a industrialização que viveria algumas décadas depois.

Vendo o percurso desse homem, entende-se hoje, cada vez mais, por que razão ele se tornou um mito e símbolo de nossa capacidade de desenvolvimento econômico e social, de enfrentamento de dificuldades e obstáculos para alcançá-lo.

Pessoalmente, ser convocado por esta Casa a me aproximar da figura de Delmiro Gouveia, homem de comércio e indústria, de livre iniciativa e ousadia capaz de transformar a fazenda da Pedra em arrojado complexo fabril e ser um empregador capaz de reconhecer direitos sociais de seus operários, bem antes que fosse editada a nossa CLT.

Não posso dizer outra coisa que não da minha enorme e indifereçável satisfação de estar hoje nesta solenidade, irmanado com tão memorável caso de empreendedorismo, juntando-me a tão ilustres intelectuais e figuras de expressão da literatura, da história e da cultura do Cariri.

Resta-me pois, agradecer a todos vocês, por esta oportunidade de me achegar ainda mais a uma tão promissora região cearense, que cresce sem parar, em meio a uma dinâmica econômica e social admirável, que faz do Cariri uma terra abençoada em todos os sentidos: por sua riqueza, criatividade e beleza; por sua capacidade de tão bem acolher os que aqui chegam com vontade de contribuir de alguma forma para o seu desenvolvimento, no sentido mais amplo da palavra.

A todos vocês, deixo aqui o meu mais sincero agradecimento e a minha gratidão por um dos momentos mais memoráveis da minha vida, como cidadão preocupado com o bem-estar, a educação e a valorização cultural de nossa gente.

Crato, novembro de 2014.

